

O Pentecoste Coreano



William Blair & Bruce Hunt

O Pentecoste Coreano, William Blair e Bruce Hunt. Este livro foi publicado em inglês na Grã-Bretanha por The Banner of Truth Trust, Edinburgh, Scotland, 1991. ©The Banner of Truth Trust, Edinburg, Scotland. Edição em português,

© 1998 Editora Cultura Cristã.

1ª edição —1998 Tiragem — 3000 exemplares

Tradução:

Jorge Issao Noda

Revisão:

Claudete Água de Melo

Editoração:

Rissato Editoração

Capa:

Missão Evangélica de Comunicação Visual

Publicação autorizada pelo Conselho Editorial:

Cláudio Marra (Presidente), Aproniano Wilson de Macedo, Augustus Nicodemus Lopes,
Fernando Hamilton Costa, Sebastião Bueno Olinto

EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Jr. 382/394 Cambuci - SP CEP 01540-040

Cx. Postal 15.136 - CEP 01599-970 Fone (011) 270-7099 - Fax (011) 279-1255

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas

Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

ÍNDICE

Apresentação	4
INTRODUÇÃO	5
Parte I	7
O Pentecoste Coreano e Outras Experiências	7
1. Prefácio do Autor	7
2. Primeiras Impressões.....	8
3. A Preparação da Coréia para o Evangelho	12
4. Como o Evangelho chegou à Coréia do Norte.....	15
5. Pyongyang.....	18
6. Começando a Pregar	21
7. Cuidando das Igrejas	25
8. Anju	28
9. A Igreja sendo Provada	33
10. A Classe de Pyongyang	36
11. O Pentecoste Coreano.....	38
12. Os Resultados	40
Parte II	42
Os Sofrimentos da Igreja Coreana.....	42
1. O Pano de Fundo dos Sofrimentos durante a Ocupação Japonesa, 1910-1945.	42
2. Cinco dos Fiéis até a Morte.....	49
3. O Testemunho do Evangelista Kim Yoonsup	58
4. A Luta com o Comunismo	66
5. Três Mártires: Sohn Yangoon e seus dois filhos	74
Epílogo	81
OS AUTORES	82

Apresentação

Certa vez, em meados de 1989, quando era diretor do Seminário Presbiteriano do Norte em Recife, PE, solicitei à bibliotecária que fizesse um levantamento dos livros sobre avivamento espiritual disponíveis em nosso acervo. A pesquisa rendeu uma pilha de livros, que vieram parar no meu escritório, onde comecei a folheá-los. Meu desejo era preparar-me para algumas palestras que teria de fazer sobre o assunto.

Um dos primeiros foi *The Korean Pentecost* (“O Pentecoste Coreano”). Chamou-me a atenção o fato de que havia sido publicado pela *Banner of Truth Trust*, editora de linha calvinista. Fiquei estupefato! Até onde eu sabia, o avivamento na Coreia estava particularmente ligado ao nome de Paul (hoje, David?) Yonggi Cho e às manifestações carismáticas. E verdade que as igrejas presbiterianas estavam crescendo muito, mas ao final, estavam de uma forma ou de outra influenciadas pelas ênfases do movimento pentecostal. Era essa a minha impressão.

Li o livro de uma assentada. Aprendi com deleite que o avivamento havia começado em meio a profundo quebrantamento por parte dos pastores e missionários americanos, bem como dos crentes coreanos, da Igreja Presbiteriana. Longe de ser o “reavivalismo” característico do evangelismo moderno, onde a ênfase é nas manifestações carismáticas e em libertação dos males temporários, o avivamento coreano pregava santidade de vida, confissão de pecados, testemunho pessoal e vida cheia do Espírito Santo. Após a visitação do Espírito ocorrida em Pyongyang em 1907, milhares de coreanos experimentaram uma genuína obra de conversão. A evidência para minha afirmação é que poucos anos depois, quando o fogo da perseguição veio sobre a igreja coreana, com a guerra contra o Japão, os crentes coreanos permaneceram firmes na fé, apesar das centenas deles que foram martirizados. Este livro narra ao testemunho de alguns deles. Somente uma genuína obra do Espírito produziria cristãos desse calibre.

O crescimento atual das igrejas coreanas tem atraído a atenção de muitos líderes evangélicos no mundo em geral, e no Brasil em particular. Não são poucas as caravanas que partem para a Coreia em busca do segredo desse crescimento, que muitos associam com avivamento espiritual. E não raro, no desejo de experimentar também crescimento em suas igrejas, pastores tem procurado implantar o modelo das igrejas coreanas, seus métodos e costumes, em suas comunidades brasileiras locais. Creio que conhecer o avivamento de 1907 e os efeitos que produziu na vida da igreja coreana poderá ajudar os que estão desejosos de avivamento a compreender alguns dos princípios fundamentais relacionados com o fenômeno coreano.

São Paulo, Outubro de 1997.

Augustus Nicodemus Lopes

INTRODUÇÃO

Este pequeno livro escrito pelo Dr. William N. Blair foi impresso pela primeira vez em 1910 pela Junta de Missões Estrangeiras da Igreja Presbiteriana nos E.U.A. “para o uso da Junta e das Missões”. Naquele tempo, ele levou o título de *O Pentecoste Coreano e Outras Experiências no Campo Missionário*.

Somente os três últimos capítulos, ao todo nove páginas, falam de fato a respeito do que o Dr. Blair chamou de Pentecoste Coreano, que ficou mais conhecido como o “Reavivamento Coreano de 1907”.

Apesar de ter apenas três anos e meio de idade naquela época, trago comigo algumas impressões relacionadas aos emocionantes acontecimentos de 1907. Na Coréia, até os 16 anos de idade, nos anos que se seguiram ao reavivamento, e então mais tarde, durante os meus 48 anos como missionário entre os coreanos, eu tenho ouvido referências ao reavivamento de 1907 tanto por missionários como por coreanos como tendo sido o momento decisivo na história da igreja coreana. Em outros países, também, tenho ouvido falar sobre o reavivamento coreano com um respeito quase místico.

Atualmente, em alguns círculos, ouvimos as pessoas dizerem: “Precisamos de um reavivamento”, ou “Devemos orar por um reavivamento”. Em quase cada congregação na Coréia hoje, independentemente de denominação, existe uma ou mais reuniões de reavivamento por ano. E digno de nota que na própria Coréia, e especialmente em uma denominação (presbiteriana), onde a maioria de seus missionários tem reconhecido a grande influência do reavivamento de 1907 no crescimento da igreja, tem havido tão pouco do que no Ocidente é conhecido como Pentecostalismo. Somente em anos recentes é que o “movimento de línguas” e a ênfase na “cura pela fé” tem se tornado popular na Coréia.

Esta nova edição do testemunho ocular do Dr. Blair a respeito do início do reavivamento de 1907 é lançada na esperança de que possa ser usada não somente pelas Juntas e Missões, mas por todos aqueles que estão interessados em um reavivamento verdadeiro. Ela foi feita a partir de uma cópia original do Dr. Blair. Eu creio que o testemunho ocular inalterado, escrito somente três anos depois do evento, será considerado valioso para aqueles que estão interessados em missões, e para aqueles que estão tentando descobrir a origem e os resultados daquilo que tem sido amplamente considerado como um dos grandes reavivamentos.

O Dr. Blair tinha somente 25 anos de idade, recém-saído do seminário, quando chegou à Coréia com sua esposa, em 1901. Ele já estava no campo por pouco mais de cinco anos quando o reavivamento começou. Ele foi um dos pregadores da noite na Conferência Bíblica quando se desencadeou o reavivamento. Ele e o Rev. Graham Lee foram os únicos missionários presentes na reunião considerada como o início do reavivamento. Dos dois, o Dr. Blair, que foi missionário na Coréia por mais de 42 anos, se tornou a única testemunha *ocidental* que sobreviveu. Ele viveu até a idade de quase 94 anos.

Quando muitas pessoas hoje estão falando e orando por reavivamento, e presbiterianos, metodistas e episcopais sérios estão ficando impressionados pelo movimento de línguas e as massas são atraídas por supostos “curadores da fé”, é interessante que tão cedo, logo depois do reavivamento coreano, o Dr. Blair tenha sentido a necessidade de usar 44 páginas para descrever o que *precedeu* o reavivamento

e somente nove páginas para falar do reavivamento em si. E também interessante que o movimento protestante de noventa anos na Coréia, que atribui muito do seu crescimento e avanço ao reavivamento de 1907, tem, até recentemente, sido mais conhecido por sua ênfase na oração, no estudo bíblico, no trabalho pessoal, na doação sacrificial e na atividade missionária do que pelo mero emocionalismo. Também vale a pena notar que a partir de um movimento assim, tem crescido um contingente protestante de uns dois milhões e meio de seguidores, em menos de um século (Atualmente a igreja coreana perfaz 25 por cento da população).

Seria sensato que qualquer estudante sincero de missões e reavivamentos notasse, especialmente, as palavras do Dr. Blair na sua própria introdução, escritas imediatamente após aqueles acontecimentos carregados de emoção, explicando a proporção tão grande de espaço dada para o que *precedeu* ao reavivamento. Ele diz: "A princípio eu planejei escrever somente sobre aquele grande derramamento do Espírito Santo, mas os acontecimentos relacionados com a época foram tão dramáticos ou incomuns que temi serem eles mal-compreendidos se não houvesse um relato da história anterior da igreja desde o seu início e também de algumas de minhas próprias experiências com os cristãos coreanos."

Através dos anos, têm sido dadas diferentes explicações à rápida ascensão, vitalidade e fenomenal crescimento da igreja coreana. Por isso é importante notar que há 69 anos, o Dr. Blair, na sua descrição do reavivamento, não deixou de reconhecer e avaliar as condições políticas, econômicas e culturais na Coréia que Deus pode ter usado para trazer o seu povo para si mesmo.

Ainda mais interessante, contudo, à luz das práticas missionárias que mais tarde se tornaram quase rotina para o trabalho missionário na Coréia; são as observações do Dr. Blair a respeito da aplicação dia após dia e ano após ano dos princípios bíblicos e cristocêntricos, dos métodos de trabalho, e das práticas de fato que precederam ao reavivamento.

Este livro é reproduzido e divulgado hoje a fim de promover o verdadeiro reavivamento. Uns plantam, outros regam, mas Deus dá o crescimento. "De modo que nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus que dá o crescimento." "Mas um só é o mesmo Espírito realiza todas estas cousas, distribuindo-lhes como lhe apraz, a cada um, individualmente" (1 Co 3.7; 12.11).

Janeiro de 1977

Bruce Hunt 1624 Rockwell Road Abington Pa. 19001 U.S.A.

Parte I

O Pentecoste Coreano e Outras Experiências

Por William Newton Blair

Prefácio do Autor

Durante meu ano de licença, encontrei em todo lugar o maior interesse no progresso do Evangelho na Coréia e particularmente um desejo de conhecer e compreender os fatos concernentes ao reavivamento de 1901. Para satisfazer a esse desejo, escrevi as minhas próprias lembranças do reavivamento. A princípio planejei escrever somente sobre aquele grande derramamento do Espírito Santo, mas os acontecimentos relacionados com a época foram tão dramáticos ou incomuns que eu temi fossem mal compreendidos se não houvesse um relato da história anterior da Igreja desde o seu início e também de algumas de minhas próprias experiências com os cristãos coreanos durante os oito felizes anos em que vivi e trabalhei entre eles.

William Newton Blair, 1910.

Primeiras Impressões

Éramos seis navegando juntos, saindo de São Francisco em direção à Coréia, em Agosto de 1901 num navio japonês chamado *America Maru*. Estávamos saindo pela primeira vez como missionários, sob os auspícios da Junta de Missões Estrangeiras da Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos da América. Como a maioria dos marinheiros de primeira viagem, ficamos enjoados no primeiro dia mas, na segunda manhã, o mar estava calmo e belíssimo. Navegávamos em linha reta em direção à borda de uma estranha e grande bacia cheia de água de uma cor azul-esverdeada e com uma aparência sólida. Atrás de nós o navio deixava um rastro quilométrico de espuma. Parecíamos estar muito abaixo do distante horizonte, navegando continuamente para cima sem nunca chegar ao topo. Havia muitos japoneses e chineses nos conveses inferiores, de popa a proa. A maioria deles estava agachada à luz do sol se recuperando do enjôo da noite. Uns poucos já haviam espalhado suas espreguiçadeiras nos lugares à sombra, jogando com perseverança a dinheiro com cartas longas e finas ou com dados.

Logo encontramos um homem sentado à parte dos outros, vestido com a roupa mais estranha que já vi. Ele usava uma batina de seda branca, longa e folgada com mangas de quase trinta centímetros de largura. Sobre a sua cabeça havia um chapéu preto e brilhante com uma borda engomada de uns cinco ou sete centímetros e uma coroa alta no meio que lembrava um chapéu de ópera-bufa. Era feito, como fomos depois informados, de crina de cavalo firmemente urdida, bem engomada e brilhante e tão transparente que deixava perceber o modo peculiar com que o cabelo preto era penteado: um coque preso por um grampo branco que atravessava toda a parte inferior da coroa do chapéu. Do que já havíamos lido antes, sabíamos que ele deveria ser um coreano e, como estávamos indo a fim de dar a nossa vida pela Coréia, ficamos logo muito interessados e tentamos conversar com ele; mas ele sabia pouco inglês e nós nada de coreano; assim, fizemos pouco progresso. No dia seguinte, contudo, encontramos um japonês a bordo que disse que achava que poderia nos ajudar. Descendo juntos, dissemos que gostaríamos de ver os dois cavalheiros, o coreano e o japonês, escreverem naqueles misteriosos caracteres que adornam as lavanderias chinesas, a língua clássica dos chineses que todos, tanto chineses, como coreanos e japoneses usam em comum como a Europa usou o latim. Enquanto nosso amigo japonês escrevia, o coreano ficou olhando por sobre o seu ombro. Logo depois, podíamos ver a compreensão raiando na face do coreano. Ele estendeu a sua mão, tomou a caneta e escreveu, respondendo: “Meu nome é Whang. Eu não sou cristão, mas estou muito feliz em saber que vocês estão indo para a Coréia para ajudar o meu povo.”

Todos os dias, depois disso, o sr. Whang subia ao convés superior e nos ensinava palavras da língua coreana. Éramos seis em nossa equipe indo para a Coréia como missionários, como disse anteriormente: sr. E. H. Milller e sr. W. M. Barret, srta. Mattie Henry e srta. Mary Barret, e a sra. Blair e eu. Estávamos ansiosos para começar, como crianças que vão pela primeira vez à escola, incapazes de compreender a tarefa hercúlea que estava à nossa frente. Daí porque estivéssemos nos sentindo tão corajosos. Eu tenho um caderno com quase duzentas palavras que tomei dos lábios do sr. Whang. Muitas estão incorretas, algumas impossíveis de serem identificadas; contudo o caderno é tremendamente precioso para mim, porque foram os meus primeiros passos na língua coreana.

Logo chegamos ao Japão, primeiro a Yokohama e então a Kobe, onde mudamos de navio. O sr. Whang foi por um caminho e nós por outro. Eu nunca mais vi nosso amigo

e não sei se ele é cristão ou não, mas lhe serei sempre devedor. Por uma coisa: antes de partir ele deu a cada um de nós um provérbio escrito por suas próprias mãos e também um lenço branco de seda. Nós ficamos sabendo naquele instante o que desde então tenho comprovado ser verdadeiro a respeito dos coreanos. Eles são um povo amável, generoso, que sabe, a meu ver, mesmo antes de terem ouvido as palavras do Mestre, ser mais abençoado dar do que receber.

O nossa nova embarcação não era um *América Maru* e nem mesmo pode ser comparado com as barcas bem-equipadas que ligam o Japão à Coreia hoje. Era um daqueles pequenos cargueiros que pululam ao longo da costa do Japão e Coreia, com tripulação e capitão japoneses e que servem refeições supostamente exóticas.

Navegamos um dia inteiro pelo belo mar interior do Japão, contemplando sua paisagem de montanhas com pinheiros e cachoeiras em inúmeras ilhas. Sobre as florestas erguiam-se os grandes telhados curvos e talhados dos templos. Vilarejos, vilarejos por todo o caminho com suas miríades de barcos pesqueiros brancos obstruindo a zona portuária ou ziguezagueando no mar.

Finalmente alcançamos Shimonoseki, o último porto japonês e, ao pôr-do-sol, voltamos nosso rosto em direção ao oeste, para cruzar o Estreito da Coreia, a última parte da nossa viagem. O Estreito da Coreia é normalmente agitado, como o Canal da Mancha. Naquela noite, como estava agitado pela tempestade! Ficamos a noite toda prostrados, sentindo-nos terrivelmente mal e anelávamos pelo amanhecer. Finalmente ele chegou e um mar mais calmo nos disse que estávamos nos aproximando da terra. Fracos e tontos, subimos ao convés e olhamos. Lá estavam diante de nós as colinas da Coreia, nua, marrons, desoladas. Eu nunca havia visto colinas com um aspecto tão desanimador, não havia sequer uma árvore sobre elas, contrastando sensivelmente com os belos e verdejantes montes do Japão que havíamos deixado para trás. Podíamos perceber aqui e acolá nas encostas objetos brancos que à distância se assemelhavam a túmulos. “Não”, alguém disse, “não são túmulos, mas coreanos cortando arbustos e até grama e amarrando-os em feixes para usá-los como combustível nas lareiras abertas sob as suas casas.”

Após o café da manhã, deixamos o navio e fomos numa sampana (Embarcação oriental; N. do Editor) para Fusan, o porto da Coreia. Fusan, na época, não era digna de ser chamada de cidade. Era somente um ajuntamento de cabanas com paredes de barro e palha. Aqui e ali se via uma casa com telhado. Eram tão baixas que seus telhados podiam ser tocados por qualquer um que passasse pela rua. Talvez não fosse justo falar de ruas. A maior parte dos caminhos eram estreitos corredores ziguezagueando por entre as casas. A cidade não possuía qualquer tipo de esgoto e a sujeira saía das casas numa lenta e esverdeada corrente em direção às fossas abertas.

Muitos coreanos nas ruas se voltavam para nos olhar enquanto passávamos por eles. Alguns homens estavam limpos, mas a maioria deles usava vestes brancas sujas com imundas faixas na cabeça e cabelos despenteados. As crianças, que brincavam nuas nas ruas, fugiam gritando quando nos aproximávamos e as velhas senhoras de faces enrugadas e curtidas como couro saíam apressadamente de suas casas para ver o que estava acontecendo. Algumas, com bebês amedrontados às costas, não paravam para colocar uma saia sobre as calças que usavam dentro de casa. Outras vestiam jaquetas curtas que cobriam uma parte dos seios. Muitas saíam sem suas jaquetas, simplesmente como estavam enquanto trabalhavam na cozinha. Enquanto isso, os cães bisbilhotavam por entre orifícios quadrados sob os muros. Em bandos, latiam ruidosamente. Os cães coreanos simplesmente têm ojeriza dos ocidentais. Em todos os anos em que estive na Coreia consegui fazer amizade somente com um cão coreano e ele parecia ter sangue estrangeiro em suas veias. Até as crianças pagãs em Pyongyang saíam de suas casas e se curvavam diante de nós como o seu simpático “Pyeng-an-ha-

sim-neka?" ("Você está em paz?"), mas os cães continuam não gostando da gente tão ferozmente como há nove anos atrás. Na calada da noite, não importava quão silenciosamente eu tentasse deslizar pelas ruas, os cães me farejavam e despertavam a vila com o seu latido barulhento. Os coreanos dizem que nós estrangeiros temos um cheiro ofensivo de que os cães não gostam. Lá em Fusan, também, pela primeira vez vimos porcos coreanos, aqueles garimpeiros das cidades asiáticas, com seus longos focinhos, costas finas e barrigas se arrastando pelo chão. Não admira que Moisés tenha proibido aos filhos de Israel comer carne de porco. Nós nunca fizemos questão de comer carne de porco na Coréia.

Ainda era o mês de agosto, a estação quente em que a chuva e o sol quente se alternam. O sol, com toda a sua força do meio-dia, ardia sobre o chão molhado pela chuva até que a água começava a evaporar e o fedor subia da cidade como uma nuvem. Enfraquecidos pelo enjôo da noite, nós dificilmente conseguíamos resistir ao impulso de retornar ao nosso navio e voltar para a bela América de onde tínhamos vindo. Foi quando agradecemos a Deus pelo cavalheiro coreano que tínhamos encontrado no *America Maru*. Nós sabíamos que nem todos os coreanos eram tão sujos e desesperançados como os que encontramos em Fusan, mas em algum lugar por trás daquelas montanhas existiam homens como Whang. Assim, ganhamos coragem e continuamos a viagem.

Hoje (Começo do século XX. Não se esqueça disso ao avaliar toda a descrição aqui feita; N. do Editor) há uma estrada de ferro ligando Fusan a Seul, a capital e ao longo da costa ocidental até Wei Ju. Mas ainda estávamos em 1901 e a estrada só seria construída mais tarde. Deixando Fusan naquela noite, prosseguimos pela costa sul da Coréia no mesmo navio japonês que nos havia trazido do Japão e chegamos na noite do segundo dia a Mok-po, um pequeno porto localizado na ponta sudoeste da península onde os presbiterianos do sul (dos Estados Unidos; N. do E.) têm um posto missionário. Descemos à terra no escuro e pouco podíamos ver do lugar a não ser o que pertencia a tênue luz que as janelas de papel deixavam passar. Passando pelo vilarejo, cruzamos o que parecia ser um grande baixio de barro e chegamos à casa do dr. Owen. Como era bom ver novamente um lar americano e a luz reluzindo através das janelas de vidro. O dr. Owen nos recebeu com saudações sulistas e nos levou para ver a igreja coreana, um prédio em estilo nativo com cerca de 6 x 12m com papel branco nas paredes, tapetes limpos no chão e uma cortina dividindo a sala em duas partes. Estava acontecendo uma reunião de oração vespertina. Cerca de vinte homens estavam sentados de um lado e cerca de vinte mulheres sentadas no outro, não vestidos com roupas sujas como os coreanos que tínhamos visto em Fusan, mas num branco impecável. Enquanto entrávamos, alguém começou a orar e todos se dobraram para a frente até que sua testa encostasse reverentemente no tapete que havia no chão, ao modo tipicamente oriental.

Depois da oração o dr. Owen lhes contou quem éramos, o que interrompeu a reunião. Todos se juntaram à nossa frente, ansiosos para nos dizer o quanto estavam contentes por termos vindo de tão longe para ajudar o povo coreano. Jamais esquecerei uma mãe anciã que colocou as minhas mãos entre as suas e derramou uma torrente de palavras sem sentido para o meu ouvido; mas as lágrimas nos seus olhos e o amor no seu rosto não precisavam de tradução. Muitas vezes nós sabemos a diferença do cristão para o pagão mesmo antes que ele fale, por causa da sua face transformada. Nós nunca tivemos qualquer dificuldade em reconhecer uma anciã que fosse cristã. Por toda sua vida ela esteve na ignorância e virtual escravidão; para o seu esposo dificilmente era mais valiosa do que o gado que ara o seu campo, levantando-se de madrugada para fazer as refeições para o seu senhor e mestre, comendo do que restasse, depois que ele tivesse terminado de comer, trabalhando, muitas vezes com um bebê nas costas, não somente em casa, mas frequentemente no campo, com os homens. Rejeitada ao nascer, não amada através da sua vida e sem esperança de um mundo melhor no além, ela vive

continuamente com medo dos demônios que povoam a terra e o céu; com medo de viver e, mais ainda, com medo de morrer. Quando para tal anciã coreana, prestes a passar para os desconhecidos terrores do além, chega a mensagem do amor de Deus, do perdão e de um lar no céu e ela compreende o suficiente para saber que Deus a ama e deu o seu Filho em seu lugar, toda a glória destas coisas enche a sua alma até transbordar. A mensagem brilha como o brilho do sol, embelezando com o amor de Jesus o seu rosto envelhecido.

Naquela noite em Mok-po, quando os cristãos coreanos se reuniram ao nosso redor dando-nos as boas-vindas, o temor e o sentimento de estranheza, a impossibilidade de olhar por trás das máscaras que escondem os sentimentos do oriental, tudo caiu por terra num instante e tenho sentido desde então que estou tão próximo de um coreano cristão quanto de um irmão americano.

A Preparação da Coréia para o Evangelho

De Mok-po partimos na direção norte ao longo da costa oeste, por entre as milhares de ilhas que formam o arquipélago coreano. A costa oeste, num contraste marcante com a desagradável costa leste, é belíssima. Algumas das ilhas são grandes, com vilarejos em vales abrigados; quase todas têm árvores e brilham com flores. As montanhas na metade ocidental da península são baixas, entremeadas com vales largos e férteis e com muitos rios desaguando no Mar Amarelo.

A Coréia tem por volta de 960km de comprimento por 240km de largura, repousando entre os paralelos 33 e 43, numa latitude aproximada da porção central dos Estados Unidos. Ao norte, o clima é frio com 60cm de neve sobre o solo no inverno. O sul é como o do Japão, semi-tropical com arbustos de bambu.

O país abunda em caça pequena, com veados e ursos pardos ao norte e javalis selvagens, leopardos e uns poucos tigres nas partes central e sul. Quase todos os grãos e frutas da América são encontrados na Coréia. Trigo, cana, milho, cevada, painço, trigo-mouro, tabaco, ginseng, algodão, feijão, batata e melão, todos dão bem; mas o principal é o arroz. Maçãs, peras, pêsegos, ameixas, uvas, cerejas, caquis e bagas (amoras, morangos) de todos os tipos crescem facilmente, mas as variedades nativas são normalmente pobres em qualidade, exceto os caquis, que são excepcionalmente bons. O que atrapalhou muito o seu cultivo foi a dificuldade que tiveram, no passado, em proteger as frutas dos ladrões. A Coréia é naturalmente um país de frutas e, algum dia, seus montes estarão cobertos de pomares e vinhedos.

O povo coreano se assemelha ao chinês e ao japonês na aparência física, mas é diferente de ambos esses povos. Sua língua, apesar de conter muitas derivações chinesas, é uma língua-raiz distinta, difícil de dominar, mas doce e musical ao ouvido. A Coréia tem uma história digna de confiança até pelo menos três mil anos atrás. Mitos incertos a levam para além disso.

Os coreanos são um povo naturalmente poético e profundamente religioso. Eles gostam de estudar e ponderar sobre os sábios provérbios dos filósofos. Mesmo os lares humildes dos camponeses frequentemente têm escritas citações clássicas em suas paredes e ombreiras. Surpreendentemente, uma boa parte da população sabe ler e escrever não somente a sua própria língua, mas também a língua clássica dos chineses.

Apesar de o Confucionismo ter-se originado na China, os coreanos ultrapassaram os próprios chineses no zelo pela prática de alguns dos seus preceitos. A essência do Confucionismo é a reverência para com a autoridade e a ordem estabelecida. E, acima de tudo, que o filho honre a seu pai. Para a mente literalista coreana tentar melhorar os costumes significa desonrar o passado. Homens têm sido mortos na Coréia por ousarem fazer alguma nova invenção. Presa por essa idéia religiosa dominante, a Coréia permaneceu estagnada no decorrer dos séculos, enquanto a China, apesar de si mesma, continuou caminhando lentamente até ter-se tornado moderna em relação a Coréia. Tenho visto imagens em antigos templos chineses que mostram o mesmo topete e estilo de vestes usados pelos coreanos hoje, provando que, séculos atrás, os costumes chineses e coreanos eram similares. Não é necessariamente um sinal de fraqueza o fato de uma nação permanecer imóvel como aconteceu com a Coréia. As forças do progresso são praticamente irresistíveis. Somente uma forte convicção religiosa e uma habilidade de transformar em prática o credo que professavam capacitou os coreanos a permanecerem impassíveis por três mil anos.

O Budismo chegou à Coréia a partir da Índia, passando pela China, no quarto século da era cristã. Ele continha muitos elementos que consistiam num visível avanço sobre o velho animismo. O Confucionismo ensinava a conduta correta como um sistema ético, o Budismo buscou fazer valê-lo por meio da autoridade religiosa. Seus sacerdotes anunciavam um céu para os santos e um terrível inferno para os pecadores. Uma porta de comunhão com o mundo do espírito estava aberta. Oração e sacrifício, dizia-se, eram as chaves que abriam as portas do templo interior onde o perdão poderia ser encontrado, e a paz gozada para sempre. Como sempre tem feito, uma vez que a sua confiança tenha sido conquistada, a Coréia abraçou o Budismo de todo o coração. Ela pontilhou seus montes com templos budistas e deu ricas terras para seu sustento. Os sacerdotes budistas coreanos cruzaram o mar até o Japão e converteram os japoneses ao budismo. Não foi uma conquista militar, mas espiritual. Ganha como todas as conquistas são ganhas, pelo sangue dos mártires e irresistível devoção.

Aqui chegamos a um exemplo especial da providência de Deus. O Budismo está morto na Coréia. Vá à China e você encontrará os templos bem conservados, vá ao Japão e em cada vilarejo você encontrará os templos florescendo, seus telhados se destacando muito acima das casas. Você ouvirá o badalar dos sinos, verá as multidões se espremendo pelos portões, curvando-se diante de tabuinhas de madeira e ídolos de pedra, tão cegos como sempre. Na Coréia não é assim. Os templos estão lá, mas se desfazendo em ruínas. Há buracos nos telhados onde morcegos fazem o seu lar, por onde as águas da estação chuvosa entram e fazem apodrecer os pilares de madeira. O povo despreza os poucos sacerdotes de cabeça raspada que restam. A verdade é que o Confucionismo matou o Budismo na Coréia.

Passado o primeiro entusiasmo, com a igreja budista rica e poderosa, os sacerdotes se tornaram corruptos e arrogantes. A vida preguiçosa e imoral que levavam desgostou o povo coreano, instruídos como eram na ética elevada de Confúcio. E quando a hierarquia budista tentou interferir nos interesses do Estado, o próprio governo se levantou contra o Budismo e deu-lhe o seu golpe mortal. A maior parte da terra dos templos foi tomada e os sacerdotes proibidos de entrar na cidade. Hoje os coreanos apontam com desprezo para um sacerdote budista, chamando-o de *nom*, um “bandido desprezível”.

Assim, encontramos uma situação muito interessante na Coréia: um povo por natureza intensamente religioso sem qualquer religião firmemente estabelecida e sem sacerdotes capazes de impedir o progresso do Cristianismo. O Confucionismo, considerado à parte da adoração dos ancestrais, que depois foi acrescentada, não é uma religião. E o sistema moral do mundo do extremo oriente, o *aio*, se você quiser, que hoje está conduzindo a Coréia aos pés de Cristo.

Uma outra situação a ser levada em conta em qualquer consideração do incrível progresso do evangelho na Coréia do século XX é a sua preparação para o sofrimento e a humilhação. A localização da Coréia gera problemas. Estando a meio caminho entre a China e o Japão, ela tem sido por milênios o pomo de discórdia entre estas duas nações, ambas reclamando soberania sobre ela. Primeiro a China exigia e a obrigava a pagar impostos, então o Japão despejava seus guerreiros através do canal e punia os coreanos por se dobrarem à China. Quando estas duas nações não tinham problemas com a Coréia, normalmente estavam em guerra entre si, fazendo da Coréia o campo de batalha, trazendo vez após vez derramamento de sangue sobre aquela terra sofrida. Como conseqüência, o povo, incapaz de resistir às hordas que lhe sobrevinham, construiu cidades de refúgio no alto das montanhas, para onde podia fugir, quando uma a uma as suas cidades muradas caíam diante dos cruéis invasores. E um erro supor que os coreanos são um povo covarde. A sua história está repleta de registros de heroísmo e desesperada bravura em defesa do lar e da nação. Eles simplesmente caíram diante de

um poder mais forte do que eles. Maravilhoso é que, apesar de tudo o que sofreram, eles permanecem unidos como um só povo com uma língua e um sangue, perfazendo hoje o número de 13 milhões.

Não é de se estranhar que a Coréia seja pobre. Não somente ela tem sido continuamente devastada pela guerra, como também o seu próprio governo tem sido indigno e corrupto. Por séculos seus reis delegavam o domínio aos magistrados e governantes que pagavam muitas vezes seu salário pelo cargo e então, através de métodos injustos, recuperavam do povo essa quantia e muito mais. Para um homem acumular algo naqueles dias teria de gastar toda a sua vida, a não ser que tivesse amigos poderosos para protegê-lo. Se os ladrões não se importassem em descer das montanhas para levar embora seu dinheiro, o magistrado ladrão enviaria seus "mensageiros", prenderiam-no sob alguma acusação espalhafatosa, jogariam-no na cadeia e o espancariam até que ficasse satisfeito em pagar tudo o que havia acumulado durante a sua vida.

Recentemente, o maior infortúnio de todos, pelo menos aos olhos dos coreanos, sobreveio ao seu país. Depois da guerra russo-japonesa de 1904, os japoneses levaram uma boa parte do seu exército vitorioso da Manchúria de volta para a Coréia. Soldados japoneses foram alocados em cada cidade e vilarejo. As poucas tropas coreanas foram obrigadas a se desfazer e as pessoas comuns a entregarem suas armas. Mesmo aquelas rudimentares espingardas usadas pelos montesinos para caçar tigres foram recolhidas e queimadas aos montes. Eu mesmo vi seus tambores retorcidos sobre montículos. Um tratado foi obtido do governo coreano dando ao Japão absoluto controle dos negócios exteriores e virtual controle da administração interna.

E muito fácil a alguém de fora olhar para estas coisas e observar filosoficamente ser inevitável que ou a Rússia ou Japão deveria prevalecer e melhor seria que fosse o Japão e não a Rússia. Não é fácil àquele que sofre ver a mão de Deus na miséria. Eu não tenho nenhum propósito político ao escrever esta narrativa e estou simplesmente tentando mostrar as condições e como estas condições conspiraram para ajudar a providência de Deus a levar salvação para a Coréia. A simples verdade é que os coreanos são um povo de coração quebrantado. Corrupto e indigno como foi o seu antigo governo, contudo eles o amavam e o amavam mais ainda, sem dúvida, ao perceberem que ele lhes fora tomado. E doloroso vê-los lamentando e ver homens fortes chorando por causa da perda nacional. Eles chegam a nós e dizem: "Existe algum outro país tão pobre, tão infeliz como o nosso?" Contudo, existe maior valor no fato de que agora os seus olhos têm sido abertos. Antes eles eram orgulhosos e arrogantes; eram "infelizes e miseráveis e pobres e cegos e nus" e não sabiam disso. Agora, pelo menos no que se refere a este mundo, eles sabem qual é a sua condição. Eles sabem que são desprezados e rejeitados. A flecha entrou na alma da Coréia. Seu espírito foi partido. Por anos ela tem estado sentada no pó, lamentando não somente o seu infortúnio presente, mas os seus pecados passados. E sobre pessoas assim abatidas que Deus muitas vezes tem estendido suas mãos para abençoar. Pela contrição do espírito a Coréia tem sido preparada para o Evangelho e quando uma outra obra do Espírito de Deus se manifestou, a Escritura novamente se cumpriu: "Os sacrifícios agradáveis a Deus são um espírito quebrantado; um coração quebrantado e contrito não desprezarás, ó Deus."

Como o Evangelho chegou à Coreia do Norte

No verão de 1832, o primeiro missionário protestante visitou a Coreia. Foi Charles Gützlaff. Nascido na Pomerânia e educado em Halle, centro do movimento pietista alemão no século XVII, Gützlaff serviu primeiro na Batávia e depois em Bangcoc, Sião. (Atualmente Tailândia; N. do T.) Mais tarde mudou-se para Macau, onde se tornou amigo íntimo de Robert Morrison, o primeiro missionário protestante para a China. Em 1832, a Companhia das Índias Orientais enviou Charles Gützlaff e H. H. Lindsay para os portos ao norte da China, no navio *Amherst*, a fim de descobrir em que medida esses portos poderiam ser gradualmente abertos ao comércio britânico e até onde a disposição dos nativos e do governo local seria favorável a isso. Robert Morrison enviou uma grande carga de Bíblias em chinês para que Gützlaff as distribuisse durante a sua viagem. Depois de visitar a costa de Xantungue, o navio zarpou para a Coreia. Primeiro ele ancorou próximo ao Cabo de Changsan, na costa ocidental da Província de Whanghae. Os exploradores fizeram uma tentativa de alcançar a corte por meio de uma carta enviada através dos magistrados locais, mas seus esforços fracassaram. Eles prosseguiram a sua viagem em direção ao sul e alcançaram a costa ocidental da província de Ch'ung Ch'yong. Enquanto o *Amherst* estava ancorado na Baía de Basil, uma petição, juntamente com presentes, foi despachada para o rei, através de oficiais locais, requisitando a abertura de um relacionamento comercial. Enquanto esperavam pela resposta da capital, os visitantes fizeram contato com o povo. Gützlaff distribuiu Bíblias e folhetos religiosos e plantou batatas. A petição e os presentes, depois de uma longa demora, foram devolvidos. Os visitantes foram informados que a Coreia não poderia dar a eles permissão para fazer comércio sem primeiro consultar a China.

Gützlaff informou: "Segundo todos os relatos que pudemos coletar, atualmente não há europeus na capital e o cristianismo é desconhecido até pelo nome." Antes de ter ido à Coreia, Gützlaff tinha sido informado de "detalhados relatos da perseguição" ao catolicismo na Coreia, mas ele não pode "descobrir sequer um vestígio dele".

A visita de Gützlaff à Coreia foi tão breve que não foi possível perceber nenhum resultado. Mas o primeiro missionário protestante a visitar a península falou da sua visita com uma fé inabalável: "Em todos os acontecimentos foi a obra de Deus, que eu freqüentemente confiei ao seu gracioso cuidado em minhas orações. Pode a verdade divina disseminada na Coreia se perder? Eu não creio nisto. Haverá alguns frutos no tempo determinado pelo Senhor. No grande plano do Deus eterno, haverá um tempo de misericordiosa visita para eles. Enquanto o buscamos, devemos estar anelando muitíssimo para apressar a sua chegada, através da difusão das gloriosas doutrinas da cruz por todos os meios e esforços... A Bíblia nos ensina a crer que Deus pode abençoar até mesmo estes débeis começos. Esperemos que dias melhores logo raiem para a Coreia." Contudo, nenhum missionário protestante visitaria a Coreia nos próximos trinta e três anos, até que o longo silêncio fosse quebrado por R. J. Thomas. Esta informação sobre Gützlaff, aqui acrescentada ao relato do dr. Blair, foi retirada de *The History of Protestant Missions in Korea, 1832-1910* (1927), de G. L. Paik.

O Rev. Robert J. Thomas nasceu em Gales, em 7 de setembro de 1840. Ele foi para China em 1863 como um agente da Sociedade Missionária de Londres. Em 1865, encontrou dois coreanos, membros da Igreja Católica Romana em Chefoo, na casa do Rev. A. Williamson, da Sociedade Bíblica Nacional da Escócia. Quando o sr. Thomas descobriu que estes coreanos podiam ler a Bíblia em chinês e foi informado por eles de que todos os coreanos educados eram capazes de ler os caracteres chineses, ele, no

mesmo instante, resolveu ir para a Coréia e dar ao povo coreano o Evangelho em chinês. Foi mais fácil tomar esta decisão do que propriamente levá-la a cabo. A Coréia, era, naquela época, um país isolacionista e proibia, sob pena de morte, a entrada de qualquer estrangeiro em suas fronteiras. Mas o sr. Thomas nunca vacilou em sua determinação de ir para a Coréia.

Em setembro de 1865, ele providenciou um barco com a ajuda financeira do sr. Williamson, e conseguiu alcançar as ilhas próximas à costa ocidental da Coréia.

Incapaz de alcançar o continente na Coréia, o sr. Thomas retornou à China somente para fazer uma segunda tentativa, um ano mais tarde, quando ficou sabendo que um navio de propriedade americana chamado *The General Sherman* planejava fazer uma viagem de exploração à Coréia. Sem dúvida os oficiais do navio hesitaram em dar permissão a um missionário para acompanhá-los numa viagem tão perigosa mas, de alguma maneira, eles foram persuadidos a receber o sr. Thomas e o seu carregamento de folhetos evangelísticos e Bíblias. A bordo do navio estavam cinco ocidentais: sr. Preston, o proprietário; sr. Page, o mestre de bordo; sr. Wilson, o imediato; um inglês chamado Hogart e o sr. Thomas, além de uma tripulação de 24 chineses e malásios.

O *General Sherman* cruzou o Mar Amarelo e, adentrando a boca do rio Tai Tong , navegou lentamente nesse largo rio em direção à cidade murada de Pyongyang na margem oeste do rio, cinqüenta milhas para o interior. Foram feitas paradas em diversos lugares e em cada uma o sr. Thomas deu cópias das Escrituras àqueles corajosos o suficiente para recebê-las e deixou outras cópias na margem do rio.

Ao se aproximar de Pyongyang os oficiais do navio desceram à terra e encontraram o governador de Pyongyang e o comandante da guarnição, os quais pareciam estar dispostos a ser amigáveis. Infelizmente a tripulação do *General Sherman* deteve cinco coreanos a bordo do navio quando prosseguiram viagem para Pyongyang. Isso amedrontou grandemente os homens capturados e deixou o povo coreano irado, especialmente quando dois dos prisioneiros se afogaram ao tentar fugir do barco estrangeiro. Rumores se espalharam que os estrangeiros tinham vindo para roubar os antigos túmulos e levar os olhos das criancinhas para a medicina estrangeira.

Há um certo número de ilhas no rio logo abaixo da cidade de Pyongyang com rápidas corredeiras acima e abaixo delas. Somente uma vez por mês, numa maré alta, é possível para um barco marítimo subir essas corredeiras. Aconteceu que o *General Sherman* chegou em plena lua cheia e passou pelas corredeiras sem dificuldade, ancorando acima das ilhas à vista da cidade murada.

Milhares de coreanos se alinhavam em ambas as margens do rio, gritando e disparando suas espingardas de pederneira sobre os indesejados visitantes. Pouco dano foi feito, mas não foi possível descer à terra. Após diversos dias assim, os homens do *General Sherman* decidiram que a paciência era o melhor rumo a seguir. Mas eles esperaram demais. Quando começaram a descer o rio o navio encalhou no meio da primeira corredeira e não podia se mover. Mesmo assim eles conseguiram manter os coreanos a distância por alguns dias com suas armas, que eram superiores. Durante esse intervalo, pelo menos vinte coreanos foram mortos e muitos feridos. Nesse ínterim os coreanos providenciaram um grande número de pequenos barcos pesqueiros e os encheram até o alto de galhos de pinho. Atando os barcos com correntes de ferro, eles os colocaram numa longa linha através do rio. Então, no momento certo, quando a maré estava correndo velozmente em direção ao oceano, eles atearam fogo em todos os barcos e os deixaram flutuar na correnteza como braços de fogo descendo rio abaixo para envolver o *General Sherman*. Com seu navio em chamas, os homens a bordo não tiveram outra alternativa senão pular na água e tentar alcançar as margens onde os coreanos os esperavam com facas, bastões e rifles.

Todos os estrangeiros foram mortos, mas houve uma diferença. Os coreanos dizem que os homens do *General Sherman* saíram da água armados com espadas e pistolas e tentaram se defender; todos menos um, que agia de maneira muito estranha. Este homem saiu da água com seus braços cheios de livros e os colocava nas mãos dos coreanos enquanto estes o abatiam a pauladas.

E claro que eles mataram o sr. Thomas sem saber que ele tinha vindo à Coréia para ajudá-los, sem saber do precioso presente que ele estava oferecendo. Mas multidões na Coréia hoje sabem que a Bíblia é o mais precioso livro no mundo e Deus tem cumprido maravilhosamente a sua promessa: "A minha palavra não voltará vazia." Apesar de as autoridades em Pyongyang terem se esforçado em ajuntar e queimar todas as Bíblias que o sr. Thomas deixou em vários lugares ao longo do rio e lançou ao povo enquanto morria às margens do rio, muitas cópias foram escondidas e mais tarde lidas secretamente. Um dos primeiros catecúmenos recebidos pelo dr. Moffett em Pyongyang cerca de 27 anos mais tarde era filho de um homem que havia recebido uma destas Bíblias. Na cidade de Pyongyang hoje (1957) há vinte e sete igrejas presbiterianas com uma frequência de mais de dez mil além das muitas igrejas de outras denominações. Por todo rio Tai Tong abaixo igrejas fortes marcam os lugares onde o sr. Thomas deu o evangelho à Coréia e do outro lado do rio logo abaixo de Pyongyang está a bela Capela Memorial Thomas que a Igreja Presbiteriana da Coréia erigiu em gratidão a Deus pelo homem que deu a sua vida pela Coréia.

Pyongyang

É um fato significativo que duas grandes igrejas americanas, a Metodista e a Presbiteriana, tenham sido levadas a começar a obra na Coréia praticamente ao mesmo tempo e que principalmente sobre estas igrejas e os reforços que vieram da Igreja Metodista Americana, da Igreja Presbiteriana Sulista da América, e das Igrejas Presbiterianas canadenses e australianas, tenha repousado o fardo e o privilégio de levar a Coréia a Cristo.

Os pioneiros no lado presbiteriano foram o dr. Horace N. Allen, o Rev. Horace G. Underwood, D.D., e o dr. J. W. Heron. Do lado metodista, o dr. William B. Scranton e o Rev. Harry G. Appenzeller. Eles foram rapidamente seguidos por muitos outros. A bênção de Deus esteve sobre a obra desde o início; mas o grande despertar começou em Pyongyang, a antiga capital da Coréia, belamente localizada na margem oeste do rio Tai Tong, a cerca de 300 quilômetros ao norte de Seul, a atual capital.

Muitos missionários haviam visitado Pyongyang anteriormente, mas foi somente em 1893 que o Rev. Samuel A. Moffett da Igreja Presbiteriana e o dr. W. J. Hall da Igreja Metodista de fato estabeleceram residência na cidade. Não tive o privilégio de conhecer o dr. Hall pessoalmente, tendo ele falecido em 1895, mas a sua memória é ainda lembrada em Pyongyang. Os coreanos ainda gostam de falar do seu caráter doce e do seu zelo em proclamar o Mestre.

Ao dr. Moffett coube o privilégio e a honra não somente de ser o fundador da Igreja de Pyongyang, mas também de ser, por dezessete anos, o seu guia e amado líder. Ele possuía a rara habilidade de unir homens, não tanto ao seu redor mas, sim, no serviço comum. Deus o abençoou com sabedoria e percepção em relação ao futuro de tal maneira que os coreanos freqüentemente se referiam a ele como um *sun-che-cha* ("profeta"). Ele era ainda um homem jovem, com cabelos claros e olhos cinza-azulados, quando fui a Pyongyang. Pouco mudado, imagino, do dia em que pela primeira vez entrou na cidade. Ainda hoje contam-se histórias sobre a agitação produzida. O rumor se espalhou como um fogo feroz de que um estrangeiro louco tinha vindo para morar em Pyongyang. Contos maravilhosos surgiram, falando da sua altura, das suas calças estreitas, dos seus olhos brancos, dos seus cabelos brancos e do seu grande nariz bicudo. Os coreanos vestem calças largas, têm olhos e cabelos negríssimos e acham que todos os estrangeiros têm nariz enorme. Da mesma maneira como as pessoas se ajuntam para ver um circo na América, ele se ajuntavam para ver o dr. Moffett, terminando por fechar a rua em frente da sua casa, impedindo as carroças de passar. Já não somos mais objetos de tanta curiosidade em Pyongyang, mas lá nos distritos do interior ainda é comum alguém ter a sua casa cercada. Nós ficamos mais resistentes, suponho, e paramos de nos preocupar muito, exceto na hora das refeições. Quando ela chega, eu sempre peço ao meu criado para fechar a porta de papel e a janela do meu aposento. Freqüentemente, contudo, se ergo a minha cabeça repentinamente da minha posição no chão em frente da mesinha onde minha refeição é servida, posso ver vários meninos, talvez homens, que vieram silenciosamente do lado de fora, e pressionando dedos úmidos na papel da janela, fazem buracos e olham para mim com os olhos de espíritos desencarnados. Isso é algo capaz de causar arrepios nas costas. Durante os meus dias de seminário eu gostava de ir ao Parque Lincoln e olhar os zeladores alimentando os animais. Desde que estive na Coréia, muitas vezes tenho vontade de pedir desculpa aos animais.

Entre aqueles que vieram para ver o dr. Moffett estava um robusto coreano chamado Chai Cho-si, dono de um bar na cidade, com uma bandeira azul repartida ao

meio para mostrar que tinha bebida para vender. Esse homem veio muitas vezes, sem dúvida para conseguir uma boa história para contar aos frequentadores do seu bar. De alguma maneira, a história do missionário o atingiu de tal maneira a ponto de fazer o que dizemos na Coréia: *Yasu mit-ki-rul chak-chung hasso* — são palavras lindas — "ele decidiu crer em Jesus." Esse homem se tornou um forte braço direito para o dr. Moffett. Fechou o seu bar e empregou muito tempo espalhando a nova doutrina. Quase antes que soubessem, havia uma igreja em Pyongyang, um grupo de homens e mulheres professando o nome de Jesus, reunindo-se para adoração no Dia do Senhor. Então o magistrado ficou sabendo. "Ah," ele disse, "você não podem fazer isso aqui. Se vocês cultuarem segundo a religião dos estrangeiros, como adorarão aos espíritos dos seus ancestrais no Ano Novo?" Esta era a grande cruz da igreja coreana. A cada Ano Novo, cada filho da Coréia se prostrava diante das plaquetas que representavam para ele os espíritos dos seus ancestrais mortos. Não se prostrar, não oferecer o sacrifício anual, é ser culpado do maior pecado possível na Coréia, a saber, impiedade filial. Mas o Cristianismo nunca pôde se comprometer com ídolos. A Igreja tinha de mostrar que homens podem honrar seus pais sem idolatria.

O magistrado enviou seus mensageiros e prendeu os cristãos. Alguns apanharam, outros foram ameaçados de morte. Um turba jogava pedras no missionário enquanto ele andava pelas ruas. Ninguém sabe o que teria acontecido se, naquela conjuntura, os chineses não tivessem vindo do norte, seguindo suas bandeiras de dragão amarelo. Do sul vieram os japoneses, recém-armados com rifles modernos, e a guerra Sino-Japonesa estava acontecendo (1894). Os dois exércitos se encontraram em Pyongyang. O pequeno grupo de cristãos foi disperso como ovelhas nas montanhas, da mesma maneira como os cristãos primitivos foram dispersos na grande perseguição em Jerusalém e, como aqueles cristãos primitivos, foram por toda parte pregando o evangelho.

Foram dadas ao dr. Moffett instruções oficiais para retornar à capital, Seul. O mais cedo possível, depois da batalha em Pyongyang, ele voltou trazendo muitos outros com ele. Eles encontraram a cidade devastada pelo fogo, com os corpos dos chineses jazendo insepultos nas ruas. Logo se espalhou pelas cercanias a notícia de que os missionários haviam voltado e os cristãos começaram a se reunir de novo, trazendo notícias maravilhosas de pequenos grupos de cristãos florescendo por toda a região norte. O Espírito de Deus esteve usando aqueles dias de guerra e perigo para fazer os homens receptíveis à mensagem do seu amor e do conforto do evangelho. Você já viu o fogo ardendo nas cinzas num dia calmo? Repentinamente um pequeno redemoinho desce, ergue as brasas e as espalha ao redor e assim, aqui, ali e acolá outras chamas começam a arder. Foi exatamente isso o que aconteceu na Coréia. Havia um fogo aceso pelo Espírito de Deus, ardendo em Pyongyang. De repente, o redemoinho da guerra desceu, ergueu e espalhou o fogo por centenas de quilômetros em todas as direções e em todo lugar onde aquelas brasas vivas caíam, fosse nas planícies de arroz perto do mar, ou nos profundos vales entre as montanhas. Outras chamas começaram a arder e a se espalhar até que o fogo do evangelho estava queimando em toda a extensão da península.

Reforços foram rapidamente enviados a Pyongyang. Todo esforço foi feito para manter o trabalho e visitar cada novo grupo de crentes. Os missionários fizeram longas viagens para o interior em todas as direções, organizando e instruindo os novos convertidos. Mas, a despeito de tudo o que podiam fazer, apesar de terem vivido entre os coreanos até o ponto dos seus próprios filhos não os reconhecerem, apesar de viajarem dia e noite, a obra viajava mais rápido ainda. Atônitos, eles mandaram um grande clamor macedônico que começou a soar do norte ao sul dos Estados Unidos: "Venham e ajudem-nos!"

Um dos missionários de Pyongyang, Rev. W. L. Swallen, veio à América e a Chicago em 1901, quando eu estava me formando no Seminário McCormick. Numa

segunda-feira à noite ele falou aos estudantes e suplicou como alguém que suplica por sua própria vida, para que alguns de nós fossem e pregassem a Palavra na Coréia. "Ah," eu disse, "é uma bela história, mas eu nunca conseguiria aprender aquela língua." Eu nunca gostei de idiomas, nem na faculdade nem no seminário. "E claro", arrazoei, "se Deus quisesse que eu fosse para um campo estrangeiro ele teria me dado mais facilidade na aprendizagem de idiomas." Assim, eu endureci o meu coração. Naquela noite, por volta da meia-noite, o sr. Swallen veio ao meu quarto. Só nove anos mais tarde fiquei sabendo quem lhe falou a meu respeito. "Blair", ele disse, "por que você não vai para a Coréia? Não sabe que precisamos de você?". "Bem, Sr. Swallen," respondi, "não há nenhum problema sobre as durezas e tudo mais, creio que até me atraem; mas aquela língua, eu nunca poderia aprender aquela língua.". "Você está sendo honesto?", ele questionou. "E por isso que você não se oferece para ir?" "Sim, penso que é." "Bem," ele disse, "deixe-me dizer uma coisa. Quando eu estava aqui no seminário, fui reprovado em hebraico. Você já foi reprovado em hebraico?" Se alguma vez na minha vida eu desejei ter sido reprovado em alguma coisa, era naquela noite; mas eu realmente não tinha sido reprovado em hebraico e tinha de admitir isso. Ali estava um homem que disse ter tido problemas com as línguas e contudo Deus o capacitou a aprender a língua córeaqa. Assim cheguei à conclusão de que não poderia mais me desculpar dessa maneira. Depois de considerável deliberação, escrevi uma carta para a jovem dama lá no Kansas que havia prometido compartilhar os problemas da vida comigo, dizendo que eu estava pronto a me oferecer e perguntei se ela gostaria que eu fosse, quase esperando que ela dissesse "não". Sua resposta foi esta: "Eu estou tão contente. Eu estava esperando que você se oferecesse." Assim, enviei meu nome para a Junta de Missões Estrangeiras, fui aceito e parti para a Coréia, como já descrevi no capítulo inicial. Fui como um soldado recrutado, mas eu nunca, nunca poderei deixar de agradecer ao bom Deus que assim eu tenha feito, quando precisavam tanto de mim, em tempo de participar do grande movimento pentecostal que veio como a bênção do céu.

Começando a Pregar

Nós chegamos a Seul, Coréia, em 12 de setembro de 1901 e depois de um mês de várias reuniões da missão, fomos para Pyongyang, onde ficamos alocados. E claro que a nossa primeira tarefa era aprender a língua. Se eu soubesse quão difícil e quão longa seria essa tarefa, temo que ficaria mais amedrontado do que fiquei até mesmo em Chicago. Trata-se de uma daquelas antigas línguas orientais sobrecarregadas de palavras e terminações sem fim. A eufonia é a sua lei principal. Todas as palavras são suavizadas para se harmonizarem com suas companheiras. Cada uma é ligada à próxima até que seja quase impossível dizer onde uma palavra termina e a outra começa. Ela jorra numa corrente constante, aquele tipo de idioma que flui subindo e descendo os montes. Às vezes eu cometia os erros mais ridículos. Cortando uma palavra exatamente no meio e unindo com a metade da próxima, eu meu dirigia a algum coreano e perguntava o que significava. *Morogesso* ("Eu não sei"), ele diria. E claro que não sabia, pois nenhum coreano jamais teria pronunciado tal combinação.

Eu estava quase em desespero quando, num domingo, após o culto, um homem magro e bem-arrumado chamado Ne Che-su veio a mim e disse algo que eu não entendi, mas pude discernir uma diferença nos sons que ele pronunciou. Por minha sugestão, um dos missionários pediu ao sr. Ne para se tornar o meu professor e ele aceitou. Lembro-me muito bem das primeiras palavras que ele me ensinou. Eu estava sentado í minha escrivaninha pronto para começar, mas ele não. "Kedo-hapsata," ele disse e eu entendi, pois num instante ele saiu do lugar onde estava, pôs-se ao meu lado e prostrou-se ao chão orando. *Kedo-hapsata* ("Oremos") e a cada manhã e a cada tarde por três anos era *Kedo-hapsata*. Deus me enviou um professor cheio do Espírito Santo e ele orava para que eu aprendesse a língua. Ele orou e trabalhou até o ponto de eu temer não estar me dedicando aos estudos o quanto devia. As vezes, quando eu não conseguia entender direito, ele encenava o significado. Uma vez ele se deitou no chão e se enrolou no tapete num esforço desesperado para me fazer entender a palavra *chanda* ("eu durmo"). Eu comecei a crer no dom de línguas, não uma repentina e miraculosa capacidade de falar numa língua desconhecida. Isso não seria bom nem para nós nem para o povo para onde vamos. Nós somos ignorantes quanto aos seus costumes e atitudes. Nosso temperamento é muito solto e nossas línguas muito rápidas. A mudez, a princípio, é uma bênção para todos os que começam. Mas que Deus cumpre a sua promessa, que ele dá força e paciência e para a nossa grande surpresa, até mesmo prazer em estudar a língua, isso eu sei. Pouco a pouco nossos ouvidos são abertos e as rígidas cordas das nossas línguas vão cedendo, até que, quase sem nos apercebermos, como uma criança começa a balbuciar a língua da sua mãe, nós começamos a falar a língua do povo ao nosso redor. Eu quero dizer aqui, para o encorajamento de qualquer um que possa estar hesitando como eu estive, que não é tanto uma questão de um dom especial em línguas ou uma memória especial, mas sim, de um ouvido razoavelmente bom e de um desejo de trabalhar e viver no meio do povo.

Logo depois de saber coreano o suficiente para começar a pregar, foram colocados sob os meus cuidados cinco condados ao norte da cidade de Pyongyang. A região era em parte montanhosa e em parte formada de planícies de arroz ao longo do Mar Amarelo. Na primeira igreja o trabalho era pequeno e eu tinha tempo livre para pregar ao povo enquanto andava pelos caminhos. Há poucas boas estradas na Coréia. Na maior parte há somente caminhos tortuosos que procuram os passos mais baixos nas montanhas serpenteando por entre os campos de arroz. A maior parte dos coreanos caminham. Para mim, isso parecia muito lento, por isso consegui um bicicleta vermelha e boa de Chicago, mas logo desisti dela. Eu encontrava muitos homens conduzindo bois

enormes, tão carregados de gravetos que ele pareciam pilhas de madeira ambulantes com chifres na frente e caudas atrás. Você pode imaginar o que um grande boi do interior como aquele faria se encontrasse um estrangeiro num caminho estreito sobre uma bicicleta. As condições mudaram muito na Coreia durante os últimos anos. Agora temos uma ferrovia cortando todo o país. Eu estou até mesmo planejando levar uma motocicleta para a Coreia para usá-la nas longas viagens. Contudo, eu prefiro andar o quanto for possível porque é a melhor maneira de pregar o evangelho. Jesus caminhou e a maior parte da Coreia ainda hoje é como a Palestina nos dias de Cristo.

Eu gosto de caminhar com meus amigos coreanos, enchendo os meus pulmões com o ar fresco do ar das montanhas, pulando córregos sem pontes, jogando pedrinhas em aves impor- tunas. Se é uma longa subida numa montanha, como é bom sentar um pouco no topo e descansa e olhar para trás, para o caminho lá embaixo, ver os vilarejos se aninhando como bandos de perdizes ao sopé das montanhas, ver os pequenos fios de água dançando como fios de prata em meio aos campos de arroz. Ao norte, ao sul e ao leste, tão longe quanto os olhos podem ver, estão montanhas por trás de montanhas, picos de montanhas cobertos de árvores, até que o cinza das montanhas se perde no azul do céu. A oeste há umas poucas montanhas espalhadas com largos vales entre elas e à distância a longa linha do Mar Amarelo, com a fumaça de um navio ou dos barcos brancos de junco indo para a China. Caminhando, tem-se tempo para conversar sobre o trabalho em comum, planejar reuniões vespertinas, discutir infundáveis problemas.

Há um sistema de mercado na Coreia, cinco vilarejos num círculo. A vila mercado pode não ter mais do que vinte casas, mas a cada cinco dias, ela floresce até o tamanho de uma cidade, uma grande colmeia de mascates com suas mercadorias espalhados em esteiras ao longo da estrada e agricultores vindos de muitas milhas em cada direção. Não há preços fixos. É um mercado judeu normal. Cada um grita a plenos pulmões a fim de ser ouvido acima do barulho. O que parece ser uma briga é provavelmente somente um prelúdio para uma barganha, uma disputa amigável de esperteza e persistência entre dois velhos fanfarrões. O mercado é um bom lugar para encontrar pessoas e um excelente espaço para pregar o evangelho.

Frequentemente nós ultrapassávamos uma multidão de agricultores indo para o mercado, uma mulher com saco de roupa na cabeça, um menino guiando um burro carregado de arroz, talvez um homem com lenha empilhada alto sobre as suas costas numa estrutura de madeira chamada *jickey*, ou com ovos em cordas amontoados bem acima das suas costas como lenha. Eles colocavam dez ovos em um barbante, juntavam as extremidades e prendiam com palha de arroz até que pudessem segurar uma ponta e estender o barbante como se fosse um atija- dor. Você pode encontrar um homem com um porco nas costas, suas quatro patas amarradas juntas e seu focinho preso para que não possa interromper a conversa. Um quadro estranho, mas o homem anda como se aquilo fosse a coisa mais natural do mundo.

Eu sorrio para eles e eles para mim. Quem não tem senso de humor, não deve ir para o campo estrangeiro. Em algum instante, alguém me ouve falando em coreano. "O quê? Um estrangeiro consegue falar a nossa língua?", ele exclama. "Ah, sim," um dos meus amigos responderá, "ele fala muito bem". Os coreanos são extremamente polidos e grandes bajuladores, pelo menos na sua presença. Logo, eu me apresento ao homem mais próximo. Não é necessária uma terceira parte, a etiqueta rescreve certas frases estabelecidas para serem usadas na apresentação. No geral eu começo perguntando ao homem para onde ele está indo e depois onde ele mora. Ele provavelmente responde: "Lá atrás daquela montanha." Então ele me pergunta onde eu moro e eu digo a ele: "Fora do portão ocidental em Pyongyang." Então eu pergunto sobre o preço dos ovos e galinhas e nós discutimos sobre as colheitas e o tempo. Finalmente, eu faço a pergunta que vim fazer: "Você já ouviu sobre a história de Jesus?" No geral ele responde: "Eu conheço um

pouco, mas não claramente." Então eu começo lá do princípio. Como Deus criou o mundo para o bem do homem e o encheu de frutos e flores e tudo o que precisava para o seu bem, como os homens em toda parte deram as costas para Deus e se curvaram a plaquetas de madeira e ídolos de pedra e trouxeram sobre si mesmos dor e prejuízo; como isso resultou em doença e dor, sofrimento e morte. Eu conto como Deus amou o mundo de tal maneira que enviou o seu Filho do céu e Jesus nasceu, não nos Estados Unidos da América, mas em Belém da Judéia, para lá do sudoeste da China. E um mundo de diferença para um oriental saber que Jesus nasceu na Ásia. Eu conto sobre a vida e o amor de Cristo e finalmente sobre sua morte na cruz. Eu sei que nunca cheguei a entender metade do significado da cruz até ter ficado em pé, à beira do caminho na Coreia, esquecendo-me de prosseguir e mostrando a um coreano que nunca tinha ouvido a história antes como eles transpassaram seus pés e como enfiaram pregos em suas mãos. Então eu ouvia o homem dizer: "Aigo, kurus-sim-ni-ka?" ("Isso é verdade mesmo?"). Dessas reuniões à beira do caminho víamos às vezes um novo rosto na igreja no domingo seguinte.

Naqueles primeiros dias, havia poucos bons lugares para dormir à noite, por isso, frequentemente ficávamos em hospedarias públicas. A hospedaria no geral é uma casa coreana comum, consistindo de uma sala de estar de 4,8m a 6m de comprimento por 2,4m de largura. Há uma cozinha nos fundos, com um piso sujo cavado 30cm abaixo do nível do chão para que as chamas e fumaça da lareira (sobre a qual a esposa do dono da hospedaria cozinha o arroz para seus hóspedes numa grande panela de ferro), possam passar sob o chão coberto de pedras da sala de estar através de um sistema de canais cavados no chão e cuja saída, na extremidade final, acaba numa alta chaminé. Barro, misturado com palha de arroz cortada cuidadosa-] mente, é emplastrado sobre o chão de pedra. A princípio o calor racha o barro, mas após ser lavado algumas vezes com uma vassoura de escova molhada, todo o chão fica rígido e liso como o fundo de um fogão a lenha. A sala praticamente não tem móveis, exceto uma esteira no chão, um baú ao lado onde os cobertores são guardados durante o dia e dois vasos de barro na extremidade superior da sala cheios pela metade de bebida.

Usualmente há provavelmente de três a dez hóspedes antes de nós, já esticados no chão quente, ou sentados de pernas cruzadas, fumando seus longos cachimbos, até que a sala se encha de fumaça. No inverno, não importa quantas pessoas ocupem a sala, todas as portas e janelas ficam hermeticamente fechadas para conservar o calor do chão de pedra. Os cientistas nos contam maravilhosas histórias sobre quantos metros cúbicos de ar um homem precisa para existir. Evidentemente isso não corresponde à realidade, pelo menos na Coreia.

Sempre que possível, eu dou um dinheiro a mais por um pequeno quarto no interior da casa. Às vezes eu tenho pago imprudentemente a quantia de dez centavos para o dono da hospedaria mandar a sua esposa e filhos para os vizinhos a fim de conseguir um desses espaços privados. Mas, no geral, o dinheiro não resolve, ou não há esse tipo de quarto e eu tenho de compartilhar a sala da frente com a família e o público. Todo bom viajante está preparado para uma emergência assim. Nós normalmente viajamos com um pônei, carregando-o com duas caixas de madeira amarradas firmemente uma em cada lado da albarda de madeira. Uma das caixas contém comida enlatada e utensílios de cozinha para a viagem e a outra, livros e roupas. Em cima das caixas é colocada um grande sacola, chamada de *tarrion*, cheia de roupa de cama, e em cima do *tarrion*, a coisa mais maravilhosa que um missionário possui, o saco de dormir do exército. No geral eu carrego uma coberta de borracha para proteger a carga da chuva. Assim, a bagagem está completa.

Quando tenho de dormir numa hospedaria pública, eu primeiro desenrolo o saco de dormir, para o irrepresado espanto dos coreanos, e o coloco de forma atravessada

pela sala, o mais próximo possível dos barris de uísque, não porque eu os admire particularmente, mas porque os coreanos preferem as partes mais baixas e quentes, e eu decididamente não. Então o meu lençol de borracha é pendurado a fim de formar uma divisão e estou pronto para dormir. Não exatamente, contudo. Quando as luzes se apagam, eu me levanto e furtivamente corto um pedaço da janela de papel de cerca de 60 cm de comprimento por 5 cm de largura. Isto é o que o hábito faz por um homem. Dificilmente eu conseguiria dormir naquela sala sufocante com todos aqueles homens. Na manhã seguinte um pouco de dinheiro a mais compensa o dono.

A maior parte das hospedarias coreanas também são estábulos pagos, com um longo espaço nos fundos onde os cavalos e as mulas são alimentados com sopa de feijão num longo tronco cavado em secções. Muito depois de ter ido para a cama ainda posso ouvir pessoas mexendo com seus cavalos. Cada animal é preparado para a noite tendo uma corda passando sob a sua barriga firmemente amarrada a uma viga acima de sua cabeça. Um artifício singular que evita a escovação do animal. Lá ele ficam balançando na ponta dos cascos numa longa fila, meio em pé, meio pendurados, por toda a noite, tilintando incansavelmente os sinos no pescoço e, às vezes, se soltando e agitando os seus vizinhos com coices e relinchos. Não é preciso dizer que uma hospedaria é um lugar triste para se dormir.

Cuidando das Igrejas

Hoje em dia dificilmente dormimos em hospedarias. O trabalho da igreja tem crescido e agora há mais de quarenta igrejas nas minhas cinco regiões.

São necessários dois meses para percorrer o circuito. Muitas igrejas são grandes, com várias centenas de pessoas presentes todo domingo. Ao todo, são quatro mil cristãos nas igrejas sob os meus cuidados. Na última vez que eu fui a Yung You, uma das minhas igrejas do interior, setecentas pessoas me encontraram para o culto de domingo à tarde. A igreja estava repleta de mulheres, os homens sentados em esteiras sob uma cobertura. Eu fiquei sobre uma janela, com uma perna dentro e outra fora do prédio e preguei o sermão. Este crescimento de nenhuma maneira é peculiar ao meu próprio território. Muitos missionários têm uma obra muito maior sob o seus cuidados. Em toda a Coreia hoje não há menos de 250.000 cristãos adorando a Deus em mais de dois mil locais, com igrejas erigidas e sustentadas quase que inteiramente por eles mesmos.

Há muitos anos atrás uma viúva anciã chamada Kim-si, ou filha de Kim, ouviu como uma certa mulher construiu uma vez um aposento para Elias, colocando uma cama, uma cadeira e um candelabro. Kim-si pensou que seria uma boa coisa fazer isso para mim. Assim, quando construiu uma nova casa, ela acrescentou um quarto para mim, forrando de papel branco decorado por um artista local, com gravuras de pássaros e flores. A idéia se espalhou por outras igrejas. Agora, por onde vou, geralmente encontro um quarto próximo à igreja, recentemente forrado e preparado para mim.

Quase fico envergonhado em dizer como os coreanos amam e honram seu pastor missionário. Cada um de nós tem uma meia dúzia de pastores assistentes, ou ajudadores, como são tecnicamente chamados, que cuidam das igrejas durante a ausência dos missionários. A maioria desses homens está estudando para o ministério e um dia eles serão ordenados e será entregue a eles a plena responsabilidade por igrejas como pastores. Atualmente, contudo, há poucos pastores coreanos ordenados e a maior parte da autoridade eclesiástica está sob a minha responsabilidade.

Permita-me relatar o que aconteceu durante a minha última viagem ao interior antes de deixar a Coreia em licença. O dr. Baird, diretor da nossa Academia e Faculdade Pyongyang, esteve ausente em licença, e o sr. Bernheisel e eu fizemos o melhor que pudemos para ajudar o sr. McCune a manter a escola funcionando. Não é sinecura, posso dizer a vocês, substituir um trabalho evangelístico pela cadeira de professor numa faculdade e ensinar quatro ou cinco horas por dia diariamente matérias como economia política, geometria e história geral na língua coreana.

O meu trabalho no interior teve de ser necessariamente negligenciado. Algumas das igrejas foram visitadas somente uma vez no ano passado. Minha última viagem foi para Nam San Moru, uma igreja de mais de duzentos cristãos num pequeno vilarejo doze milhas ao norte de Pyongyang. Eu estive ensinando na faculdade por toda a semana e parti para Nam San Moru na sexta à tarde após a aula, montado num burrico. Ele era tão pequeno que as minhas pernas quase se arrastavam no chão, mas surpreendentemente forte e briguento. A minha bagagem tinha partido algumas horas antes, nas costas dos homens. Dois homens carregaram minhas caixas por doze milhas por 25 centavos cada.

A estrada para Nam San Moru passa por um portão ao norte da nossa casa no

velho muro de Ke-ja, que tem três mil anos de idade. Depois de uma dura luta com o burro, finalmente consegui pôr-lhe a sela e disparamos pelo portão e através da planície em direção a Nam San Moru, o burro zurrando adeus como uma sirene.

A mais ou menos duas milhas de Nam San Moru encontrei um grupo de cristãos esperando por mim numa pequena vila, com trinta meninos da escola formando uma fila reta ao lado da estrada. Quase todas as igrejas mais fortes têm uma escola para meninos e algumas, para meninas. Há 26 escolas da igreja nas cinco regiões sob os meus cuidados, todas inteiramente sustentadas pelos cristãos coreanos.

Depois das saudações à beira da estrada, partimos juntos em direção ao vilarejo de Nam San Moru. Um garotinho tomava conta orgulhosamente do meu burro, agora bastante amansado pela cavalgada rápida, enquanto eu andava com os homens. Logo em frente à vila encontramos uma anciã e as meninas da escola, estas vestidas com roupas das cores do arco-íris, todas formando uma fila, como os meninos, para me encontrar.

A igreja de Nam San Moru é uma bela construção com cobertura de telhas, formosamente localizada num bosque de carvalhos atrás da vila. Aqui nós nos reunimos e cada homem veio à frente para a sua saudação individual. Como eles gostam de ser lembrados! "Nal amneka?" ("Você me conhece?") é perguntado vez após vez; e como eu posso conhecê-los? Mais de quatro mil cristãos sob os meus cuidados e eu em condições de visitá-los somente duas vezes por ano! Ora, eu mal posso estar em contato com os oficiais da igreja, imagine as hostes de novos crentes. Há algo que me ajuda grandemente. Os coreanos existem em tribos e a maioria deles parece pertencer à tribo Ki m. Se eu não consigo lembrar do nome do homem, é uma boa política dizer: "Você é o Sr. Kim, não é?" e se sou feliz ele ficará encantado com a minha excelente memória.

Chamando os oficiais, nós nos retiramos para uma pequena sala e nos preparamos para resolver os assuntos. Primeiro, o rol de membros é apresentado. Cada igreja mantém um registro acurado da frequência à igreja de todos os cristãos. Uma cruz significa "presente" e um zero significa "ausente". Percorrendo a lista rapidamente com meus olhos eu encontro diversos nomes somente com zero. Alguns, sabia-se, estavam doentes ou ausentes da vila, mas muitos tinham caído em pecado e deixaram de vir. "Certifique-se e traga estes homens hoje à noite", falei aos oficiais. "Não use a força, mas convença-os a vir se vocês puderem."

Nós encontramos vinte nomes no rol de catecúmenos que estavam frequentando fielmente por mais de um ano e não haviam ainda sido batizados. O procedimento normal é receber um homem publicamente depois dele ser cristão por três meses e então, um ano mais tarde, examiná-lo para o batismo. Mandamos chamar esses vinte e os examinamos três por vez. Não uma cerimônia superficial e formal, mas um verdadeiro exame, com uma séria decisão no final, se o batismo deveria ou não ser administrado. "Por quanto tempo você tem sido cristão? Quem é Jesus? Por que você crê nele? Você tem guardado o Dia do Senhor fielmente desde que começou a crer? Você sabe ler? Você faz orações em família no seu lar diariamente? Você trouxe alguém a Cristo?" Nós procuramos descobrir através de tudo isso se a pessoa examinada é sincera, buscando ardentemente os frutos do Espírito na nova vida. Se encontro um homem ou uma mulher com menos de cinquenta anos que ainda não tenha aprendido a ler a Bíblia, ou um homem cuja esposa não é cristã, quase sempre adio o batismo até que seja dada uma prova mais convincente de um zelo verdadeiro e amor pelo Mestre. Naquela noite votamos para batizar dezessete dos vinte.

Enquanto o exame estava acontecendo, o menino coreano que sempre viaja comigo tinha estado ocupado preparando o jantar numa sala adjacente. Logo que foi possível, ele serviu a minha comida numa pequena mesa redonda de cerca de 30 cm de altura.

Depois do jantar, nós nos apressamos para ir à igreja para o culto. Encontramos o prédio cheio de tal forma que um corredor teve de ser aberto para que eu chegasse à plataforma. Eram então, nove e meia. A maior parte da audiência estivera esperando desde o meio-dia. A reunião foi necessariamente longa. Primeiro vieram os cânticos e diversas orações, então a eleição de diáconos e uma oferta especial para o salário do ajudador, que deveria ter sido feita antes da minha chegada. Depois da recepção dos catecúmenos, batizei os dezessete cujos exames haviam sido satisfatórios e, a seguir, diversas crianças foram batizadas. Seguiu-se o sermão, também longo, depois, uma reprovação pública e suspensão de três membros infiéis e, finalmente, a Ceia do Senhor. Nesse instante uma atmosfera profunda e solene repousou sobre as faces abaixadas e o próprio Jesus se aproximou com sua rica e infalível bênção.

Já era depois da meia-noite quando a bênção apostólica foi dada e eu estava cansado o suficiente para cair no sono lá mesmo onde estava; mas não, a tarefa mais difícil de todas ainda estava por vir. Os três homens que chamei estavam lá. Eu tive de levá-los à parte e tentar ganhá-los novamente para o arrependimento. Aqui é que vem o teste verdadeiro. Aqui é que a igreja coreana mais precisa de nós. Eles podem ganhar conversos e pregar o evangelho melhor do que nós. Eles podem construir suas igrejas e sustentá-las; mas eles, mais do que tudo, esperam que nós venhamos e tragamos de novo aqueles que caíram, que recusam as suas súplicas. Somente sobre os joelhos, pela oração e rogos e lágrimas tal trabalho pode ser feito. Com gratidão, eu me lembro do arrependimento de todos os três naquela noite.

Anju

A melhor maneira de compreender toda a igreja é conhecer profundamente uma congregação. Deixem-me apresentar-lhes a igreja em Anju.

Na primavera do meu primeiro ano (1901-02) na Coreia, o dr. Moffett me levou com ele numa viagem através do seu distrito ao norte da cidade de Pyongyang. Após dez dias viajando de um lugar para o outro, nós chegamos uma noite à cidade murada de Anju, a principal entre Pyongyang e Weiju na fronteira chinesa. A cidade propriamente dita está localizada na inclinação sul de uma cadeia de pequenas montanhas guardando o rio Chung Chun. A antiga estrada Seul-Pequim, entrando pelo portão sudoeste, forma a principal rua da cidade. Na metade do caminho, montanha acima, existe um segundo muro, interior, e ainda mais acima um terceiro muro, a fortaleza, o último lugar de refúgio em tempo de guerra. As montanhas são cobertas de antigos e retorcidos pinheiros. A cidade abunda em fontes, diversas delas fluem da rocha sólida em calmas correntes cristalinas, com 25cm de profundidade e de 1,2m a 2,4m de largura; todas reúnem-se para formar uma larga correnteza e se espalhando num lago dentro do muro exterior. Os muros de sólida alvenaria são formados de grandes pedras, a maioria cortada e edificada a uma altura de 6m. Por dentro, o muro é escorado com terra, espessamente acarpetada com grama e flores e rodeada de chorões. Vários pequenos altares estão embutidos ao longo do muro entre os salgueiros, enquanto ao lado das montanhas estão vários templos grandes. No ponto mais elevado está um altar onde sacrifícios são feitos ao céu.

O povo de Anju é muito orgulhoso do seu sangue e de suas antigas famílias. Eles não são tão pobres quanto muitas comunidades e conseqüentemente são mais conservadores. Apesar de pregadores cristãos, tanto estrangeiros como nativos, terem visitado a cidade frequentemente, nenhuma impressão perceptível foi feita. Na cidade encontramos somente um homem chamado Kim e sua esposa, e a esposa do dono de um bar fora da cidade, que haviam feito profissão de fé em Cristo. Vários cristãos vieram das vilas nas redondezas e nós nos encontramos naquela noite na sala dos fundos do bar, pois a casa de Kim não era grande o suficiente para acomodar nem mesmo o pequeno grupo que se reunia. Kim é um cavalheiro elegante, velho, de barba acizentada com uma boa risada e um temperamento violento. Ele costumava pregar para os seus vizinhos sobre Jesus e se alguém se recusasse a crer ou se tornava abusivo, o velho Kim perdia a sua calma e começava a esbofetear a religião para dentro dele. Eu tive de adiar o seu batismo por dois anos até que ele aprendesse a controlar seu temperamento.

Na manhã seguinte, o dr. Moffett me levou a uma caminhada sobre o muro. Ficamos num ponto alto, contemplando a cidade, enquanto ele me contava pela primeira vez porque havia me levado a Anju. "Esta cidade", disse ele, "é um dos lugares estratégicos do norte da Coreia e eu espero que ela seja indicada para você." Ele me mostrou como o comércio desde a distante região de Kang Kei passava através de Anju, e como uma igreja plantada ali faria muito para evangelizar toda a área. Com alegria consenti em me submeter ao trabalho se a Missão achasse adequado me indicar para isso. Naquele outono, na reunião anual, o trabalho de Anju foi colocado sob os meus cuidados. Eu coloquei todo o meu entusiasmo nisso, não esquecendo do conselho do dr. Moffett. Se eu visitava uma cidade uma vez, visitava duas vezes Anju, e Deus fez prosperar a obra desde o início. Logo, um número suficiente de cristãos havia sido reunido para se comprar uma pequena casa de taipa dentro da cidade. Ali nós penduramos nosso sinal "Yasu Kyi" (A Igreja de Jesus) e içamos a bandeira nacional aos domingos para orientar os estranhos ao culto.

Pela boa providência de Deus, dois esplêndidos jovens, da minha própria idade, cristãos das vilas adjacentes, se mudaram para Anju para se dedicarem aos negócios. Eles se tornaram os líderes naturais. Deus os fez prosperar e eles davam o dízimo da sua renda, bem como mais do que o dízimo de seu tempo, sem outro pagamento senão a alegria do serviço, o pregação do evangelho e o trabalho da igreja.

As coisas continuaram assim em 1904, o ano em que a guerra russo-japonesa nos sobreveio como um furacão. Anju, como Pyongyang, tornou-se um centro japonês e continuou assim mesmo depois de os russos terem sido levados para muito além do Yalu. Durante os primeiros e incertos dias da guerra, nós, missionários americanos, fomos confinados em Pyongyang por ordem do governo, e pouco podíamos fazer senão assistir as tropas japonesas marchando para dentro e para fora da nossa cidade. Dia após dia eles marchavam do sul para dentro, armazenando sua bagagem no campus da nossa faculdade, e na manhã seguinte, para fora, pela estrada de Pequim, bem perto de nossas casas, silenciosamente, sem música marcial exceto a chamada ocasional de uma cometa. Os coreanos nos informaram que cada soldado japonês levava consigo um meio de se matar em caso de captura. Eles esperavam um conflito desesperado e avançavam sem saber se ganhariam, mas determinados a vencer ou morrer. Muito foi publicado sobre o sofrimento infligido sobre coreanos inocentes por japoneses desordeiros que seguiam o exército. De minha parte, só posso falar com elogios sobre o exército regular. Apesar de as tropas terem tido de se espalhar por toda a cidade em casas coreanas, nem sequer um caso de insulto foi relatado a nós. Nossos direitos como cidadãos americanos foram escrupulosamente respeitados.

Naturalmente, eu fiquei ansioso por minhas igrejas do interior. Logo que pareceu ser possível, fui ao Residente Japonês em Pyongyang e pedi permissão para visitar o meu distrito do interior. Ele consentiu e me deu uma passaporte escrito em japonês e inglês que provou ser de grande utilidade para mim posteriormente. A tradução é esquisita, mas interessante:

“Rev. Wm. N. Blair. A pessoa acima citada,

sendo Reverendo Americano, está indo para Anju, Sook Chun e Kai Chun para pregar, e ser-lhe-á permitido passar livremente sem impedimento, e tal assistência será dada no que lhe for necessário.

Depósito de Suprimentos em Pyongyang.

Para o Depósito de Suprimento e Tropas Japonesas nos lugares de viagem do portador”

Com este passaporte como garantia, pude viajar livremente entre as minhas igrejas, encontrando tropas em todo lugar, mas recebendo somente cortesia e bondade. Mais tarde, quando as ferrovias do governo foram concluídas, descobri para o meu deleite que os guardas honravam prontamente meu passaporte e me deixavam andar nos trens de construção sem pagar.

Foi nesta primeira viagem para o interior, durante a guerra russo-japonesa, que eu cheguei numa noite em companhia de vários coreanos na estrada principal de Anju e fiquei surpreso ao descobrir que os fios telegráficos tinham sido cortados ao sul da cidade. Chegando à cidade, nós encontramos os portões fechados e os soldados japoneses em guarda acima deles. Ficamos sabendo através de coreanos vivendo fora dos muros que um grupo de quatrocentos cossacos havia descido repentinamente do norte um dia antes e, após cortar os fios, tomaram posição num monte alto ao leste, abrindo fogo contra a cidade. Havia somente uma pequena guarnição em Anju naquele ins- cante A maior parte da população coreana fugiu apavorada ao primeiro disparo.

Felizmente para os japoneses, eles descobriram os russos em tempo de telegrafar

as notícias, antes de os fios serem cortados, para Sook Chun, 32km ao sul, onde outra pequena guarnição de cem homens estava alocada. O grupo de Sook Chun partiu no mesmo instante e correu por todos os 32km para Anju, sem parar.

Nesse ínterim, uma batalha feroz rugia em Anju. Todas as armas extras que os japoneses puderam poupar foram colocadas nas mãos dos coreanos com estas instruções: "Não se preocupe se você não atingir ninguém. Apenas atire e faça barulho." Os russos nunca souberam da fragilidade do lugar ou eles o teriam tomado de uma vez, atacando os muros.

Quando a companhia de Sook Chun chegou, o comandante de Anju abriu os portões e ordenou que seus homens saíssem. Juntos, os menos de duzentos soldados japoneses investiram colina acima e afugentaram os russos em confusão colina abaixo, do outro lado. Provavelmente mais japoneses do que russos foram mortos; mas o fato é que os russos fugiram, deixando mortos suficientes para se fazer um grande monte não muito distante da estrada de Kai Chun ao leste da cidade.

Isso explicava os portões fechados. Os russos ainda estavam nas proximidades e os japoneses temiam uma segunda visita. Nosso problema era como entrar na cidade. Tinha sido enviada uma mensagem aos cristãos de Anju para que me esperassem naquela noite e já estava na hora do culto. Logo veio um coreano, dizendo que poderia nos guiar por uma abertura no muro. Silenciosamente caminhamos ao longo do muro, rastejamos sobre uma passagem pelo muro partido na metade do caminho entre os portões, e logo estávamos dentro da cidade, sendo recebidos pelos irmãos cheios de alegria na igreja. Nem um só cristão fugiu. O cristianismo é uma religião de paz, mas é maravilhoso como ele torna os homens mais fortes e lhes dá uma nova coragem para defender seus direitos e seus lares.

Nós ficamos ocupados naquela noite e todo o dia seguinte na igreja. Por volta das quatro horas, vários de nós saímos para uma caminhada. Eu estava esperando ser preso e não fui desapontado. O primeiro camponês japonês que me viu saiu em disparada e, em poucos minutos, um esquadrão de soldados veio marchando em ritmo acelerado em nosso caminho. Todos nós fomos presos. Eu sabia japonês o suficiente para dizer o "quartel general", e para "quartel general" fomos nós, com um soldado em cada lado e uma turba de camponeses agitados atrás.

O comandante falava um pouco de inglês, ainda que o meu passaporte teria sido suficiente para a minha identificação. Com um floreio, ele despediu a turba e, escoltando-me para dentro do seu apartamento particular, me entreteve com chá, bolo e a história da batalha do dia anterior. Ele me mostrou um monte de sobretudos e botas altas russos, bem como pistolas e espadas abandonadas na fuga, e dois prisioneiros russos, um deles um homem grande e barbado e o outro, um simples garoto. As minhas simpatias naquele tempo estavam todas com os japoneses, mas eu nunca esquecerei o sentimento que passou por mim quando tentei falar com esses dois russos. Eles eram homens brancos, prisioneiros nas mãos de uma raça estrangeira, e todo o sangue de nossa herança comum passou pelo meu corpo como uma envolvente onda de simpatia e desejo de libertá-los.

Esta batalha nos deu a nossa nova igreja em Anju. Os cristãos perceberam a sua oportunidade. "Todos fugiram," eles disseram, "e os soldados estão guardando seus cavalos nas casas. O preço das propriedades despencou. Agora é a hora de comprar uma nova igreja." Pode ter sido um pouco sagaz, mas que esplêndida exibição de fé! Uma das melhores casas na cidade foi oferecida para venda. Através de grandes esforços a metade do preço foi conseguida; mas somente a metade. Era-me possível adiantar o valor que faltava, mas é contra as regras e política da nossa missão colocar dinheiro americano nas igrejas coreanas. A tentação para fazê-lo é muitas vezes grande. Eles são

tão pobres, como podem prover todos os fundos necessários? Contudo a experiência tem provado que é melhor deixá-los levar o fardo sozinhos e crescerem ao carregá-lo. Eles sempre conseguem resolver de alguma maneira. Quando todos os recursos pareciam ter-se esgotado, Choi-si, uma viúva com algumas posses, mas sem dinheiro em caixa, veio à frente. "Nós temos de ter esta casa," disse ela, "e se todos vocês concordarem, eu darei a minha casa no interior como pagamento e viverei numa sala da igreja como zeladora." A oferta de Choi-si foi aceita como um presente de Deus. Em 24 horas o prédio era nosso e os homens cristãos se puseram a trabalhar transformando-o numa igreja.

No outono de 1904, quando o perigo da invasão russa já havia passado, nós visitamos Anju novamente e foi durante esta visita que ocorreu outro acontecimento importante no crescimento da igreja: a marcante conversão de Chun-si, irmã de criação de Choi-si, que tinha dado a sua casa para ajudar a comprar o novo prédio da igreja. Estas duas irmãs haviam ficado viúvas já há muitos anos e viviam juntas como irmãs, sendo altamente respeitadas na comunidade.

Quando Choi-si se tornou cristã e Chun-si se recusou a crer, aconteceu de acordo com as palavras do Mestre: a espada veio. Chun-si não somente se recusava a crer como também se opunha a que Choi-si tivesse qualquer coisa a ver com o "povo de Jesus". Por trinta anos as duas haviam vivido uma só vida. Agora Choi-si ingressara em um novo mundo de fé e amizade onde Chun-si era deixada de fora. Solidão, dor e amargo ódio pelos cristãos tomou conta do seu coração. Ela se tornou uma perseguidora tão violenta que talvez o desejo de escapar tenha influenciado Choi-si no sua oferta para a igreja, contanto que fosse providenciado um dos quartos para que ela ficasse como zeladora do prédio.

Se ela tentou escapar, fracassou. Chun-si empacotou seus bens e se mudou para a igreja com Choi-si. Ali estava uma situação interessante, um inimigo no campo, uma mulher pagã e perseguidora, tão amarga que o som dos cânticos e da oração a levava a uma perfeita loucura. Os cristãos de Anju pareciam impotentes. Ninguém estava disposto a carregar a anciã para a rua para que ela gritasse e arrancasse seus cabelos e criasse um rebuliço na cidade. Sua única esperança estava na forte mão do missionário. Eu enviei a Chun-si uma palavra para ela se acalmasse ou deixasse a igreja e por um tempo ela se comportou um pouco melhor; mas, quando a nossa classe bíblica de mulheres começou, o demônio parecia ter entrado nela para acabar com a reunião. Ela ofendia a todas que vinham e praguejava de tal maneira que as mulheres mais jovens iam embora amedrontadas.

Era tempo de agir, independentemente das consequências. Eu chamei Chun-si para fora e disse-lhe que devia ir embora. Eu estava triste; mas ela havia se comportado de uma maneira tão ultrajante que tinha de ir, e ir imediatamente. "Muito bem," ela disse, "eu irei," e, numa tempestade de fúria, correu para dentro da igreja, pegou aqui e ali os seus pertences, amarrou-os numa trouxa e saiu em disparada da igreja, despejando ameaças e imprecações sobre todos nós. Naquela noite nós tivemos paz. Na manhã seguinte, enquanto as mulheres estavam orando, a porta se abriu repentinamente e Chun-si correu para dentro e lançou-se no chão numa atitude de oração, exclamando: "Kedo-hapsata" ("Vamos orar"). Todos ficaram atônitos. A anciã estava fingindo, ou a contrição enfim tinha vindo sobre ela? Ele teve de repetir o seu pedido várias vezes antes que alguém se oferecesse para orar.

Chun-si se ergueu daquela oração como uma mulher completamente transformada. De fato, a mudança veio na noite quando, como ela nos contou, sozinha e num estranho lugar Jesus veio a ela e lhe abriu os olhos. Ela ficou sentada durante aquela aula como uma mulher arrependida e uma ansiosa aprendiz. Que milagre! Ela que uma vez tinha odiado o próprio nome de Jesus veio da noite para o dia a amá-lo com

um grande amor. A transformação do seu rosto era algo belo de se ver. Eu a tinha conhecido antes como uma mulher de rosto duro, odiosa, blasfemadora. Agora todos os traços rudes se foram, expulsos pelo grande amor e paz que vieram para sua alma autotorturada. Se eu pudesse pintar os dois rostos como eles vivem na minha memória! Não poderia haver uma defesa mais eloquente para missões.

As duas irmãs saíam agora de mãos dadas para declarar o evangelho aos seus amigos em Anju, e Chun-si logo se tornou a mais influente das duas. Dizia-se dela, como de Saulo de Tarso, "Não é esta aquela que tanto perturbou aqueles que se chamam por este nome?" Muitos homens e mulheres foram convertidos. Os cristãos não estavam mais em confusão, mas reunindo-se juntos "com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus e contando com a simpatia de todo o povo. E o Senhor acrescentava-lhes dia a dia os que iam sendo salvos".

No decorrer do tempo, Chun-si se tornou uma catecúmena e, depois do ano normal de instrução, foi batizada, minha mão aspergindo a água batismal sobre a cabeça curvada grisalha e em meu coração um profundo senso da graça e da presença de Deus.

Outro ano se foi e uma vez mais a sra. Blair e eu visitamos juntos Anju. A igreja estava repleta para o culto da Ceia no domingo, mas Chun-si não estava lá. Ela estava deitada numa sala não distante dali, ouvindo os cânticos, mas incapaz de entrar. Depois do culto, a sra. Blair e eu, com os oficiais e uma ou duas mulheres, fomos para o lado de Chun-si e tivemos um breve culto de cânticos e oração e eu administrei a comunhão. "Não", ela disse, "eu não tenho medo de morrer, mas estou muito cansada e anelo estar com Jesus." Nós nunca mais a vimos novamente. Somente poucos dias mais tarde Deus a chamou para o lar com um cântico de louvor nos seus lábios moribundos, gloriamente triunfante.

No inverno anterior à nossa partida da Coréia em licença, foram iniciados planos para uma nova igreja em Anju, a ser construída numa encosta contemplando a cidade. A madeira foi comprada numa montanha há vinte milhas dali, cortada e arrastada sobre a neve até Anju. Quando a primavera chegou, os negócios pararam enquanto a fundação estava sendo colocada e as grandes vigas enquadadas para serem erguidas. Muito do trabalho teve de ser feito por carpinteiros e pedreiros pagOs. mas tudo o que mãos sem perícia podiam fazer era feito alegremente pelos cristãos, pois o dinheiro é escasso na Coréia. Economizando em tudo o que fosse possível, a igreja iria custar ao todo 30.000 nyang, US\$ 1.500 em dinheiro americano; mas representando para eles um sacrifício de US\$ 30.000. O dinheiro não era conseguido com facilidade e nem a quantia toda de uma só vez. A congregação se reunia vez após vez para levantar mais dinheiro. Todos davam o que podiam. Alguns deram seus campos, outros cereais ou mercadoria; mulheres deram suas joias, e a obra foi feita.

Finalmente, a estrutura estava erguida, aparecendo como uma catedral acima da cidade, construída para abrigar, sentadas, seiscentas pessoas e alta o suficiente para permitir o aumento para 1.200 pessoas sentadas. Eu fui para Anju numa visita de inspeção e andei por todo o prédio com o comitê de construção para ver se o vigamento era suficientemente forte. Todos nós estávamos felizes como crianças. Uma coisa nos preocupava. O empreiteiro que havia nos prometido fornecer o telhado voltou atrás na sua barganha. A estação chuvosa estava se aproximando e o nosso prédio estava descoberto. Uma carta após outra chegava até mim depois que retornei a Pyongyang falando da ansiedade do povo, pedindo-me para enviar o telhado por navio de Pyongyang. Para mim isto era praticamente impossível. Um dia, uma carta chegou dizendo: "Não se preocupe. Deus nos enviou o telhado." De onde vocês acham que veio o telhado? Eu mencionei os altares dos espíritos embutidos sob os salgueiros no muro ao redor da cidade. O magistrado de Anju tinha enviado uma mensagem dizendo que se os cristãos realmente quisessem o telhado, ele lhes venderia todos aqueles altares já que não eram mais usados pelo povo. Ele vendeu para a igreja toda a coleção, e os cristãos subiram em multidão, tiraram as telhas dos tetos das casas de demônios, carregando-as nas costas através da cidade e colocando-as alto na casa de Deus com muita alegria e toda a cidade estava assistindo, sem qualquer objeção.

A Igreja sendo Provada

No capítulo anterior foi exposto o suficiente para mostrar o caráter da igreja coreana. Não se pode superestimar o zelo dos cristãos coreanos, seu entusiasmo em testemunhar, sua generosidade em dar, seu deleite na oração e no estudo da Palavra de Deus. É um erro, entretanto, supor que não tenha havido dificuldades a vencer, problemas, tempos de provação. O Extremo Oriente está em efervescência. As grandes guerras que têm abalado as nações e mudado o curso da História se concentraram na Coreia durante o breve período da história da igreja. Nada senão a presença orientadora do Espírito do Senhor tem trazido em segurança a igreja até esta hora. Nada senão o Espírito do Senhor derramado do céu em poder pentecostal poderia ter salvo a igreja na hora da sua grande provação.

O tempo crítico ao qual nos referimos veio com estabelecimento da igreja coreana independente em 1907. Nunca houve o pensamento ou o desejo por parte dos missionários da nossa igreja ou da nossa Junta de Missões Estrangeiras de que as igrejas estabelecidas em terras estrangeiras devessem estar permanentemente sob a direção e o controle da igreja americana; mas logo que parecesse sábio tomar o passo, igrejas independentes deveriam ser estabelecidas em diferentes países, que seriam encorajadas a assumir plenamente o fardo e a responsabilidade de evangelizar a sua própria terra.

Exceto os salários e despesas dos missionários americanos e certa ajuda financeira dada para o nosso hospital e poucos colégios, a igreja coreana tem praticamente se auto-sustentado por vários anos. Nós temos ordenado presbíteros em muitas igrejas. A maior parte da direção dos assuntos locais tem sido já passada para as mãos da igreja coreana. Esperando também, como o fizemos, que o seminário teológico graduasse a sua primeira turma para o ministério em 1907, a data do estabelecimento da Igreja Presbiteriana Coreana foi designada para aquele ano. Incluindo um presbítero de cada igreja organizada, o primeiro presbitério teria mais membros votantes coreanos do que missionários estrangeiros, e o controle e o destino da Igreja estariam, daí em diante, inteiramente em suas mãos. E claro, isso é o que nós realmente queríamos. Queríamos uma igreja coreana, não uma igreja americana. Contudo, nós sabíamos que havia perigo em confiar poder a mãos sem experiência. Não éramos ignorantes quanto às experiências de nossos irmãos em outras terras. Nem faltavam profetas do desastre. Contudo aqui jaz a vitória da fé. Nós tínhamos confiança em nossos irmãos coreanos. Nós sabíamos que o maravilhoso progresso da igreja era obra de Deus e não do homem. Assim, fizemos os nossos planos para 1907. Não havia mais possibilidade de mudança ou recuo quanto às proclamações, quando o redemoinho da guerra russo-japonesa veio sobre nós e mudou tudo.

O Japão ganhou e a Coreia foi para o vencedor. Era fácil para o Japão porque ele já havia dominado a península antes. A Coreia tinha se submetido sem resistência à ocupação militar de sua península pelo Japão, considerando-a como uma necessidade militar. Repentinamente a Coreia despertou com um sobressalto. A guerra havia acabado e o Japão, ainda na península, claramente não tinha a intenção de se retirar. Então a Coreia se viu despida da sua dignidade como uma nação independente e humilhada além das medidas pelo retorno dos seus mensageiros estrangeiros, e a descuidada indiferença, até mesmo desprezo das nações estrangeiras.

Num dia, aquilo que um século de mau governo por parte dos seus próprios governantes não havia conseguido, a ocupação japonesa realizou: o patriotismo nasceu na Coreia. Uma onda de intenso sentimento nacionalista varreu a terra. "A Coreia para

os coreanos" e "E melhor morrer do que ser escravos", eram palavras de ordem ouvidas por todo lugar. Incapazes de resistir aos japoneses abertamente, reuniões secretas eram realizadas através do país. Muitos fugiram para as montanhas, levando o nome de *we pyung*, ou "exército justo", e deflagraram uma guerra de guerrilha contra os japoneses. Ainda é perigoso para um cidadão japonês viajar sozinho longe das cidades fortificadas.

Naturalmente emergiu uma chamada para cada homem se declarar a favor ou contra os japoneses. Todos viram na igreja a única esperança para o seu país. O cristianismo dá força de caráter aos homens. Não se nega a intensa lealdade da igreja coreana. Não faltavam muitos líderes inflamados dentro da própria igreja que pensavam que a igreja deveria entrar na luta. O país precisava de um líder e a igreja coreana era a organização individual mais forte e influente da Coreia. Se ela tivesse de fato deixado um pouco do rígido princípio de não-interferência em política, milhares teriam recebido sua liderança e se reunido sob sua bandeira. Poderíamos novamente ter testemunhado a cruz de Constantino conduzindo um grande exército. Eu creio que a Coreia, como o Império Romano, teria adotado o Cristianismo num só dia e, creio também, nós teríamos tido uma outra Igreja Romana.

Foi necessário muita coragem, aliada a sabedoria e grande amor, para conduzir a igreja corretamente, erguer-se diante de homens inflamados pela indignação devido à perda da sua nação e pregar a doutrina do amor e da paciência, do perdão mesmo aos próprios inimigos. Contudo isso foi o que os missionários e nossos melhores líderes coreanos fizeram. Graças a Deus, a igreja, como um todo, maravilhosamente ensinada pelo Espírito, recebeu nosso ensino como a palavra de Deus. Mas alguns foram desobedientes. Por todo lugar havia alguém que virava as suas costas. Esforços foram envidados para minar a influência dos missionários e oficiais da igreja que aconselhavam submissão. Alguns líderes coreanos foram chamados abertamente de traidores, alguns tiveram as suas vidas ameaçadas.

Por esse tempo, também, retornou para a Coreia um contingente de jovens que haviam estado na América tempo suficiente para se tornarem orgulhosos. A maioria deles professava ser cristã, mas o seu cristianismo consistia mais de uma desejo de libertar o seu país e de ambição pessoal do que uma sincera aceitação de Cristo e um desejo de fazer a sua vontade. Esses jovens nos causaram muitos problemas. Eles contavam histórias, todas verdadeiras demais, tínhamos de admitir, da prevalência da imoralidade, do alcoolismo e da impiedade na América. "Afim de contas, que direito têm estes americanos, estes estrangeiros, de dirigir a igreja?" Alguns chegaram ao ponto de dizer que os americanos, até mesmo mais do que os japoneses, eram responsáveis pela infeliz situação da Coreia. As vezes, turbas surgiam e interrompiam nossas reuniões. Aqueles que eram responsáveis por tais distúrbios nunca foram numerosos; mas uns poucos homens podem fazer um bocado de barulho. Quando os corações dos homens estão aflitos, uma meia dúzia de agitadores selvagens pode causar um sem fim de danos.

Os coreanos há muito olhavam para a América como seu amigo especial. Nosso embaixador, o dr. Allen, desfrutava da confiança e estima do rei coreano e de todo o povo. Foi grande e generalizado o desapontamento quando os Estados Unidos, seguindo o exemplo da Grã-Bretanha, se apressaram em reconhecer o controle do Japão. Uma violenta tempestade antiestrangeira, especialmente antiamericana varreu a terra. Nós curvamos nossas cabeças, não para a tormenta, mas para Deus em oração. Quando os homens ficam terrivelmente confusos em suas mentes, quando eles ficam com seus corações com ódio mortal contra aqueles que consideram como opressores, quando ficam frios para com seus líderes e acham a mensagem de amor e perdão não bem-vinda, então surge a situação que o diabo sabe muito bem como usar. Os homens acham difícil viver à altura dos elevados padrões da vida cristã numa terra pagã sem a

presença do Espírito. Os membros de igreja com ódio em seus corações simplesmente perdem o auxílio de Deus e se tornam vítimas fáceis da tentação. Vez após vez nos entristecemos por homens em quem confiávamos e caíram em tentação.

Deixei clara a situação? Estávamos para entregar a autoridade da nossa igreja às mãos coreanas, para estabelecer uma igreja coreana independente. Repentinamente nos encontramos na perigosa situação descrita. Como poderíamos dar um passo tão crítico numa época assim? Contudo nós tínhamos de fazer o que havíamos prometido fazer ou perder a confiança dos nossos irmãos coreanos. Foi assim que Deus nos compeliu a olhar para ele.

A Classe de Pyongyang

Em agosto de 1906 nós, missionários de Pyongyang, compreendendo a gravidade da situação, nos reunimos para uma semana de estudo bíblico e oração. O dr. Hardy, de Won San, a quem Deus tem abençoado grandemente, veio a Pyongyang para nos dirigir. A Primeira Epístola de João, que veio a se tornar nosso livro-texto durante o reavivamento, foi escolhida para um estudo especial. Quantas vezes a Palavra de Deus parece ter sido escrita para ocasiões especiais! Nós estávamos buscando ajuda em tempo de necessidade. O apóstolo João nos assegurou que tudo dependia da comunhão com Deus e que a divina comunhão era condicionada pelo amor e pela justiça. Aquele que sonda as profundezas do coração tomou a epístola e fez dela uma mensagem viva e pessoal. "Deus é amor e quem permanece em amor permanece em Deus, e Deus nele."

Havíamos chegado a um ponto onde não ousávamos mais avançar sem a presença de Deus. Fervorosamente, derramamos nossos corações diante dele, sondando nossos corações e buscando satisfazer as condições. Deus nos ouviu e nos deu naquela semana um anelo por aquilo que estava por vir. Antes que as reuniões fossem encerradas, o Espírito nos mostrou claramente que o caminho da vitória para nós seria através da confissão, de corações quebrantados e lágrimas amargas.

Nós saímos daquelas reuniões de agosto compreendendo como nunca antes que nada senão o batismo do Espírito de Deus em grande poder poderia nos preparar, a nós e a nossos irmãos coreanos, para os dias de provação que estavam por vir. Nós sentimos que a igreja coreana precisava não somente se arrepender do ódio contra os japoneses, mas de uma visão mais clara de todo pecado contra Deus, pois muitos haviam ingressado na igreja sinceramente crendo em Jesus como seu Salvador e estavam ansiosos em fazer a sua vontade, mas sem grande tristeza pelo pecado por causa da sua familiaridade. Nós sentimos que toda a igreja, para se tornar santa, precisava de uma visão da santidade de Deus, que almas amarguradas precisavam ter seus pensamentos tirados da situação nacional para o seu próprio relacionamento com o Mestre. Nós juntos concordamos naquela hora em orar por uma grande bênção sobre os nossos irmãos coreanos, especialmente durante o tempo das classes de estudo bíblico de inverno para os homens em Pyongyang.

O sistema de classe de estudo bíblico é uma característica especial do trabalho coreano. Cada igreja estabelece uma semana ou um tempo mais longo durante o ano para estudos bíblicos. Todo o trabalho é deixado de lado. Assim como os judeus guardam a Páscoa, o coreanos guardam estes dias sagrados em oração e estudo da Palavra de Deus. O resultado de tal ininterrupto estudo bíblico é inevitavelmente um despertar de toda a igreja, um verdadeiro reavivamento de amor e serviço. Que a América siga o exemplo da Coréia nesta única coisa e o problema do reavivamento cuidará de si mesmo.

Além das classes mantidas em cada igreja e numerosas classes regionais e em circuito, cada Estação tem uma ou mais classes gerais onde representantes de todas as igrejas se reúnem no centro em que os missionários vivem, e gastam de dez dias a duas semanas em estudo bíblico e conferências. A Classe Geral de Pyongyang para homens é normalmente realizada durante as primeiras duas semanas de janeiro, a frequência média por anos entre oitocentos e mil. A maior parte destes homens caminha para Pyongyang de distâncias que variam de 16 a 160km. Todos vêm às suas próprias custas e pagam uma pequena taxa para custear as despesas da classe. A frequência do interior

é tão grande que os cristãos locais de Pyongyang são impedidos de participar para dar lugar aos visitantes. Também há uma classe especial sendo mantida para mercadores de Pyongyang em fevereiro.

A Classe Geral é dividida em oito sessões, cada uma tendo, além do período devocional matinal e meia hora de cânticos, três horas completas de estudo bíblico sob diferentes missionários e professores coreanos. De noite uma reunião aberta para os homens é realizada na igreja central, sendo as mulheres excluídas por falta de espaço.

Estas Classes de Estação dão uma oportunidade inestimável para inspirar e dirigir e unir igreja toda na sua fé e vida. Os homens mais fortes de todas as igrejas estão aqui. Um novo cântico ensinado na Classe de Estação logo será cantado por todo distrito. Cada novo pensamento e convicção semeado aqui produz fruto em todas as igrejas. Esta é a razão porque nós oramos especialmente pela Classe Bíblica em Pyongyang.

O outono de 1906 foi, em grande parte, dedicado ao trabalho itinerante no interior. Nenhuma reunião especial poderia ser realizada na igreja central em Pyongyang no tempo da visita do dr. Howard Agnew Johnson imediatamente após a reunião anual em setembro. O dr. Johnson contou aos cristãos coreanos sobre as bênçãos recebidas na Índia e deixou em muitos corações uma fome por manifestações similares da graça de Deus entre nós.

O Natal chegou e a nossa força espalhada se reuniu em Pyongyang para compartilhar as alegrias da época juntos. Normalmente nós passamos a semana entre o Natal e o Ano Novo renovando a comunhão com nossas famílias, e descansando em preparação aos dias mais ocupados da época da Classe Bíblica que se aproxima. Frequentemente, toda a comunidade se reunia para uma noite social, tendo o melhor tempo imaginável. Naquele inverno não tínhamos motivação para reuniões sociais. As reuniões de oração eram realizadas a cada noite. Quando a Classe Presbiteriana começou em 2 de janeiro, as reuniões de oração vespertinas tiveram de ser interrompidas; mas o desejo de orar era tão forte que decidimos realizar reuniões de oração ao meio-dia diariamente durante a classe para aqueles que podiam estar presentes. Como o sr. Lee diz no seu breve relato de "Como o Espírito Veio a Pyongyang", "essas reuniões de oração ao meio-dia eram um verdadeiro Betei para nós".

As reuniões vespertinas relacionadas com a classe começaram em 6 de janeiro na igreja central com mais de 1500 homens presentes. Missionários e pastores coreanos dirigiram estas reuniões, todos procurando mostrar a necessidade da presença do Espírito e a necessidade do amor e da retidão. As reuniões eram extremamente interessantes como reuniões em tempos de crise sempre o são. Nada incomum aconteceu. Nós não estávamos procurando por algo incomum. Somente um calmo e solene mar de faces curvadas e anseio para dirigir em oração mostravam como o Espírito estava operando.

No sábado à noite eu preguei sobre 1 Coríntios 12.27: "Vós sois o corpo de Cristo, e diversos membros", procurando mostrar que a discórdia na igreja é como uma doença no corpo — "se um membro sofre, todos sofrem com ele" — lutando por mostrar como o ódio no coração do irmão feria não somente toda a igreja mas trazia dor para Cristo, o cabeça da igreja. Logo depois de ter ido para a Coreia, eu tive um acidente enquanto caçava e perdi a ponta de um dos meus dedos com um tiro. Todos os coreanos sabiam disto. Segurando a minha mão, eu disse à congregação como minha cabeça tinha doído e todo o meu corpo sofrido com o dedo ferido. A idéia parecia ir direto aos seus corações. Depois do sermão, muitos testemunharam uma nova compreensão do que era o pecado. Alguns, com tristeza, confessaram a falta de amor pelos outros, especialmente pelos japoneses.

Nós fomos para casa naquela noite confiantes de que nossas orações estavam sendo ouvidas. Na noite do domingo seguinte nós tivemos uma estranha experiência. Não havia vida na reunião. A igreja estava cheia como normalmente, mas algo parecia bloquear tudo. Depois do sermão algumas poucas orações formais foram feitas e nós fomos para casa cansados como se tivéssemos saídos de uma competição física, conscientes de que o demônio tinha estado presente, aparentemente vitorioso.

O Pentecoste Coreano

Na segunda-feira, ao meio-dia, nós missionários nos reunimos e clamamos a Deus fervorosamente. Estávamos unidos num só espírito e nos recusávamos a deixar Deus ir até que ele nos abençoasse. Aquela noite foi muito diferente. Cada um sentiu, enquanto entrava na igreja, que o lugar estava cheio da presença de Deus. Não somente os missionários mas o coreanos testificam a mesma coisa. Eu estava presente uma vez em Wisconsin quando o Espírito de Deus caiu sobre um grupo de lenhadores e cada descrente na sala se levantou e pediu orações. Naquele noite em Pyongyang o mesmo sentimento me sobreveio quando entrei na sala, um senso da proximidade de Deus, impossível de descrever.

Depois de um breve sermão, o sr. Lee assumiu a reunião e pediu orações. Tantos começaram a orar que o sr. Lee disse: "Se vocês querem orar assim, todos orem", e todo o auditório começou a orar em alta voz, todos juntos. O efeito foi indescritível — não houve confusão, mas uma vasta harmonia de som e espírito, uma fusão de almas movidas por um irresistível impulso de oração. A oração soou para mim como a queda de muitas águas, um oceano de oração atingindo o trono de Deus. Não eram muitas, mas uma, nascida de um Espírito, elevada ao único Pai nos céus. Assim como no dia de Pentecoste, eles estavam todos juntos em um lugar, orando de comum acordo, "e repentinamente veio do céu um som como de um vento impetuoso e encheu toda a casa onde estavam assentados". Deus nem sempre está no redemoinho, nem fala sempre num sussurro. Ele veio a nós em Pyongyang naquela noite com o som de choro. Enquanto a oração prosseguia, um espírito de pesar e tristeza pelo pecado desceu sobre o auditório. De um lado, alguém começou a chorar e num momento toda o auditório estava chorando.

O relato do sr. Lee, escrito na época do reavivamento, descreve a história daquela noite melhor do que quaisquer outras palavras, ainda que cuidadosamente escritas três anos mais tarde, poderiam fazer. "Um homem após o outro se erguia, confessava os seus pecados, desatava em choro e então se lançava ao chão e batia nele com seus punhos em grande agonia de convicção. Meu próprio cozinheiro tentou fazer uma confissão, desesperou-se no meio dela e gritou para mim através da sala: "Pastor, há alguma esperança para mim, posso eu ser perdoado?" e então ele se lançou ao chão e chorou e chorou e quase gritou em agonia. As vezes, depois de uma confissão, todo o auditório desatava em oração audível e o efeito daquele auditório de centenas de homens orando juntos de forma audível era algo indescritível. Novamente, depois de outra confissão, eles desatavam em choro incontrolável, nós todos chorávamos e não podíamos deixar de fazê-lo. E assim a reunião prosseguiu até às duas da manhã, com confissão e choro e oração."

Somente uns poucos missionários estavam presentes naquela noite de segunda-feira. Na terça pela manhã, o sr. Lee e eu fomos de casa em casa contando as boas notícias para todos os que tinham estado ausentes (e para os nossos amigos metodistas da cidade). Ao meio-dia toda a comunidade estrangeira se reuniu para render graças a Deus.

Eu gostaria de descrever a reunião de terça à noite em minhas próprias palavras porque uma parte do que aconteceu teve a ver comigo pessoalmente. Nós estávamos conscientes de que existia um mau sentimento entre vários dos nossos oficiais da igreja, especialmente entre o sr. Kang e o sr. Kim. O sr. Kang confessou o seu ódio pelo sr. Kim

na segunda à noite, mas o sr. Kim ficou em silêncio. Em nossa reunião de oração ao meio-dia, na terça, vários de nós concordamos em orar pelo sr. Kim. Eu estava especialmente interessado porque o sr. Kang era meu assistente na igreja de Pyongyang do Norte e o sr. Kim era um presbítero da igreja central, e um dos oficiais na Associação de Homens de Pyongyang, da qual eu era presidente. Na medida em que a reunião avançava, eu podia ver o sr. Kim sentado com os presbíteros atrás do púlpito com a sua cabeça curvada. Curvando-me onde estava sentado, eu pedi a Deus para ajudá-lo, e erguendo os olhos o vi indo à frente.

Segurando o púlpito, ele fez sua confissão. "Eu tenho sido culpado de lutar contra Deus. Como presbítero na igreja, eu tenho sido culpado de odiar não somente a Kang You-moon, mas Pang Mok-sa." Pang Mok-sa é o meu nome coreano. Eu nunca tive uma surpresa tão grande em minha vida. Pensar que este homem, meu associado na Associação de Homens, tinha estado me odiando sem meu conhecimento! Parece que eu havia dito algo a ele num dia, na correria de administrar um exercício escolar no campo, que o tinha ofendido, e ele não conseguira me perdoar. Voltando-se para mim, ele disse: "Você pode me perdoar? Você pode orar por mim?" Eu fiquei em pé e comeci a orar, "Apa-ge, Apa-ge" ("Pai, Pai") e não consegui continuar. Foi como se o telhado tivesse sido retirado do prédio e o Espírito de Deus descesse do céu numa poderosa avalanche de poder sobre nós. Eu caí ao lado de Kim e chorei e orei como nunca havia orado antes. Meu último vislumbre da audiência ficou indelevelmente gravado na minha mente. Alguns se lançavam estendidos sobre o chão, centenas estavam em pé com os braços estendidos ao céu. Um se esqueceu do outro. Cada um estava face a face com Deus. Eu ainda posso ouvir aquele terrível som de centenas de homens suplicando a Deus por vida, por misericórdia. O clamor subiu sobre a cidade de tal maneira que os pagãos ficaram consternados.

Assim que recuperamos nosso autocontrole nós, missionários, nos reunimos na plataforma e consultamos: "O que faremos? Se os deixarmos prosseguir assim, alguém ficará louco." Contudo não ousamos interferir. Nós havíamos orado a Deus por um derramamento do seu Espírito sobre o povo e ele veio. Separando-nos, nós descemos e tentamos confortar os mais abatidos, puxando os homens para o chão e dizendo, "Não se preocupe, irmão, se você pecou Deus vai perdô-lo. Espere e lhe será dada uma oportunidade para falar."

Finalmente, o sr. Lee começou um hino e o silêncio foi restaurado durante o cântico. Então teve início uma reunião tal qual eu nunca havia visto antes, nem gostaria de ver novamente a não ser que aos olhos de Deus seja absolutamente necessário. Cada pecado que um ser humano pode cometer foi publicamente confessado naquela noite. Palidez e tremor com emoção, em agonia de mente e corpo, almas culpadas, e; anao em pé na branca luz daquele julgamento, viram a si mesmas como Deus as via. Seus pecados se ergueram em toda sua vileza até que a vergonha e a dor e o autodesprezo tomou conta deles completamente; o orgulho foi expulso, a face dos homens esquecida. Olhando para o céu, para Jesus a quem eles haviam traído, eles se golpeavam a si mesmos e clamavam com amargo lamento: "Senhor, Senhor, não nos lance fora para sempre!" Tudo foi perdoado, nada mais importava. O escárnio dos homens, a pena da lei, até a própria morte parecia de pequena importância se somente Deus perdoasse. Nós podemos ter as nossas teorias se é desejável ou não que haja confissão pública de pecado. Eu tinha tido a minha; mas eu sei agora que quando o Espírito de Deus cai sobre almas culpadas, haverá confissão, e nenhum poder na terra pode detê-la.

Os Resultados

A classe de Pyongyang terminou com a reunião de terça à noite. Os cristãos voltaram para seus lares no interior levando o fogo pentecostal com eles. Por todo lugar onde a história foi contada, o mesmo Espírito inflamou e espalhou as chamas até que praticamente cada igreja, não somente na Coreia do Norte, mas por toda a extensão da península tivesse recebido sua parte da bênção. Em Pyongyang, reuniões especiais foram realizadas nas várias igrejas por mais de um mês. Mesmo as escolas tiveram de deixar de lado as lições por alguns dias enquanto as crianças choravam seus erros juntas.

O arrependimento de maneira nenhuma ficou restrito à confissão e às lágrimas. A paz era resultado da reparação, onde quer que a reparação fosse possível. Nós tivemos nossos corações rasgados vez após vez durante aqueles dias pela devolução de pequenos artigos e dinheiro que foram roubados de nós através dos anos. Doía tanto vê-los sofrer! Por toda a cidade os homens iam de casa em casa, confessando a indivíduos que eles tinham prejudicado, devolvendo propriedades e dinheiro roubados, não somente aos cristãos, mas também aos pagãos, até que toda a cidade ficou impressionada. Um comerciante chinês ficou atônito ao ver um cristão entrar e pagar a ele uma grande soma de dinheiro que havia obtido injustamente anos atrás.

Logo que foi possível, eu fui para o interior para dar assistência às minhas igrejas. Por todo lugar encontrei pessoas já preparadas, orando pela bênção do Espírito e nenhuma vez ele nos desapontou. Claramente era a vontade de Deus que nenhum frágil grupo nem uma pequena criança perdesse a bênção. Eu me lembro de dois garotinhos, ambos com 9 anos de idade, os únicos crentes em suas famílias, que vieram à frente durante a reunião em Yung You e choraram dolorosamente por seus pecados. Após a reunião, eles me fizeram prometer que oraria diariamente por seus pais descrentes. Dois anos mais tarde encontrei os garotos novamente. Um tinha trazido o seu irmão mais novo que havia se tornado cristão com ele e disse-me que seu pai prometera se tornar cristão. O outro ficou bem atrás de mim e disse: "Meu pai já é um cristão", o menino mais feliz que se pode imaginar.

Uma das minhas igrejas, Nam San Moru, estava muito fraca e desencorajada. A hora em que esta igreja chorou os seus pecados diante de Deus foi a de um novo nascimento e poder. Hoje, é uma das minhas igrejas mais fortes, com uma congregação de trezentas pessoas. Uma tarde, durante aqueles memoráveis dias, descobri que não poderia atender a um compromisso de pregar em So Kam, um campo de minas onde tínhamos uns poucos e fracos seguidores. Providenciando um cavalo, eu cavalguei para a igreja onde uns poucos cristãos estavam reunidos e disse-lhes que eu deveria voltar para a cidade imediatamente, e que somente esperaria para dirigi-los em oração. Mal comecei a orar, quando o mesmo espírito de tristeza pelo pecado caiu sobre aquele grupo de mineiros, que contava com alguns homens que tinham vivido vidas endurecidas pelo pecado antes de crerem. Eu os deixei chorando juntos. Aquela hora foi também o princípio de uma nova vida e poder para So Kam. Eles recentemente construíram uma bela igreja nova que abrigará mais de trezentas pessoas sentadas.

Algumas cenas penosas foram testemunhadas durante o reavivamento. Em Yung You, onde o sr. Lee e eu realizamos uma classe por uma semana em fevereiro daquele ano, eu vi um homem se erguer e confessar que ele havia assassinado um homem num vale não distante da igreja. Ao dizer isso ele caiu inconsciente diante do púlpito e

tivemos trabalho para que voltasse a si. Tais pecados não podem ser confessados sem que toda a natureza seja rasgada como numa luta de morte. E notável, considerando a intensidade e ampla extensão do reavivamento, que nenhum efeito negativo tenha sido relatado. O resultado em todo lugar era sadio, exceto onde homens deliberadamente resistiam ou tentavam enganar o Espírito e seus irmãos. A princípio ficamos muito preocupados que, na agitação, confissões insinceras, talvez por motivos errados, pudessem ser feitas; mas logo descobrimos que podíamos confiar em nosso povo com Deus. As vezes um homem se levantava e fazia somente uma confissão parcial dos seus erros, retendo a parte da qual ele realmente se envergonhava; mas na noite seguinte nós o encontraríamos novamente, pálido e torturado, pronto para se levantar à primeira oportunidade e confessar seu duplo pecado em esconder seu grande pecado na noite anterior. Uma vez que o Espírito convencia um homem, ele parecia não conseguir descansar noite e dia até que se aliviasse do seu fardo na igreja e fazia o que podia para reparar a ofensa. Somente em poucos casos, onde homens culpados de pecados que eles se recusavam a confessar a despeito da avassaladora convicção que os fazia torcer a face, o dano foi experimentado. Deus esperou muito e parecia colocar todo o seu poder para salvá-los; mas, no fim, se eles recusassem suas súplicas, ele se voltava e os expulsava. Mais cedo ou mais tarde, o pecado seria descoberto e a igreja descobria exatamente por que razão o irmão havia fracassado em encontrar ajuda e paz.

Um dos meus ajudadores, o homem chamado Kang, referido como tendo sido inimigo do sr. Kim, teve uma terrível experiência. Noite após noite ele estava sob condenação, nunca encontrando a paz. Depois que o reavivamento cessou, ele gradualmente perdeu o interesse e nós tivemos de removê-lo do ofício. Finalmente parou de vir e me evitava. Um ano mais tarde, a confissão de uma mulher provou que este homem, Kang, havia sido culpado de imoralidade enquanto era oficial da igreja. Ele se recusou a confessar, resistindo ao Espírito até o final e Deus o deixou ir. Kang foi de mal a pior e finalmente se tornou o responsável por um bordel na cidade. Ainda há uns poucos meses atrás chegou-me uma notícia de que ele havia tentado dar cabo da sua vida tomando ópio.

Fora uns poucos casos como o de Kang, o efeito do reavivamento sobre a igreja foi extremamente útil e restaurador. A igreja toda foi lavada e limpa e adoçada e renovada. Quando nos reunimos para organizar nossa Igreja Coreana Independente naquele outono, não se ouvia nada sobre brigas, somente um grande desejo de orar e pregar o evangelho o mais rápido possível para toda a Coreia e, na vontade de Deus, para China e Japão. Aquela primeira reunião da nova igreja coreana foi realmente uma reunião para missões estrangeiras. Uma Junta de Missões Estrangeiras foi organizada. O presbitério impôs as mãos sobre um dos sete primeiros homens a serem ordenados para o ministério do evangelho, o mais dotado na classe, Ne Ke-pung, e enviado como missionário estrangeiro para Quelpart, uma ilha ao sul da Coreia. O espírito missionário tomou conta de toda a igreja, especialmente dos jovens na faculdade. No ano passado, a Faculdade e Academia de Pyongyang levantou dinheiro suficiente para enviar um deles, Kim Hyung-cha, para Quelpart, para ajudar Ne Ke-pung. Kim Hyung-cha é um dos nossos homens mais promissores. Ele teria se graduado na faculdade no ano passado, mas nós tivemos que interromper a classe formada por um ano devido a insuficiência de professores. Ele me ajudava em meu escritório e lecionava em algumas turmas na faculdade. O comitê se reuniu e elegeu Kim Hyung-cha para ir a Quelpart sem o seu conhecimento. Eu fui vê-lo para tratar do assunto e o encontrei doente, prostrado no chão da sua casa. Coloquei minha mão sobre a sua cabeça. Ele estava febril demais para falar por isso eu simplesmente disse: "Hyung-cha, o Comitê Missionário se reuniu hoje e elegeu você para ir para Quelpart; você irá? Não me diga agora: pense nisso e me diga amanhã." Ele me disse mais tarde que virou o rosto para a parede e lutou a batalha da sua vida. Seu salário como missionário seria somente pouco mais da metade do que estava recebendo agora; além disso, ele estava desfrutando de oportunidades especiais relacionadas com seu trabalho na faculdade, com relação a música e estudo de línguas. Mas a chamada venceu. No dia seguinte em resposta à minha pergunta, ele disse: "Eu irei." Ele foi, e como os meninos oraram por ele todo o ano!

No ano passado outro homem ordenado foi enviado pela igreja coreana para Vladivostok, na Rússia, para pregar a milhares de coreanos que se estabeleceram naquela área.

Parte II

Os Sofrimentos da Igreja Coreana

Por Bruce Hunt

12

O Pano de Fundo dos Sofrimentos durante a Ocupação Japonesa, 1910-1945

A Coréia foi anexada pelo Japão em 22 de agosto de 1910. Apesar de os líderes da igreja coreana terem se esforçado em mantê-la livre de movimentos políticos, e apesar de o Espírito Santo ter limpado e purificado a igreja no grande reavivamento de 1907, muitos japoneses, especialmente a polícia e líderes militares, nunca entenderam o caráter espiritual do Cristianismo. Desde que a sua própria religião nacional do Xintoísmo era tanto religiosa quanto política, eles não conseguiam livrar-se da suspeita de que os missionários eram agentes políticos dos seus governos, e que o rápido crescimento da igreja coreana deveria estar ocorrendo devido a razões políticas.

Isso foi demonstrado naquilo que se tornou conhecido como o "Caso de Conspiração."

Em outubro de 1912, três estudantes do Colégio (Presbiteriano) de Meninos Kyungsin em Seul foram presos. Mais tarde, todos os professores e muitos estudantes foram presos. Mais ao norte, grande número de pessoas foram presas em Pyongyang, Syenchun e outros lugares, muitas delas destacados cristãos. A acusação contra elas era, a princípio, desconhecida. Logo começou a vazar das prisões notícias de torturas cruéis e espancamentos — alguém era colocado de cabeça para baixo e derramavam água nas suas narinas, lascas de bambu eram enfiadas sob as unhas, as pessoas eram penduradas pelos polegares (amarrados pelas costas), eram colocadas em celas tão apertadas que não podiam ficar em pé ou se sentar, ou eram submetidas a sobressaltos, primeiro sendo ameaçadas com ferro em brasa, para então terem aplicados ferros gelados, depois de terem os olhos vendados.

Na mesma época, ocorreu um roubo dramático no qual uma gangue havia fugido com barras de ouro que estavam sendo transportadas de uma das minas de ouro americanas. Inicialmente, rumores associaram as prisões a esse roubo. Mas então os jornais controlados pelo governo começaram a sugerir que uma grande conspiração para matar o Governador Geral Japonês Terauchi, em sua passagem por Syenchun em 29 de dezembro de 1910, havia sido descoberta e que esta era a razão pela qual 125 homens (98 deles cristãos), estavam para ser indiciados e levados a julgamento. Este julgamento foi realizado com base em "confissões" assinadas pelos prisioneiros. Diversos missionários (inclusive o dr. William Blair) foram, de acordo com as "confissões", acusados de terem participado da conspiração. Um advogado cristão japonês defendeu os prisioneiros. No julgamento público, todos, menos um, que parecia estar

mentalmente afetado, alegaram inocência, declarando que as "confissões" assinadas haviam sido obtidas sob tortura e que não tinha havido nenhuma conspiração. Apesar de nada poder ser provado contra eles, 105 homens foram considerados culpados. Sob apelação, contudo, todos foram dispensados, exceto seis homens que foram sentenciados a dez anos de prisão, provavelmente para salvar a face do governo. Todos esses homens foram libertos depois de poucos anos. Um dos seis era o Barão Yun Chiho, um proeminente líder leigo da Igreja Metodista e tio do segundo presidente da República da Coreia.

Na opinião do dr. Blair, apesar do sofrimento infligidos a muitos cristãos, o "Caso da Conspiração" mostrou ser muito útil para a igreja. Ele limpou a atmosfera e removeu uma boa parte da suspeita do governo em relação a missionários e à igreja. Depois do caso, as relações com o governo melhoraram consideravelmente.

O período seguinte de sofrimento chegou em 1919. A Coreia havia estado sob o controle do Japão somente por nove anos quando Woodrow Wilson, no final da I Guerra Mundial, apresentou seus famosos "quatorze pontos" para a Liga das Nações. Entre eles estava a "autodeterminação das pequenas nações". Os líderes coreanos sentiam que o silêncio num instante assim seria indicar que estavam satisfeitos em serem governados pelo Japão. Uma declaração de independência foi redigida secretamente e assinada por 33 proeminentes líderes da Coreia. Quinze dos que assinaram, incluindo o Rev. Kil Sunjoo, um evangelista e mestre da Bíblia amado nacionalmente, eram cristãos. Esta declaração foi distribuída secretamente em tempos e locais predeterminados por todo o país e lido publicamente em meio a gritos de "Tai Han Tong Nip Mansei" ("10.000 anos para a independência da Coreia"). Os cristãos se uniram sob a condição de que não se empregaria violência. Esta condição está escrita na própria declaração.

As autoridades japonesas, tomadas completamente de surpresa, retaliaram cruelmente. Este escritor viu multidões, que não podiam se armar nem mesmo de bastões ou pedras, atacadas a baionetas e ouviu rifles sendo disparados contra os manifestantes. Os hospitais das missões se encheram de feridos. Muitos foram mortos, outros foram espancados e mutilados, ainda outros sofreram por causa das terríveis condições em prisões lotadas. Este escritor lembra das longas filas de prisioneiros feridos, enquanto as crianças que brincavam paravam para ver, na medida em que eles eram trazidos, quase diariamente, durante os meses de março e abril de 1919, das áreas circunvizinhas, onde as demonstrações ainda continuavam.

O lugar de liderança que os cristãos ocupavam em muitas comunidades, seu vivo interesse pelas questões sociais, e o fato de que, num país onde menos de cinco por cento eram cristãos, quinze dos 33 que assinaram eram cristãos, fez com que os cristãos se destacassem mais, e um número desproporcional de cristãos sofreu. Em Suwon, toda a congregação foi chamada para a igreja, o prédio foi incendiado e aqueles que tentaram escapar foram fuzilados. Muitos coreanos, mas especialmente os cristãos, fugiram para a Manchúria e Sibéria. Os efeitos dessa dispersão ainda são sentidos meio século depois. Aqueles que foram aprisionados pregavam para os seus companheiros, conduzindo muitos a Cristo. Outros em confinamento solitário estudavam e memorizavam longas passagens da Bíblia, que foram usadas mais tarde com visível efeito nos seus ministérios.

A brutalidade com a qual as autoridades apagaram esse movimento suscitou a simpatia do mundo civilizado quando as notícias finalmente vazaram, e o governo japonês, em face da opinião pública mundial, substituiu o governo militarista por um governo mais moderado, colocando o Barão Makoto Saito, um homem de mente liberal, simpático para com o Cristianismo, como Governador Geral. Mas a igreja não teve paz por muito tempo.

Desde a anexação japonesa da Coreia, uma das principais causas da tensão entre o governo e a igreja era a questão da educação. Uma lei de educação, sancionada em 1911, afirmava que o objetivo da educação era fazer "súditos bons e leais". Todas as escolas deveriam ser registradas juntas ao governo no prazo de dez anos e nenhuma escola poderia ser registrada exceto sob as condições do governo. Entre outras, as condições exigiam que o currículo do governo deveria ser seguido, a maior parte do ensino deveria se feita em japonês, os professores deveriam ser aprovados pelo governo e não poderiam ser demitidos sem a permissão do governo e, finalmente, cultos religiosos não podiam ser realizados nem instrução religiosa dada nessas escolas.

Os missionários das Missões Presbiterianas do Norte e do Sul eram especialmente fortes na sua oposição em se ter as escolas das missões registradas sob essas condições. Em particular, a proibição de instrução religiosa impedia as escolas de serem cristãs no verdadeiro sentido da palavra. Algumas missões alegavam que a educação, como tal, é uma coisa boa, seja ministrada por professores cristãos ou não e, se promovida por cristãos, poderia ser chamada de educação cristã. Outros alegavam que qualquer educação, enquanto fosse desenvolvida por professores cristãos, mesmo que o ensino formal cristão não fosse permitido, era educação cristã; e esse tipo de educação dada pelos professores cristãos não serviria como um tipo de isca, atraindo pessoas para o Cristianismo, e dando aos professores uma oportunidade para influenciar os alunos fora das horas de aula? Mas outros mantinham que só pode ser designada de educação cristã aquela onde os professores ensinam as diversas matérias e são livres para dar instrução cristã ao lado e junto com essas matérias.

Depois do "Movimento de Independência" de 1919, sob o liberal governador geral, Barão Saito, os regulamentos foram mudados para permitir dois tipos de escolas — "registradas" e "designadas". As escolas "registradas" eram aquelas que satisfaziam plenamente os padrões do governo, inclusive a exclusão de instrução religiosa do currículo. As escolas "designadas" deviam satisfazer a todos os outros requisitos do governo, mas tinham a permissão de dar instrução cristã.

Mas os problemas ainda permaneceram. Professores cristãos qualificados desejosos de aceitar posições nas escolas das missões eram frequentemente rejeitados pelo governo. Os diretores das escolas das missões vasculhavam o império japonês em busca de professores cristãos que também fossem aceitáveis pelas autoridades japonesas.

Além disso, bons estudantes cristãos ficavam frequentemente relutantes em se matricular numa escola "designada" porque aqueles que possuíam diplomas de escolas "designadas" eram sempre considerados como tendo uma educação de segunda categoria, não importando quão elevados fossem os padrões educacionais da escola. Também encontravam dificuldades para se transferirem ou ingressarem em colégios e universidades "registrados" para prosseguirem nos estudos. Encontravam igualmente dificuldade para conseguir os empregos do governo, que geralmente ofereciam melhores salários, depois da graduação.

Além do mais, nos contratos sob os quais as escolas eram designadas, as autoridades japonesas mantinham uma condição que mais tarde seria usada impressionantemente contra as escolas de missões. Era que o objetivo da educação era fazer "súditos bons e leais". Ao aceitar esta condição, as autoridades das missões pensaram que nada faria de alguém um "súdito bom e leal" mais do que orientando-o a ser um bom cristão. Quando a facção militarista começou a ser sentida no governo japonês, entretanto, sua interpretação disso era que "súditos bons e leais" eram somente aqueles que mostravam reverência para com o Imperador Japonês (que era considerado uma divindade) inclinando-se diante dos altares, para o oriente, ou em direção ao palácio do Imperador — em outras palavras, pela participação nas

cerimônias xintoístas. A palavra *xinto* significa "o caminho de deus" ou "o caminho dos deuses". As cerimônias são geralmente conduzidas numa *Jinja* que significa uma "casa do espírito". Os sacerdotes xintoístas frequentemente oficiavam mesmo em cerimônias xintoístas "patrióticas", invocando espíritos e dirigindo a eles palavras de conforto ou orações de adoração ou ação de graças e petição a eles.

A princípio, dificilmente passava pela mente de alguém questionar a natureza religiosa e não-cristã das cerimônias. Como os pastores coreanos de um presbitério colocam: "Nós sabemos que a adoração de espíritos deificados em altares é contrária ao mandamento de Deus." Na época em que essa questão estava sendo agudamente debatida, um oficial japonês mesmo disse: "A grande maioria do povo japonês crê que espíritos estão sendo adorados nestas cerimônias "xintoístas patrióticas."

Mas os cristãos, frequentemente tendo de enfrentar a alternativa de perder seus empregos na escola ou no governo, ou a expulsão da escola, ou o fechamento de instituições construídas através de anos de sacrifício, às vezes se sentiam em condições de racionalizar, aceitando a distinção do governo entre "xintoísmo religioso" e "xintoísmo do estado" ou "patriótico", e frequentando cerimônias em altares xintoístas como um "ato patriótico". Muitas vezes era feita uma tentativa de tecer um paralelo entre tais cerimônias e aquela de colocar coroas de flores no túmulo do "soldado desconhecido" no ocidente, ou a da saudação da bandeira.

A maioria dos missionários presbiterianos do norte e do sul (dos Estados Unidos), estes com o apoio firme da sua junta na América, assumiu uma forte posição contra adoração em altares e preferiu fechar as escolas da missão na área presbiteriana do sul imediatamente, do que ter os estudantes ou professores participando das cerimônias de altares como representantes das escolas da missão. A maior parte da Missão Presbiteriana do Norte se opôs à adoração em altares, mas ficou debilitada em dar um testemunho claro por uma vigorosa minoria, respaldada pela junta na América, que não considerava a adoração em altares algo muito sério. Finalmente, contudo, a Missão Presbiteriana do Norte fechou suas escolas ou, sob pressão da Junta, entregou algumas delas aos coreanos (um gesto de conformação) para que as administrassem.

Nesse ínterim, houve casos individuais de professores aprisionados ou destituídos dos seus certificados de ensino, e de estudantes expulsos da escola ou até aprisionados. Em 1935, o dr. George McCune e (mais tarde) o Dr. Samuel A. Moffett, então responsáveis pela Faculdade Soongsil, e da Academia Soongsil em Pyongyang, foram ameaçados de morte por membros de uma organização nacionalista fanática de ex-soldados japoneses. A "proteção" policial parecia ter sido designada mais para impedir o movimento, e a polícia não era capaz de dar qualquer garantia de segurança às pessoas dos missionários. O dr. McCune e o dr. Moffett, que gastaram um longo tempo de frutífero serviço no estabelecimento da igreja coreana, foram forçados a deixar o país quase que secretamente, como se fossem foragidos comuns.

Originalmente, tinha sido afirmado que a adoração em altares era necessária somente aos estudantes, a fim de fazê-los "súditos bons e leais". Mas, depois que o Japão invadiu a Manchúria em 1931, e empreendeu sua "guerra santa" contra a China (1937), a cúpula militar, que agora estava na direção, insistia em que a lealdade devia ser mostrada pela adoração em altares por todos os súditos. Crianças das escolas tiveram de colocar altares nos seus lares, bem como se inclinarem àquele no pátio da escola todos os dias e nos altares públicos maiores em ocasiões especiais. Os funcionários nos escritórios públicos tiveram de se inclinar ao altares nos escritórios diariamente e nos altares públicos em ocasiões especiais. Mas tarde, foi insistido que todas as reuniões públicas, inclusive cultos cristãos tão diversos como as reuniões da Assembleia Geral e dos presbitérios, e reuniões da Sociedade Missionária de Mulheres, fossem abertas para algum tipo de inclinação xintoísta patriótica. Finalmente, tornou-se compulsório que

houvesse representantes de vilas, depois de cada casa, e às vezes até de cada indivíduo nas cerimônias xintoístas.

As penalidades por não-frequência ou oposição às cerimônias xintoístas variavam em grau. Num estado policial, onde quase tudo que alguém faz depende de permissão, havia incontáveis maneiras com as quais os oficiais públicos podiam retardar, e fazer quase ineficaz, qualquer tentativa de alguém que estava na sua "lista negra" deixar de cooperar nas cerimônias xintoístas. No racionamento dos anos de guerra, o estômago de alguém era tocado e a própria vida era ameaçada pela mera recusa de um cartão de racionamento para um "não-cooperador". As crianças apanhavam ou eram expulsas da escola e até mesmo aprisionadas por se recusarem a se curvar diante dos altares.

Informantes mantinham a polícia a par do ensino dos missionários, ministros e até leigos comuns. Algumas pessoas, e o escritor foi uma delas, tinham de notificar a polícia dos seus movimentos pelo interior, relatando ao posto de polícia local sempre que chegavam à cidade ou a deixavam.

Na Manchúria, o Rev. Lloyd Henderson, um missionário presbiteriano que trabalhava entre os coreanos, foi baleado e morto enquanto viajava em uma noite enluarada sob a guarda militar japonesa. Foi alegado que sua morte fora causada por bandidos que atiravam no pelotão mas as circunstâncias tornam bem mais provável uma explicação diferente. Em Chungju, o Rev. Otto De Camp e o dr. D. S. Lowe da Missão Presbiteriana do Norte foram presos por removerem um pequeno altar japonês indesejado da casa de um dos trabalhadores cristãos que viviam na propriedade da missão. Eles estiveram na penitenciária por vários meses e foram tratados como criminosos comuns, tendo de caminhar descalços para o julgamento, com as mãos amarradas e a cabeça coberta para evitar serem reconhecidos pelos que passavam.

Bofetadas e chutes eram quase o tratamento de rotina enquanto os coreanos eram interrogados pela polícia. A dieta da prisão tinha como objetivo somente manter os prisioneiros vivos. Muitos eram torturados e espancados até ficarem insensíveis. Celas sem aquecimento provocavam muito sofrimento. Piolhos, pulgas e percevejos eram os companheiros constantes dos prisioneiros. O odor da privada mantida na cela e esvaziada só ocasionalmente; a falta de liberdade para ter cuidados médicos quando necessário; a falta de leitura e materiais de escrita e o prazer sádico dos carcereiros em fazer a vida miserável para os prisioneiros — tudo combinava para levar alguém a preferir a morte rápida de um mártir a uma morte viva prolongada, que também não deixava de ser a de um mártir, sendo a experiência diária daqueles que sobreviviam.

A ameaça pairava sobre toda a igreja. Vários já haviam sido presos por uma ou duas vezes devido a oposição à veneração aos altares, quando a questão foi finalmente forçada pelo governo japonês na Assembleia Geral da Igreja Presbiteriana Coreana para que uma decisão fosse tomada em 1938.

Por ordens do alto escalão, delegados para a Assembleia foram primeiramente tratados individualmente na área das suas casas, onde eram conhecidos e onde as autoridades tinham muitas maneiras de tornar a vida difícil para os não-cooperadores. Foi-lhes dada a escolha de: (1) ir para a Assembleia e votar pela não-pecaminosidade da veneração aos altares; (2) ir para a Assembleia, mas ficar em silêncio sobre a questão dos altares; (3) não ir para a Assembleia. O Rev. Kim Sundoo recusou todas as três opções e tentou ir para a Assembleia de qualquer maneira, para fazer o seu protesto, mas foi preso, tirado do trem e mantido preso até o que a Assembleia fosse concluída.

Os missionários também haviam sido individualmente, e depois coletivamente, advertidos a não dizer nada sobre o assunto, desde que era algo para os coreanos decidirem. Eles foram ordenados a não discutirem a questão.

A estas medidas as autoridades acrescentaram a precaução de ter homens vestidos à paisana seguindo cada delegado da sua cidade até a Assembleia. Assim aquela fatídica Assembleia foi realizada numa atmosfera de acampamento armado. A polícia armada, vestida como se para um tumulto, guardava todas as entradas. A ninguém senão aos delegados, com seus policiais vestidos em roupa civil, foi permitido entrar na Igreja do Portão Ocidental em Pyongyang onde a reunião estava sendo realizada.

Todos os delegados tinham recebido ordens de ir em grupo para a veneração ao altar antes da abertura da Assembleia. A convocação à Assembleia foi adiada devido a chegada de altas autoridades policiais a quem foram dados lugares de honra de frente para a Assembleia.

Quando a moção de fato, declarando a veneração aos altares permitida, foi proposta, o moderador, agindo sob ordens do governo, recusou permitir quaisquer declarações exceto aquelas que favoreciam a moção. O dr. Blair, seguido pelos Revs. Kinsler e Hill, tentaram subir à plataforma e quando isso foi recusado, apresentaram seus protestos. O escritor também, ao tentar subir à plataforma para insistir e exigir seu direito como delegado de falar, foi fisicamente forçado a descer da plataforma pela polícia postada ao redor do auditório e foi solto somente sob ordens do seu chefe.

A moção foi posta e recebeu um fraco voto positivo. O negativo não foi colocado, mas o moderador declarou a moção encerrada. Novamente protestos não foram permitidos. Um comitê de missionários redigiu um protesto escrito que foi assinado por todos os delegados missionários, mas a polícia impediu que fosse registrado nas minutas da Assembleia, embora esse fosse um procedimento comum no trato de protestos.

Outro assunto que veio à tona na mesma Assembleia amordaçada foi a aprovação de uma lei, há muito disputada, sobre o controle de atividades religiosas. O governo havia decretado uma lei na qual locais de culto religioso, e o direito de conduzir qualquer forma de culto ou ensino religioso, dependiam da permissão do governo. A questão era se a Assembléia aprovaria sujeitar-se a esta lei. Deveria o homem pedir permissão ao governo para fazer o que Deus ordenava? Como o Rev. Lee Moonju de Taegu, cuja piedosa liderança e posicionamento eram claramente conhecidos, sem se dobrar à conformação, colocou a questão: "Nós podemos hoje passar uma moção concordando em nos submetemos a esta lei, mas ao fazê-lo nós iremos contra aquilo que sempre os presbiterianos têm defendido.

Até o tempo do ato de conformação da Assembleia Geral, indivíduos que estavam sendo pressionados à veneração aos altares podiam reivindicar o apoio do maior número representado pela igreja e suas leis. Além do mais, já que a constituição japonesa garantia a liberdade religiosa, eles se sentiam comparativamente seguros quando podiam apelar para a lei da igreja. Agora, qualquer um que recusasse a adorar nos altares poderia ser acusado pelo governo como um indivíduo fanático, que nem mesmo reconhecia as leis da sua própria igreja, e provavelmente com algum motivo de rebelião contra o governo por trás dos seus atos. Cada homem agora devia ficar firme sobre os seus próprios pés. A igreja coreana havia chegado ao "Vale da Decisão".

Os líderes da igreja eram os alvos especiais. Alguns foram ao Japão "para estudos de pós-graduação" a fim de se esconderem sob o anonimato do papel de estudante. Outros se esconderam em lugares no interior até que sua identidade era descoberta e eles não poderiam se esconder mais, então fugiam para outro lugar. Alguns deixaram o ministério e foram para o trabalho secular. Ainda outros foram para a Manchúria ou China já que tomava por certo que o governo estava tão ocupado lutando uma "Guerra Santa" contra a China que não teria tempo para sair em busca de não-conformistas na igreja.

Muitos não resistiram à pressão. Como, por exemplo, o evangelista que trabalhou comigo. Ele já havia conhecido a prisão antes, durante um tumulto nos seus dias de estudante. "Eu poderia morrer por Cristo", ele disse, mas não posso suportar o pensamento de anos na prisão, simplesmente deteriorando mental e fisicamente." E um dos ministros coreanos me contou: "É diferente para vocês, americanos; vocês podem ir para a sua terra e escapar; mas para nós, coreanos, não há lugar para onde possamos fugir." Quando eu sugeri que a morte por Cristo era um meio de escape, ele disse: "Mas eu não quero morrer."

Houve o caso do ministro cuja saúde já havia sido terrivelmente afetada durante uma prisão anterior. Ele disse que, por si mesmo, estava com desejo de morrer, mas o que seria dos cordeiros e dos fracos no rebanho, as anciãs ignorantes, os pobres analfabetos e as crianças? Se ele se recusasse a se conformar, as portas da igreja seriam fechadas, ele seria preso, e eles não teriam lugar para ir onde pudessem ouvir as palavras de vida. Outros ficavam preocupados sobre quem iria cuidar dos pais idosos, esposas e filhos.

Leigos com convicções também logo ficaram em evidência, na medida em que o governo começava a exigir veneração aos altares nas igrejas locais, depois nas casas e até no nível individual. Agora, eles também começavam a ser caçados como os líderes.

Enquanto alguns não suportavam e cediam, outros ficavam firmes. Houve um pobre vendedor de pipocas, conhecido por este escritor, na Manchúria, que não cedeu mesmo quanto privado do seu sustento ao ter o seu milho e sua ração de querosene cortados porque ele não queria contribuir para a construção de um altar local.

Houve a mãe, presa (grávida novamente) porque ela havia ensinado sua filha, a líder da sua turma na escola, a estar disposta a abrir mão da sua educação ao invés de se curvar diante de um altar. O diretor japonês da escola, apesar de crer que devia expulsar a menina por causa da disciplina da escola, chorou ao assim fazer porque perdia uma das suas melhores alunas.

Houve uma diaconisa e seu esposo que, com um bebê de um mês de idade nas costas, foram presos porque, juntamente com outros membros da congregação, ela se declarou contra a veneração aos altares.

Houve o filho de 15 anos do evangelista Lee Yonghee (um dos mártires) que foi preso por ficar, junto com o seu pai, contra a veneração aos altares.

Houve o fazendeiro barbudo, Chun Choisun, um "Yungsoo" ou líder de igreja, e o seu filho crescido, diácono Chun Choonduk, que foram sentenciados a seis e oito anos, respectivamente, e somente libertos no fim da II Guerra Mundial.

Também houve uma piedosa enfermeira, sra. Kim Taekyung, trabalhava com o dr. e sra. Roy Byram em seu dispensário missionário em Harbin, que foi presa e sentenciada a oito anos de prisão por se opor a adoração ao Imperador.

Estes são somente uns poucos dos casos conhecidos pessoalmente, mas suas histórias se repetiram por toda a Coréia. O mesmo aconteceu nas ilhas Kojé e Namhae na costa sul da Coréia até à fronteira siberiana na Manchúria.

Os anos que se passaram desde que a Coréia obteve sua independência do Japão me convenceram de uma coisa: nenhuma pessoa conhece ou jamais conhecerá o número e nomes de todos aqueles que morreram em consequência do seu testemunho contra a veneração dos altares. Uma vez consegui reunir uma lista de mais de trinta que inconfundivelmente morreram por sua fé devido a questão da veneração aos altares. O dr. Allen Clark diz que "mais de cinquenta obreiros das igrejas sofreram martírio". O espaço e o tempo não permitem escrever as histórias de todos aqueles a respeito de quem temos informações. Tentei dar acima um quadro da luta global que produziu os mártires deste período, e relatarei nos próximos capítulos uns poucos casos das testemunhas que suportaram perseguição até a morte.

Cinco dos Fiéis até a Morte

Havia quatro áreas gerais nas quais a oposição coreana à veneração aos altares parecia mais especialmente concentrada e até mesmo organizada: Província Kyungsang do Sul, a cidade de Pyongyang, Província de Pyongyang do Norte e Manchúria. Nenhuma área, entretanto, ficou sem testemunho individual e às vezes coletivo. O sonoro testemunho dos missionários presbiterianos do sul na províncias de Chulla, fechando as escolas da missão para não se curvarem já foi mencionado.

Na Província Kyungsang, uma equipe composta pelos Revs. Han, Choo e Choi, juntamente com o evangelista Whang, percorria as igrejas, fortalecendo a fé dos cristãos. Vários dos mártires e nove daqueles detidos pelos japoneses na penitenciária de Kyongyang até o fim da guerra, eram desta província.

Em Pyongyang, uma acirrada luta promovida pelos missionários, juntamente com igrejas e instituições cristãs e especialmente uma reunião de oração matinal na casa do Rev. Dwight Malsbary, da Junta Independente, frequentada por muitos coreanos, parecia influenciar todas as regiões da Coréia.

Na Província de Pyongyang do Norte, o movimento parece ter se centralizado ao redor de diversos indivíduos que se movimentavam por entre o povo. As sentenças comparativamente mais longas que estavam para ser pronunciadas ao Rev. Lee Kisun e ao evangelista Kim Ninhee pelo tribunal japonês testificam do que ouvi sobre as atividades destes dois homens na Coréia do Norte fortalecendo o povo de Deus e ajudando-o a ficar firme.

Na Manchúria, um pacto unindo um grupo de cristãos pela não-conformidade à veneração aos altares provou ser uma fonte de força. Ele exige algumas explicações neste ponto.

Depois da Assembleia Geral Presbiteriana ter cedido na questão dos altares em 1938, alguns cristãos se retiraram da igreja comprometida e começaram a se reunir separadamente para adorar, alguns deles fugindo para a Manchúria. Surgiu, então, um problema: quem deveria ser convidado para dirigir tais reuniões? Poderia se pedir aos cristãos que não tinham deixado formalmente a igreja comprometida, mas que talvez frequentassem tais reuniões, para liderá-las? Vários daqueles homens e mulheres que mais tarde foram aprisionados, incluindo Kim Yoonsup e as professoras de Bíblia, Kim Sinbok e Pak Myungsoon, se reuniram em nossa casa por dois dias, após um dia todo de jejum e oração, para discutir o assunto.

Seguindo o exemplo dos Pactuantes Escoceses, foi redigida uma declaração, indicando o ensino bíblico sobre veneração aos altares e a necessidade de completo rompimento com aqueles que toleravam a idolatria. Daí em diante, ninguém seria batizado exceto se concordasse com esse documento, e a ninguém era permitido dirigir cultos exceto àqueles que o haviam assinado. Havia cerca de 25 pequenos grupos cristãos coreanos na Manchúria norte que subscreveram este pacto, com pouco menos de quinhentos membros batizados pactuados e uma frequência média, todos os grupos juntos, de aproximadamente oitocentas pessoas em cada Dia do Senhor.

Este pacto, redigido em Harbin, norte da Manchúria, foi mais tarde usado por outros grupos por toda a Manchúria e eu o encontrei em uso em Pusan, no extremo sul da Coréia, em 1946, quando retornei à Coréia no fim da II Guerra Mundial.

PASTOR CHOOKICHUL

O mártir mais amplamente conhecido desse período foi o Rev. Choo Kichul, pastor da Igreja Presbiteriana Sanchunghyun em Pyongyang. O pastor Choo nasceu em 1897 no vilarejo de Oongchun, Província Kyungsang do Sul. Ele era o quarto filho de uma família não-cristã. Apesar de não ter sido cristão, seu pai parece não ter se oposto seriamente ao Cristianismo.

Após a escola primária, Choo ingressou numa famosa escola particular cristã na Coréia do Norte, conhecida como Academia Ohsan. Ela não era uma escola das missões, mas fundada por cristãos coreanos. O diretor era um homem de forte caráter cristão, exercendo uma influência formadora na vida dos jovens que estudavam com ele. Ele também era um verdadeiro patriota coreano. O seu amor pelo seu país e seu povo foi transmitido aos seus estudantes. Choo se tornou um cristão nominal durante os seus cinco anos na Academia Ohsan. O Dr. Arch Campbell, em *The Christ of the Corean Heart* [O Cristo do Coração Coreano] diz que foi sob a pregação de Kim Ikdo, que Choo teve a experiência de nascer de novo. Ele ingressou na Chosen (agora Universidade Yonsei) e no Seminário Teológico Presbiteriano de Pyongyang. Após a sua formatura no seminário, ele serviu às igrejas em Pusan e Masan, no sul da Coréia, antes de ser chamado para uma grande igreja, a Presbiteriana Sanchunghyun em Pyongyang. Apesar de ainda relativamente jovem, foi reconhecido como um líder na Igreja Presbiteriana Coreana e foi um dos cabeças mais sábios na luta por manter a igreja unida quando a denominação foi rasgada por facções locais. Ele era homem dotado de inteligência brilhante e boa educação, com dignidade e moderação nas palavras e na ação. Lembro-me especialmente da sua palavra numa das reuniões matutinas de oração da Assembleia Geral, poucos dias antes da sua prisão. Apesar dele não mencionar especificamente a questão dos altares, sua exposição calma e vigorosa da Palavra de Deus não deixou na mente dos ouvintes dúvidas sobre o que ele cria dever ser a posição da Igreja na questão da veneração aos altares. Foi um sopro refrescante de palavras claras num tempo de muitos pensamentos confusos.

Apesar da posição de Choo ser conhecida de todos, as autoridades, a princípio, hesitaram em prendê-lo por sua oposição à veneração aos altares, porque a Constituição Japonesa garantia "liberdade religiosa". Um diácono da igreja de Choo, entretanto, era membro do Movimento de Agricultores Cristãos, o qual estava sob a suspeita da polícia de ser uma base avançada para atividades antijaponesas, patrióticas, e Choo foi pela primeira vez preso em 1938, como estando, através do diácono, relacionado ao movimento. Ele foi levado à prisão em Weesung e detido por seis meses, passando boa parte do seu tempo orando, lendo e memorizando as Escrituras. Enquanto a suposta causa da sua prisão eram suas atividades políticas, sua oposição à veneração aos altares não passou despercebida e foi trazida à tona no julgamento em Taegu. Ele foi inocentado da acusação política mas foi ameaçado antes de ser liberto.

No primeiro domingo após a soltura, ele falou por uma hora, repetindo versos das Escrituras referentes à tribulação, que ele havia memorizado. Como sempre, detetives estavam presentes no auditório. Mais tarde, após muita oração, ele pregou com grande liberdade sobre o assunto da veneração aos altares, declarando que se curvar diante dos altares era idolatria. Isso ocorreu em agosto de 1939. Ele foi preso novamente. Não era fácil ir. Sua mãe cega, de 80 anos, perguntou: "Para onde você está indo?" e "Por que você está me deixando?". Seus filhos estavam chorando. Mas, como em muitos dos casos daqueles que foram capacitados a serem fiéis até o fim, ele foi apoiado por uma esposa consagrada, uma verdadeira "guerreira de oração". Ela não orava pela libertação do seu marido, mas para que o Senhor o ajudasse a "ser forte e corajoso até o fim, e para ser oferecido como um sacrifício no altar da igreja coreana". Sua congregação também o sustentava com suas orações, não por sua libertação, mas para que ele fosse "fiel até o

fim".

As autoridades pressionaram o presbitério a declarar vago o púlpito de Choo após sua prisão e para substituí-lo por um ministro comprometido com a veneração aos altares. A congregação se recusou a dar ouvidos ao comitê traidor do presbitério, cantando "Castelo Forte é o Nosso Deus" repetidas vezes, por diversas horas, para abafar as vozes dos membros do Comitê. A polícia tentou encerrar a reunião, tratando rudemente tanto homens como mulheres, incluindo a sra. Bernheisel, com seus cabelos brancos, uma missionária emérita, que ajudava o trabalho feminino da congregação há muitos anos. A congregação se reunia a cada manhã às cinco horas para orar por seu pastor, mesmo nas frias e escuras manhãs dos meses de inverno.

Na ocasião da sua segunda prisão, seu interrogatório foi acompanhado por açoitamento das nove da manhã às duas da tarde e ele acabou desfalecendo. Ao todo ele já havia sido interrogado sob tortura dez vezes, mas não cedeu. Kim Yangsun estava na mesma cela que ele e frequentemente oravam juntos. Kim Yangsun, que mais tarde foi liberto, relata que frequentemente orava: "Senhor, não deixa este frágil Choo Kichul por muito tempo, mas apressa-te e leva-o."

Choo ficou na prisão por seis anos. Durante os seus últimos vinte dias ele não conseguia comer praticamente nada e o seu corpo definhava. Sua esposa, apesar do fato de ela mesma estar enferma, o visitou na prisão no dia que seria o seu penúltimo na terra. Ele estava consciente de que a morte estava próxima e pensava sobre onde o seu corpo deveria ser sepultado. Quando o guarda da prisão sugeriu que a Sra. Choo deveria levá-lo para casa para morrer, Choo disse: "Para onde irei? Esta é a minha casa." E para sua esposa ele disse: "Deixe mais dois lugares na montanha Tol Pak", referindo-se aos locais de sepultamento, provavelmente para sua mãe e sua esposa.

Que os seus vinte dias sem poder comer não foi um jejum auto-inflingido pode ser visto nas palavras que mostram que ele anelava por mudar sua dieta da prisão por causa do seu corpo enfermo: "Eu gostaria de tomar Meem" (uma leve sopa coreana).

Acima de tudo, ele se preocupava muito com a igreja: "Eu estou indo, mas o que vai ser das ovelhas de Sanchunghyun?" "Eu estou indo para o Senhor e orarei pela Igreja de Sanchunghyun e por toda igreja coreana para sempre, por isso fiquem em paz."

Havia um íntimo entendimento entre marido e mulher, erroneamente considerado pelos ocidentais como inexistente entre os orientais: "Eu tenho ido pela estrada a mim proposta" — "Siga os meus passos" — "Encontremo-nos no céu."

O pastor Choo morreu às nove e meia da noite do dia 13 de abril de 1944.

Que a sua luz, que brilhou tão longe, também tenha brilhado tão fulgorantemente em casa é testemunhado não somente pela íntima compreensão entre marido e mulher, mas também pelos seus filhos. Um deles, especialmente, foi um destacado evangelista na Coréia do Norte. Eu nunca o encontrei, mas a safra de jovens brilhantes, consagrados, hábeis na Palavra de Deus, agora servindo em igrejas por toda a Coréia do Sul, que vieram da igreja deste jovem evangelista durante o tempo do seu ministério, é excepcional. Isso fez com que muitas vezes eu desejasse ter encontrado este jovem que moldou tão poderosamente muitas vidas para o bem. Ele foi mais tarde martirizado sob os comunistas e foi se juntar ao seu pai na grande "nuvem de testemunhas", aquela "multidão que ninguém podia enumerar" que permanecem em pé "diante do trono e do Cordeiro".

PRESBÍTERO PAK KWANJOON

O presbítero Pak Kwanjoon ficou amplamente conhecido por toda a nação porque ele, com seu filho e a srta. Ahn Eesook, uma professora de escola pública, levou o protesto contra a veneração aos altares até os quase sagrados "salões" da Dieta Imperial no Japão.

O presbítero Pak nasceu no dia 13 de abril de 1875, em Yengbyen, na província Pyongan do Norte. Ele veio de uma família afluente tendo, na sua infância, estudado os clássicos confucionistas e budistas.

Ele se tornou cristão em 1905 e em 1910 dedicou-se ao estudo da medicina, começando um pequeno hospital em 1914. Tornou-se mais e mais interessado na pregação do evangelho e, em 1921, deixou seu trabalho no hospital para dedicar tempo integral à pregação como leigo. Em 1923, começou uma igreja no distrito de Anju na Província Pyongan do Sul. Na medida em que os anos se passavam, o fardo de falar contra a conformação ao Xintoísmo tornou-se pesado sobre ele. Em 1937, ele decidiu falar publicamente ao governador-geral Minami. Também escreveu cartas para destacados oficiais públicos e líderes da igreja no Japão. Isto atraiu a atenção da polícia e ele começou a ser seguido por detetives.

Apesar do presbítero Pak não ter muito dinheiro, ele decidiu que deveria ir para o Japão e fazer o seu protesto diante da própria Dieta. As pessoas pensavam que ele estava louco. Viagens dentro do país estavam sendo checadas pela polícia e ele já era um homem marcado. Entretanto, ele sentiu-se impelido pela vontade do Senhor e partiu. Pediu à polícia uma permissão de viagem para o Japão, mas foi recusada. Certa noite ele parecia de fato ouvir uma voz dizendo: "Vá para o Japão." Assim, com permissão ou sem permissão, ele partiu com seu filho e a srta. Ahn, a professora de escola pública, que também sentia a necessidade de dar este testemunho. Muito estranhamente, eles não tiveram dificuldades no trem e nem mesmo na balsa até o Japão. As pessoas simplesmente pensavam que ele era um velho japonês voltando ao seu país natal com seu filho e filha.

No Japão, eles primeiramente visitaram certos influentes líderes cristãos e narraram a situação dos cristãos na Coréia. Eles também tinhamos nomes de certos proeminentes estadistas japoneses que se sabia não serem simpáticos à facção militar. Cria-se que eles mantinham a posição de que a facção militar estava cometendo um sério erro ao criar uma desavença alienadora com o povo coreano através da sua insistência na veneração aos altares. Através de um destes estadistas, eles conseguiram obter passes de visitante ao prédio da Dieta, lugar difícil de se aproximar naqueles dias das crescentes tensões e suspeitas de guerra no Império Japonês.

Eles fizeram uma visita ao prédio da Dieta somente para fazer um reconhecimento do local. Então, em 21 de março de 1939, eles entraram no prédio com panfletos escondidos nas suas roupas. De novo, providencialmente, os panfletos não foram descobertos quando foram revistados ao entrarem no prédio. O que eles estavam fazendo foi visto como um ato de imprudência suicida pelos coreanos que moravam no Japão. Neste mesmo período, os fanáticos militares japoneses que governavam haviam recorrido até mesmo ao assassinato do popular primeiro-ministro Saito, a fim de remover qualquer obstáculo ao seu programa de conquista mundial.

Os quatrocentos membros estavam reunidos para a 74ª Reunião da Dieta Japonesa. Na ocasião, a Dieta estava considerando especialmente a Lei Religiosa. A princípio, os três tomaram os seus lugares na galeria, a srta. Ahn no lado das mulheres. A um dado sinal, o presbítero Pak gritou: "E o grande propósito de Jeová Deus" e com estas palavras eles jogaram os folhetos que haviam preparado sobre os membros da

Dieta.

O folheto do presbítero Pak instava com o governo japonês para que cessasse sua rebelião contra Deus ao forçar a veneração aos altares ao seu povo, para que a ira de Deus não caísse sobre o país. O panfleto de Pak (1) instava para que o Cristianismo fosse feito a religião nacional do Japão, e (2) advertia que, se o Japão continuasse a perseguir o Cristianismo, o país seria destruído.

O lançamento dos panfletos, é claro, provocou uma grande comoção. Os três foram presos por um mês, e então enviados de volta para a Coreia. Isso levou a Dieta a indicar um comitê para investigar a questão na Coreia, mas resultou em nada.

Após o retorno de Pak à Coreia ele esteve constantemente sob vigilância policial. Seu filho instou com ele para que fugisse para a Manchúria, mas ele recusou. "Não", disse ao seu filho, "eu estou trabalhando pela igreja coreana e devo permanecer aqui." Ele disse que queria ser um mártir "por Jesus, pelo Evangelho, e pela igreja coreana".

Finalmente, em 1941, ele foi aprisionado sob a acusação de se opor à lei pelo controle das religiões, e de lesa-majestade. Ele morreu na penitenciária de Pyongyang em 13 de março de 1945 com a idade de 70 anos.

Na mesma penitenciária, o pastor Choi Sangnim, um alegre cristão sobre quem não podemos falar agora, morreu dois meses mais tarde. Havia 21 cristãos cujos nomes eram conhecidos, aprisionados em Pyongyang. A maior parte deles havia sido mantida nessa prisão infestada de piolhos por cerca de cinco anos. Eles passaram pelos interrogatórios dos tribunais mas nunca foram formalmente declarados culpados. Entretanto, registros da polícia, dizem alguns, foram encontrados no final da II Guerra Mundial, mostrando que as autoridades japonesas planejavam executá-los nos últimos desesperados meses da guerra e somente a efetiva rendição do Japão em 15 de agosto de 1945 parece tê-los salvo.

SRTA. AHN YOUNGAE

A srta. Ahn Youngae era uma empregada doméstica da Coreia do Norte. Como uma cristã trabalhando para uma família japonesa que a tinha levado para a Manchúria, ela se tornava mais e mais constrangida pela tarefa de ter de colocar uma porção diária de arroz diante da estante de um deus japonês, uma tarefa requerida por seu patrão. A princípio, ela cuspiu secretamente no arroz para mostrar seu desprezo e desaprovação por aquilo que estava fazendo. Mas isto não parecia ser um testemunho muito digno ou claro, assim ela finalmente decidiu deixar o seu emprego. Ela era uma boa empregada e o patrão japonês não queria perdê-la. Alegando que ela lhe era devedora por tê-la transportado até a Manchúria, e de outras maneiras, tentou mantê-la consigo, mas em vão.

Mais tarde ela encontrou um emprego conosco. Enquanto trabalhava para nós ela compartilhou um quarto alugado, próximo à igreja coreana na parte chinesa da cidade, com uma professora de Bíblia da igreja, sra. Kim Sinbok, uma jovem viúva de excelente testemunho e gênio alegre.

Quando muitos dos líderes estavam sendo investigados pela polícia, a sra. Kim foi presa por sua oposição à veneração aos altares. Alguns dias mais tarde a srta. Ahn levou para a prisão uma muda de roupa, uma Bíblia e um rolo de papel higiênico (a falta do qual não era uma das menores durezas da vida presidiária oriental), esperando dá-las à sra. Kim. O policial aproveitou a oportunidade para questioná-la a respeito de sua conexão com a sra. Kim e acerca das suas atitudes em relação à veneração aos altares. Ela não havia sido uma líder, simplesmente uma humilde membro de igreja, mas

quando respondeu que ela cria ser a veneração aos altares idolatria, também foi aprisionada.

Quase um ano mais tarde, os cristãos na Igreja Presbiteriana Harbin (Manchúria), da qual ela era membro, foram informados que ela estava sendo libertada porque estava morrendo. Eles encontraram a moça, que sempre havia sido meticulosa acerca da sua pessoa e aparência, completamente acabada, pros- trada. Suas mãos e pescoço estavam escuros de meses sem lavar. Ela havia sofrido de tifo. Seus cabelos, não penteados há meses, estavam embaraçados, com piolhos rastejando visivelmente sobre ele. Seu rosto estava fino e desgastado. Seus lábios estavam partidos, com feridas, suas pequenas mãos eram só ossos. Ela dificilmente conseguia falar. Somente seus olhos luminosos pareciam dizer alguma coisa. Dolorosamente ela sussurrou a história dos seus sofrimentos, mas contou muito mais das vitórias que o Senhor lhe havia dado. Ela havia estado com sua Bíblia uma boa parte do tempo. Eu a tenho agora, com as páginas vincadas, como os coreanos fazem, onde ela as dobrou para marcar os versículos que a tinham ajudado de modo especial.

Ela continuou enferma por quase um mês após ser liberta da prisão, fraca demais para segurar e ler a Bíblia, quase fraca demais para orar, sem forças para entoar o fervoroso cântico que costumava ser tão importante para ela. O que eu notei, especialmente, era que ela tinha instantes de desânimo, ou ficava ofendida pela falta de atenção, ou pelo fato de ser esquecida por amigos e queridos. Eu até ouvi uma vez um cristão questionar sua fê por estas razões. Mas quando eu via seu rosto relaxar enquanto eu lia a Palavra de Deus para ela, ou via uma lágrima rolar lentamente na sua face ao ouvir o cântico de um hino amado, ou ao ouvir os seus débeis mas ardentes "améns" às minha orações, não havia dúvida na minha mente acerca da sua fê. Eu somente percebi, como nunca antes, que o diabo não tem misericórdia e não deixa nem mesmo a pessoa salva morrer em paz. Ele tenta e atormenta até o fim. Eu comecei a compreender então, mais profundamente, o que significa "perseverar até o fim" e procurei, *eu mesmo*, me preparar para ser fiel "até o fim".

Apesar do cuidado médico amoroso e habilidoso nas mãos do dr. e sra. (também uma médica) Roy M. Byram e sua equipe, Youngae ("Amor Eterno") continuou a enfraquecer. Numa manhã, o dr. Byram, nas suas rondas usuais, parou ao lado da cama de Youngae. Por alguma razão, ele foi levado a falar sobre o céu e suas glórias. Poucos minutos após ter saído da enfermaria, a srta. Kim, ajudante da enfermeira, cujo irmão na época estava na prisão e que mais tarde morreria como mártir, correu da enfermaria para dizer que Youngae havia morrido. Ela contou que, logo após o dr. Byram deixar a enfermaria, Youngae havia reunido todas as forças que restavam no seu corpo definhado para clamar "Abba-jee ap-hu-ro kam-nee-da" ("Eu estou indo para a presença do meu Pai") e morreu.

Os cristãos a sepultaram no cemitério russo e na pedra foi gravado em caracteres coreanos e chineses, que poderia ser lido por pessoas educadas da Coréia, China ou Japão, o verso de Apocalipse 12.11: "Eles pois, o venceram por causa do sangue do Cordeiro e por causa da palavra do testemunho que deram e, mesmo em face da morte, não amaram a própria vida."

EVANGELISTA LEE YONGEE

O evangelista (pregador leigo) Lee Yonghee tinha sido um jovem presbítero, um sólido homem de negócios numa igreja muito grande em Sin Weejoo, na fronteira norte da Coréia. Ele deixou seu negócio e se mudou com sua grande família para a Manchúria do Norte para fazer evangelismo pioneiro. Trabalhou basicamente entre os agricultores

coreanos que migravam para o país para se estabelecer em áreas que estavam sendo desenvolvidas por empresas japonesas ou coreanas como fazendas semicooperativas. Ele era um obreiro animado, incansável e eficiente. Numa questão de poucos anos havia fundado sete pequenas congregações na área rural.

Na medida em que a questão dos altares se tornava mais aguda tanto na Coreia como na Manchúria (naquela época ocupada pelos japoneses), ele se viu levado a assumir uma posição pública contra a veneração aos altares e começou, de forma segura, a ensinar e instruir o seu povo contra isso. Quando as crianças das suas igrejas e escolas dominicais se recusavam a venerar os altares nas "escolas primárias rurais", isto produziu um problema desagradável de disciplina. As condições na Manchúria eram similares às daquelas dos primeiros dias no oeste dos Estados Unidos. Ataques de bandidos eram freqüentes. Esquadrões militares japoneses de extermínio eram enviados de cá para lá e de lá para cá para lidar com eles. O povo era frequentemente pego entre o dilema de, por um lado, tentar subornar os bandidos por suas vidas tentando apaziguá-los e resistir, por outro, ao extermínio cruel, por parte do exército, de famílias inteiras, grupos ou até vilarejos que colaboravam com os bandidos. O sangue jorrava facilmente e a vida não tinha valor. Era melhor manter o melhor relacionamento possível com o governo japonês, que era o poder em ascensão na Manchúria na época e, mais especialmente, com os líderes militares fanáticos.

Num inverno, uma expedição de extermínio japonesa foi posicionada no vilarejo rural onde o sr. Lee tinha uma igreja.

Seu objetivo era acabar com os bandidos na área. Os soldados já haviam ficado lá por diversos meses sem sucesso e estavam para partir. Por um astuto ardil, o diretor não-cristão da escola local ajudou os soldados a surpreender e aniquilar todo o bando. Na festa regada a bebida em celebração a esta vitória e em honra ao diretor por sua parte, o diretor desabafou ao oficial japonês acerca dos seus problemas com os cristãos. O oficial vociferou: "Mate aqueles que se opõem a você, ou expulse-os daqui, e você terá o nosso apoio." Encorajado por tais palavras, o diretor começou a ameaçar os cristãos e especialmente o evangelista Lee. Os cristãos foram informados de que, se o evangelista Lee ou eu, o missionário responsável pela área, colocássemos os pés na vila, seríamos mortos. Os cristãos, portanto, nos escreveram cartas e enviaram mensageiros, instando-nos para que não fôssemos. Apesar dessas ameaças, o evangelista Lee enviou uma mensagem de que ele faria seu circuito regular pelas igrejas, e eu senti que não poderia ser menos ousado, e o acompanhei. Nós fomos juntos quando visitamos esta igreja pela primeira vez depois das ameaças. Enfrentamos a possibilidade de emboscadas e temíamos que estávamos vendo a luz do dia sobre a terra pela última vez. Mas nada aconteceu em relação às ameaças, exceto o fato de passarmos perto de uma manada de cinco cervos tentando encontrar comida sob a neve ao lado do nosso caminho. Seus saltos nos assustaram mais do que nós a eles, disso estou certo.

Numa outra ocasião, o evangelista Lee foi à estação ferroviária para ver e expressar sua simpatia pela professora de Bíblia que havia sido presa e estava sendo levada de volta para a Coreia sob guarda policial. Por tê-la contatado, ele próprio foi, ali mesmo, revistado e levado para o trem. Como Pedro, eu o segui de longe e compartilhei da sua alegria quando, enquanto o trem começava a se mover, eles o libertaram.

A ousadia do evangelista Lee parecia ser honrada pelo Senhor. Por alguma razão, as autoridades pareciam quase ter medo de tocá-lo. Os cristãos procurados pela polícia por sua posição contra a veneração aos altares na Coreia fugiram para a Manchúria e encontraram refúgio em áreas rurais remotas, e as igrejas do sr. Lee abrigavam muitos destes refugiados. Mas o evangelista Lee não estava satisfeito. Ele sentia que devia voltar às grandes igrejas na Coreia e instá-las a assumirem uma posição mais forte contra a veneração aos altares. Eu imaginei se cuidar do seu próprio rebanho já não era bom o

suficiente e sugeri que ele deveria "não incomodar os que estavam bem" mas, para o evangelista Lee, a situação na Coreia não estava "bem" e ele fez sua viagem.

E claro, os púlpitos estavam fechados para ele, assim dirigiu reuniões familiares nos lares daqueles insatisfeitos com o modo como as coisas iam na igreja, sendo bem recebido em um grupo familiar após o outro. A polícia ficou sabendo das suas atividades e foi enquanto uma dessas reuniões estava sendo realizada que o lugar foi cercado pela polícia. Um oficial entrou e ordenou ao evangelista Lee que saísse e ele então pediu para que um hino fosse cantado para encobrir a interrupção da reunião. A polícia no lado de fora, não acostumada ao cântico congregacional, pensou que havia começado um tumulto e, deixando os seus postos, correu para dentro da casa. A maior parte dos que estavam reunidos teve a oportunidade de fugir por diferentes portas e janelas, mas o evangelista Lee e diversos outros foram presos. O evangelista Lee morreu na prisão.

O seu grande texto havia sido "Aquele que perseverar até o fim, esse será salvo". As palavras do seu texto, "até o fim" e a ênfase característica que ele colocava nelas, eram amavelmente imitadas e se tornaram um brado de guerra entre os cristãos — *Gut Kajee!* ("Até o fim").

EVANGELISTA PAK EEHUM

O evangelista Pak Eehum nasceu em 1910 na província Pyengan do Norte. Depois de se formar na escola primária ele ganhou para si o equivalente a uma educação secundária pela leitura e autodesenvolvimento. Isto foi reconhecido quando, mais tarde, ele se matriculou e se formou no Instituto Bíblico em Sin Weejoo, na fronteira norte da Coreia.

Em 1939, ele foi um dos trinta homens que secretamente se encontraram com o pastor Choo Kichul, o mártir, depois da libertação do seu primeiro aprisionamento, fizeram um voto de impulsionar todos os coreanos e trabalhar pela abolição da veneração aos altares "até o fim, mesmo que isso signifique a morte".

O constante assédio da polícia se tornou tão insuportável que o evangelista Pak fugiu para a Manchúria. Eu o encontrei naquela ocasião. Apesar da sua educação formal limitada, ele manteve um emprego no governo por alguns anos antes de ingressar no Instituto Bíblico e sua sabedoria nativa e habilidade, juntamente com sua vida como um oficial público, serviram para lhe dar uma graduação na "Universidade das Duras Pancadas". Quanto eu o encontrei, ele era um fugitivo furtivo, um afiado e bem-falante feixe de energia.

Havia duas coisas especialmente características no evangelista Pak nessa época. Por um lado, ele era normalmente forte e incisivo nas coisas que dizia e fazia sobre a veneração aos altares. Se o seu ouvinte não concordasse ou não desse ouvidos depois de uma ou duas admoestações acerca do pecado de veneração a altares, ele lhe dava imediatamente as costas, às vezes mesmo quando comendo à mesma mesa e mais tarde nem mesmo o cumprimentava se passasse pela mesma rua. Isto estava de acordo com a sua compreensão de 2 João 10, Romanos 16.17 e 1 Coríntios 5.11. Durante os anos da II Guerra Mundial esta prática foi seguida por muitos, livremente unidos por sua posição comum contra a veneração aos altares. No fim da guerra, eles emergiram com a Chai-gun-Pah, ou Grupo da Reconstrução. Eles não teriam comunhão com as pessoas naquilo que eles chamavam da "igreja do dia presente", chamando-os de filhos do diabo, e seus prédios eclesiásticos de "altares de demônios".

A outra característica do evangelista Pak era que, apesar de ele instar por tal posição de não conformação, ele também aconselhava as pessoas a fugirem, ao invés de caírem nas mãos da polícia. Ele usava o evangelista Kim Yoonsup como exemplo, um

homem que naquela época havia estado na prisão oito vezes por sua oposição à veneração aos altares e acabou por ceder aos japoneses. Pak declarava: "Vocês não podem resistir uma vez que caiam em suas mãos, por isso fujam." Este conselho não era fácil de ser acatado no caso das mulheres presas a suas famílias e outros igualmente presos a uma localidade geográfica. De acordo com seu conselho, Pak se recusava a aceitar liderança assalariada de qualquer igreja local, para não ficar preso. Ele continuou viajando pela Manchúria e mais tarde pelo norte da China, impulsionando os cristãos a tomarem posição firme.

A polícia finalmente o prendeu no norte da China em 1940, como um dos mais de setenta membros do "grupo do pacto de morte". Ele foi torturado mais do que muitos outros, e uma das práticas mais dolorosas que sofreu era ter lascas de bambu introduzidas nos seus dedos sob as unhas. Sob tortura, ele gritava "Aleluia ao Nome do Senhor" e "Como eu sou digno?"

O milho e o feijão estragados que eram parte da porção da prisão durante a guerra ajudou a prejudicar sua saúde. Ele foi um dos catorze membros do mesmo grupo que foi finalmente levado a julgamento em 3 de fevereiro de 1942. O restante dos setenta, na maioria leigos, haviam sido previamente soltos por uma causa ou outra, uns poucos por ceder.

O evangelista Pak foi sentenciado a doze anos de trabalhos forçados na prisão, quase a sentença mais severa recebida por quaisquer um dos catorze. Mas ele morreu na penitenciária Mukden (Manchúria) em 1943, um ano depois de receber sua sentença. Com sua morte ele provou que estava errado em dizer: "Você não pode resistir uma vez que caia em suas mãos." Pelo contrário, ele descobriu serem verdadeiras as palavras do seu Salvador — "A minha graça te basta", e "Ele vos dará livramento".

O Testemunho do Evangelista Kim Yoonsup

O evangelista Kim Yoonsup nasceu no vilarejo de In-doo no condado de Syenchun na Província Pyengan do Norte. Ele foi criado num lar não-cristão e era conhecido como um dos "meninos maus" da vila. Mas quando estava com mais ou menos 20 anos de idade tornou-se cristão. Depois de experimentar a regeneração, sua vida foi cheia de "muita graça", segundo o presbítero Chung Bongsung que, mais tarde, compartilhou um aprisionamento com ele, e a quem sou devedor por informar muito dos detalhes da vida de Yoonsup.

Kim tinha dois anos além da escola primária na educação secular formal. Depois do seu batismo, ele ingressou no Instituto Bíblico do Presbitério de Pyengan do Norte e dirigiu cultos numa pequena igreja do interior até a sua formatura.

Depois da formatura, dedicou-se de tempo integral ao Senhor e foi pioneiro na formação de igrejas nos vilarejos de Duk-in e Wul-wha, ele mesmo ajudando a carregar as pedras para a primeira capela de Duk-in. A graça do Senhor estava sobre ele e a obra prosperava por onde ia. Ele era grande, mais de 1,80 m de altura, saudável, tinha uma boa voz e era procurado como um líder nas igrejas da região.

Quando a Assembleia da Igreja Presbiteriana da Coréia cedeu à pressão do governo e formalmente declarou que a adoração aos altares não era idolatria, mas meramente um ato patriótico, Kim ficou profundamente incomodado no seu coração e pregou um forte sermão intitulado: "O Alvo Proposto de Daniel", que moveu grandemente o coração dos ouvintes. A polícia ficou sabendo da sua pregação e detetives no auditório relataram as coisas que ele disse. Como consequência, foi preso e exposto a vários tipos de tortura, uma delas sendo o famoso "tratamento de água", na qual o prisioneiro era atado, com o rosto para cima, sobre uma maca estreita, tendo as mãos amarradas sob a maca, e a cabeça dependurada na sua extremidade. Então água era derramada de uma vasilha para suas narinas, praticamente o afogando. As vezes, pimenta vermelha era adicionada à água como um refinamento especial de tortura. Em outras ocasiões, Kim era queimado com ferro quente. Certa vez, ele me contou, vários policiais o apanharam e, usando a parte de trás de uma cadeira como ponto de apoio, tentaram dobrar seu corpo rígido para que ele curvasse sua cabeça diante de um altar num canto do posto policial, pensando que, se pudessem fazê-lo se curvar, mesmo contra sua vontade, ele sentiria que havia cedido e fraquejaria. Mas Kim, sendo alto e forte, resistiu vigorosamente, ficando deitado no chão e chutando como um bebê. Ele foi chutado na cabeça e no corpo e suas roupas foram rasgadas, mas ainda assim recusou curvar-se e eles pareciam incapazes de levá-lo a fazer isso.

Em outras ocasiões a polícia apelava para a conversa amigável e tentava convencê-lo pela razão a se curvar. "Cristianismo era uma religião ocidental" e os ocidentais não eram tão exigentes em guardar os mandamentos de Deus como ele esperavam que os orientais o fizessem, ou nem mesmo como Kim exigia dele mesmo, eles argumentavam. Além disso muitos cristãos, inclusive alguns missionários e pastores, não viam nada de errado na adoração xintoísta. Mesmo a Assembleia Geral da Igreja Presbiteriana, os líderes da Igreja Adventista do Sétimo Dia, e o próprio Vaticano a aprovaram. Será que ele pensava ser o único bom cristão no mundo?

Mas, fosse tortura ou argumentação ou adulação, Kim enfrentou cada prova com oração por forças e sabedoria, com a Palavra de Deus. Talvez a mais difícil forma de tentação era a própria liberdade. Quando as autoridades não foram capazes de dobrá-lo

de outras maneiras, elas desistiram dele como um caso perdido e o libertaram, mas ao mesmo tempo advertindo- o que seria preso novamente se continuasse a pregar como antes. Como foi com os apóstolos em Atos 4:17, era um caso de "vamos ameaçá-los e deixá-los ir". Como é preciosa a liberdade depois de um aprisionamento! Mas Kim só podia tê-la ao preço de manter a sua boca fechada. Somente quem já passou por uma prova assim (e o escritor fala por experiência) pode conhecer a força dessa tentação para silenciar. Mas Kim não cedeu à tentação. Depois de solto, continuava a pregar como antes. Era preso novamente. As torturas eram mais severas. Esta política de prender e libertar se repetiu até que ele tivesse sido preso oito vezes.

Foi enquanto estava na prisão pela oitava vez que Kim cedeu. Isto tudo aconteceu antes de eu tê-lo encontrado. Eu tinha lido e mesmo ouvido, de homens como o evangelista Pak, vários relatos do comprometimento de Kim, os quais dão conta de que ele aconteceu sob a pressão da tortura, tratamento de água, ferro quente e assim por diante. Tais relatos são passíveis de desencorajar os cristãos e fazê-los sentir, "Se um homem como Kim acabou cedendo, como ousar pensar que poderia aguentar firme?" Mesmo antes de encontrar Kim, eu ficava duvidando do valor da "lição" que as pessoas tiravam do comprometimento de Kim, a saber, "E melhor você não cair nas mãos da polícia. Fuja! Você não será capaz de aguentar mais do que Kim foi". A Palavra de Deus diz, "Não há tentação que o homem não possa suportar". Eu fiquei contente, portanto, quando finalmente encontrei Kim e ouvi dos seus próprios lábios a verdadeira história da sua conformação.

Ele contou que havia sido trazido para a prisão pela oitava vez. Prisão, tortura, mesmo a morte não eram mais difíceis de suportar ou enfrentar do que os períodos de liberdade, quando, contra o que parecia ser a sabedoria comum, ele tinha de continuar a luta. Eram as vezes em que ele era arrancado da sua esposa e filhos que eram difíceis de suportar. A sua esposa bravamente o encorajava, mas o menininho de 4 anos chorava inconsolavelmente quando seu pai era levado pela polícia. E assim, como Elias sob um pé de zimbro, ele chegou ao ponto de querer morrer.

Foi justamente quando ele estava tentando o suicídio que o guarda o chamou da sua cela para outro período de exame. Em todas as ocasiões anteriores, tais chamadas faziam-no voltar-se ao Senhor em busca de força e sabedoria e o Senhor o sustentava. Ele me contou que, às vezes, sob a tortura mais severa, ele de fato se alegrava no Senhor. Mas desta vez era diferente. O pecado da tentativa de suicídio quebrou a sua comunhão com o Senhor e tal comunhão não era fácil ou rapidamente restaurada. Ele seguiu o guarda, mudo e sem oração na alma. Por uma questão de forma ele foi ordenado novamente a se curvar ao altar e, para a surpresa da polícia, ele mansamente obedeceu. Eles ficaram exultantes com sua mudança de atitude e pediram-lhe para colocar seu selo numa declaração de que não era idolatria se curvar a um altar. Novamente, calado, sub- meteu-se. Ele agora estava solto e lhe disseram que estava livre para pregar e dirigir reuniões. Mas, como Pedro, Kim saiu e chorou amargamente.

Kim deixou seu trabalho como evangelista e se mudou para a Manchúria. Ele não era somente forte fisicamente mas também bom em mecânica. Antes de se tornar cristão, ele havia trabalhado com diferentes tipos de máquinas na sua fazenda. Sua família tinha de viver, por isso ele começou uma fábrica de cordas, que provia uma boa renda para si mesmo e para outros cristãos fugitivos da Coreia. Mas não era feliz. Ele tinha um chamado do Senhor, e as vozes na igreja, falando contra a idolatria da adoração em altares eram tão poucas! Mas o que poderia fazer? Ele havia cedido. Além do mais, pecou voluntariamente. Havia algum perdão para ele? E, nessas circunstâncias, como poderia liderar outros?

Ele ouviu falar do nosso trabalho no norte da Manchúria e, no seu abatimento, veio até mim. Foi meu privilégio mostrar-lhe que "já não há mais sacrifício pelo pecado"

—jejuns, orações, nada, o que quer que seja, pode ser acrescentado àquilo que Cristo fez. "Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós". Ele o fez "de uma vez por todas" e, "se confessarmos os nossos pecados ele é *fiel e justo* para nos perdoar os pecados e *nos purificar de toda injustiça*". Não era uma história nova para Kim, mas isso o ajudou a voltar os seus olhos para Jesus *somente*, e ao se voltar ele encontrou perdão e vitória.

Ele escreveu para a polícia, retratando-se da sua declaração assinada, e subsequentemente encontrou muita liberdade para expor a Palavra de Deus e exortar os cristãos a ficarem firmes. Ia de um lugar para outro fortalecendo os cristãos. Ele era muito solicitado. Frequentemente, depois do encerramento de uma reunião vespertina regular, os cristãos se reuniam ao seu redor, pedindo-lhe para que lhes desse textos com que pudessem combater aspectos específicos de todo problema dos altares. Tais reuniões informais duravam até bem depois da meia-noite e ninguém parecia se cansar; suas vidas estavam em jogo.

Cerca de um mês após ter escrito sua retratação, a polícia veio da Coréia para prendê-lo. Ele estava em nossa casa na ocasião e quando um mensageiro da sua casa veio, dizendo que estavam à procura dele, nós oramos juntos e então ele foi sem temor e alegremente para encontrá-los. E assim ele foi preso pela nona vez. A data era março ou abril de 1940.

Durante este aprisionamento, Kim sofreu de disenteria e desnutrição. Em dezembro de 1940, logo depois da srta. Ahn Youngae ter sido libertada somente para morrer, a esposa de Kim recebeu uma mensagem para ir e remover seu esposo; ele também estava morrendo e eles o estavam libertando. Quando ela chegou à prisão, encontrou seu esposo deitado no chão congelado. Suas roupas de baixo há muito haviam sido rasgadas para servirem de ataduras com as quais eram atadas as feridas de outros prisioneiros e sua grande jaqueta coreana havia escorregado, deixando suas costas nuas no chão duro e congelado. Ele estava fraco demais até mesmo para ajustar suas roupas para proteger a si mesmo. Ela o levou para casa num táxi russo.

Eu não fiquei sabendo da libertação de Kim até a manhã seguinte. Quando cheguei à sua casa encontrei-o sendo ternamente cuidado, deitado no chão coreano quente, aquecido. Ele tentou erguer sua cabeça, mas ela caiu para trás. Tentou falar, mas eu não podia ouvi-lo através do pequeno quarto. Eu me curvei bem perto dele e ele pronunciou duas palavras: "Emanuel", "Aleluia". *Emanuel*, Deus conosco, e *Aleluia*, Louvai ao Senhor. Sua maior consciência era que Deus estava com ele e no seu sofrimento ele louvava ao Senhor!

Mas isso não foi o fim. Ele começou a melhorar. Com o Natal se aproximando, os membros da igreja foram juntos comprar-lhe um sobretudo quente e forrado de pele. Nós estávamos tendo nossos cultos em casas diferentes e, apesar de proscria pelo governo, a casa de Kim era um dos lugares de reunião regular. Na medida em que Kim melhorava, ele dirigia os cultos em sua casa, apesar de ainda ter de se apoiar numa grande bengala para se movimentar ao redor. Em me recorde especialmente do culto de comunhão que dirigi lá. Cristãos de nossos vários locais de reunião se reuniram para esse culto. Kim entregou a mensagem. Passando rápida e familiarmente seus dedos por sua grande Bíblia, ele nos trouxe uma mensagem de duas horas sobre "Não Temas". "É errado temer", declarou. Ele nos conduziu através das Escrituras para mostrar por que é errado temer, abrindo as muitas promessas que o Senhor nos dá para tempos de perigo.

"Como você tem coragem de prosseguir diante das constantes prisões?", perguntaram a Kim nesta ocasião. "Quando eu me tornei cristão, eu morri com Cristo", foi sua humilde resposta, "e uma vez que você está morto, o que os homens podem fazer

para machucá-lo?"

Mesmo no dia da comunhão cada batida na porta nos fazia ficar pensando se não era outro chamado da polícia. Não muitas semanas depois disso, no início de 1941, Kim, ainda se apoiando na sua bengala, foi preso pela décima e última vez. Foi numa ocasião quando as autoridades prenderam cerca de setenta cristãos, chamados pela imprensa de "o grupo do pacto de morte" (*Kyul Sa Dan*) por causa do pacto que eles haviam assinado. Eles foram trazidos de todas as partes da Manchúria. A imprensa fez parecer que uma grande conspiração contra o governo havia sido descoberta, apesar de termos sido bem abertos em conclamar assinaturas ao pacto. Enquanto tentavam fazer parecer que os membros do "Grupo" eram agentes inimigos desleais ao governo, a imprensa falou a respeito deles como pessoas que não estavam a par do mundo ao seu redor, como pessoas que estavam "esperando somente a vinda de Jesus nas nuvens".

Foi privilégio do autor estar na prisão com Kim na mesma penitenciária em Antung, Manchúria, entre 22 de novembro e 5 de dezembro de 1941. Eu vi Kim diversas vezes e falei com ele brevemente, ainda que um tanto indiretamente, uma vez. Ambos estávamos tentando testemunhar ao guarda coreano que estava nos vigiando. Eu falei ao guarda dos muitos aprisionamentos de Kim por Cristo e que ambos estávamos lá pelas mesmas razões.

"Você não está com medo sabendo que vai morrer na prisão?" perguntou o guarda, pois as condições da prisão não tencionavam fazer mais do que simplesmente manter a vida, e a morte de prisioneiros não era incomum. Eu lhe disse que a vida eterna significava tanto para nós que, conquanto a morte não era agradável de se contemplar, ela não era uma coisa tão terrível em comparação com a perda da vida eterna.

Kim falou: "Pastor, eu praticamente morri de novo desta vez. Foi devido a um caso de febre tifoide. Estive até mesmo inconsciente por certo tempo." Então ele acrescentou: "Mas, pastor, quando você conhece Jesus, não custa morrer" (*Chooknan gussi hul hayo*).

A sanidade de Kim e a falta de fanatismo me impressionaram numa ocasião em especial durante nosso aprisionamento juntos em Antung. Um dos nossos companheiros cristãos, Choi Hanki, havia ficado louco sob tortura. Muito estranhamente, os guardas haviam chamado a sra. Roy Byram e a mim das nossas celas para orar com ele, possivelmente, como Herodes, esperando ver algum milagre. Choi havia sido um jovem e simpático evangelista, tendo esposa e duas amáveis crianças. Eu fiquei chocado quando o vi, fora de si, sentado e agachado sobre uma cadeira, suas roupas desarrumadas, seus pulsos amarrados com tiras de couro a um grande cinto de couro ao redor do seu peito para que ele não se ferisse a si mesmo. Seus olhos eram como os de um animal selvagem. A sra. Byram e eu oramos por ele lá no dispensário da prisão e então fomos levados de volta às nossas respectivas celas. O que presenciei continuou a me incomodar. Eu não conseguia tirar Choi e sua família da minha mente. Enquanto eu orava por ele o verso continuou voltando à minha memória: "Esta casta não sai senão com jejum e oração." A despeito do fato da razão da prisão sempre me deixar com fome, eu tomei a decisão de separar um dia para jejum e oração. Através de um dos nossos contatos entre as celas, eu sugeri que Kim, que havia orado e jejuado tanto antes da prisão, poderia se unir a mim. Ele enviou a resposta de que seu corpo estava muito enfraquecido (sendo aquela a sua décima prisão) e que ele se uniria a mim em oração por Choi, mas que ele sentia que deveria conservar as suas forças para o que estivesse pela frente, por isso ele não iria jejuar. Isto me alegrou mais do que se ele tivesse concordado em jejuar. Choi, deve-se acrescentar, foi liberto depois de uma semana e mais tarde recuperou a sanidade e estava sendo grandemente usado pelo Senhor na Coréia do Norte quando se ouviu falar dele pela última vez antes de os comunistas terem começado a perseguir a igreja.

Kim, juntamente com treze outros cristãos, foi finalmente levado a julgamento em janeiro de 1942. As acusações contra ele eram as mesmas feitas contra os prisioneiros na Coreia: violação da paz pública, lesa-majestade (traição), irreverência e prestação de ajuda ao inimigo.

Kim foi reconhecido pelas autoridades como o líder. A maior parte das perguntas dos juízes foram dirigidas a ele. Seu colegas prisioneiros, inclusive Pak Eehum, sendo ele mesmo um líder destacado, reconheceram o firme mas gentil Kim como seu porta-voz.

No primeiro dia do julgamento, o juiz disse a Kim: "De acordo com suas crenças, se um homem serve a qualquer outro deus exceto Deus Jeová, esse será lançado no inferno; então vocês crêem que a Sua Majestade o Imperador que serve os deuses dos seus ancestrais irá para o inferno?"

"Sim, ele irá" (*Hai, soo desu*), replicou Kim.

"Você realmente fala sério?" o juiz perguntou, ('seus olhos abertos como dois pires e seu rosto vermelho de raiva', segundo o presbítero Chung Bongsung, um dos catorze em julgamento).

"Você fala sério?" (*Hontoka*) o juiz furioso repetiu pela terceira vez.

Sem hesitação, mas com uma oração no coração, Kim respondeu: "Sim, ele irá." Apesar da sua ousadia, ele parecia calmo e relaxado.

O julgamento não terminou em um ou dois dias. Prosseguiu por dez dias. Gradualmente a atmosfera na sala do tribunal mudou. A graça do Senhor parecia estar sobre os seus servos na medida em que, pelo auxílio do Espírito Santo, eles deram um forte testemunho. Enquanto o julgamento prosseguia, os próprio juízes se tornaram mais "tensos", como se fossem eles os que estavam sendo julgados. O Senhor providenciou uma "atmosfera graciosa" fazendo o tribunal parecer mais com uma igreja, com Kim pregando a Palavra de Deus, disse o presbítero Chung. Ele também relatou que aos prisioneiros foram lembradas as palavras do Senhor em Mateus 10.18-20: "Por minha causa sereis levados à presença de governadores e de reis, para lhes servir de testemunho, a eles e aos gentios. E quando vos entregarem, não cuideis em como, ou o que haveis de dizer; visto que não sois vós os que falais, mas o Espírito de vosso Pai é quem fala em vós."

No penúltimo dia do julgamento, dois dos catorze desistiram e concordaram com a veneração aos altares — Kim Choongdo, um professor de escola pública que recebeu "oito anos", e o evangelista Kim Kyungduk que recebeu "doze anos". Os outros sentiram, por outro lado, a cruel agonia "dessa deserção em suas fileiras e ao mesmo tempo foram levados às lágrimas de gratidão pela graça de Deus sem a qual ele próprios não poderiam ter resistido."

Logo após o resumo preliminar do caso, todos os catorze foram transferidos das grandes celas comuns onde haviam sido mantidos, para o bloco das celas menores, normalmente reservadas para os "prisioneiros estrangeiros", as próprias celas onde o dr. Byram, da Junta Independente para Missões Estrangeiras Presbiterianas, e eu ficamos detidos por um mês e meio, poucos meses antes disso. Kim Kyngduk, depois de ceder, chorou de dar pena por toda a noite e declarou que, quando fosse solto, iria retirar seu consentimento à veneração aos altares, mas parece não ter tido coragem para isso.

No último dia do julgamento, quando os prisioneiros foram levados das suas respectivas celas e estavam aguardando no porão do fórum para serem conduzidos à sala do tribunal, o evangelista Kim Yoonsup falou aos seus companheiros prisioneiros: "Irmãos, considerando que já alcançamos o fim da estrada, a oportunidade para admoestar ou reprovar outros já passou. Cada um é livre. Nós estamos na bifurcação na

estrada da vida e da morte, aqueles que morrerem por Jesus morrerão juntos e aqueles que viverem farão o que lhes convier. Mas há uma coisa a ser lembrada, as bocas dos leões que desejavam engolir Daniel eram somente bocas abertas; elas não podiam devorar Daniel de fato, podiam?" Estas palavras foram uma fonte de grande fortalecimento para seus amigos. Assim o evangelista Kim ajudou os outros e era como um general comandando as tropas na linha de frente. Quando o evangelista Pak Eehum o chamava, com admiração, de "general", Kim Yoonsup, com sua fé e humildade características, dizia que ele não podia ser o general, "Jesus é o nosso general".

Durante o recesso do meio-dia do dia anterior, após os dois homens terem capitulado, os prisioneiros foram mandados de volta para as celas no porão do fórum e receberam seu usual bolo de farinha de milho. As celas foram construídas ao redor dos muros, dirigidas para o interior, com um espaço aberto no meio, de modo que o guarda, sentado neste espaço, podia vigiar a todos os prisioneiros. A ocasião estava carregada de emoção. Aproximava-se o fim de uma longa luta. Apesar de cada um ter comido o seu bolo de milho numa cela separada, eles o fizeram numa espécie de círculo ao redor do espaço aberto. Com as acusações tendo sido pronunciadas contra eles, os prisioneiros se sentiram unidos como nunca antes e a sua refeição de meio-dia se tornou um tipo de "sacramento" do corpo do Senhor. Kim, o porta-voz, referindo-se a isso, disse: "O Senhor tem como que preparado para nós sua santa ceia. Como é boa esta hora!" O que acrescentou força e elevou o significado da "comunhão" foi que justamente quando curvavam suas frentes em oração e estavam para comer, por alguma razão, os dois homens que haviam cedido foram chamados pelos guardas, e tiveram de deixar a sua comida intocada. Esta estranha diferenciação entre os dois e os doze ocorreu novamente no dia seguinte e no último. As sentenças foram pronunciadas. O tribunal permitiu bondosamente que amigos e parentes comprassem pratos de "domburi" (uma refeição única de arroz, carne e ovos, comum no Japão) para cada um dos prisioneiros, antes que comessem a cumprir suas longas sentenças. De novo, no instante em que estavam para comer, os dois que haviam se retratado foram chamados para fora da sala e tiveram de deixar a tão desejada comida intocada. Kim disse: "Esta é a ceia que o

Senhor providenciou e ele não permitiu àqueles que se recusaram a tomar posição conosco quanto à separação dos ídolos que se juntassem a nós."

Aqui estão a seguir os nomes dos doze que foram sentenciados em 3 de fevereiro de 1942, bem como o tempo a que foram condenados:

Kim Yoonsup	Evangelista	15 anos
Pak Eehum	Evangelista	12 anos
Chun Bongsung	Evangelista e Presbítero	10 anos
Kim Yangsoon	Evangelista	10 anos
Sin Okyuh	Professora de Bíblia	10 anos
Kim Sinbok	Professora de Bíblia	10 anos
Pak Myungsoon	Professora de Bíblia	8 anos
Han Soochan	Diácono	8 anos
Chun Choonduk	Diácono	8 anos
Kim Ungpil	Diácono	8 anos
Kim Taikyung	Enfermeira (diaconisa)	8 anos
Chun Choisun	Yungsoo (Líder de igreja)	6 anos

Quando a maré da II Guerra Mundial se voltou contra os japoneses, os civis livres foram tão restringidos e o racionamento tão estrito que o país todo se tornou semelhante a um vasto campo de concentração e a vida dos criminosos nas penitenciárias proporcionalmente mais difícil. Os doze prisioneiros foram transferidos da penitenciária de Antung para Mukden.

Kim era habilidoso com máquinas e poderia ter recebido tratamento preferencial como um "técnico" mas, porque isso significava trabalhar no domingo, ele decidiu ser um operário comum e trabalhava na gráfica. Os guardas o respeitavam e ele exercia uma grande influência entre os prisioneiros. Dois ladrões de Youngchun da província Pyenyan do Norte, que haviam recebido sentenças de sete anos, foram conduzidos ao Senhor por Kim. Eles oravam e estudavam a Bíblia com ele e na sua libertação provaram a sinceridade da sua profissão de fé cristã. Alguns detalhes dos últimos dias de Kim foram obtidos através deles.

Numa ocasião, um prisioneiro japonês parecia ter-se convertido através da pregação de Kim, mas ele por sua vez tentou enfraquecer Kim na sua posição. Isto provou ser um teste severo da fé de Kim. Ele ficou pensando mais tarde se o prisioneiro japonês não havia sido "plantado" ali de propósito; pois quando Kim se recusou a mudar sua posição, o japonês se voltou contra ele, maldizendo-o.

Enquanto viveu, Kim encorajou seus companheiros de sofrimento e constantemente os desafiou a viver mais santamente por suas palavras e vida. A ração da prisão não chegava a um quinto do que um homem do seu tamanho e energia precisaria, "se ele a comesse toda", mas ele costumava dividir sua comida "não somente com seus amigos mas também com outros". "Ele não parava de orar, cantar, ou testemunhar na prisão e se tornou conhecido com um "homem de Deus".

Na sua luta pela verdade ele era ousado como um leão mas no trato com aqueles ao seu redor era humilde e misericordioso de tal maneira que até mesmo dos lábios de um dos guardas japoneses foi arrancado um tributo à sua piedade: "Anatawa Kamisama desu" (Você é um deus).

O trabalho duro e a falta de nutrição que se seguiram às torturas e enfermidades durante mais de dois anos de prisão antes do seu julgamento começaram mostrar seus efeitos. Seus pulmões foram afetados e, finalmente, fraco demais para trabalhar na gráfica, foi levado para a enfermaria da prisão.

Ele agora estava sem qualquer contato com seus companheiros cristão?. A perda da sua animada liderança foi descrita como tendo um efeito "sufocante" sobre eles. Somente notícias ocasionais sobre ele vazavam das paredes da enfermaria, através de outros pacientes hospitalizados por períodos mais breves. Assim, seus últimos dias foram gastos entre não-cristãos e foi através dos lábios de não-cristãos que estavam perto dele e o viram na ocasião que soubemos da sua morte. Na cama ele continuou a testemunhar para todos — prisioneiros, carcereiros e oficiais. Aqueles que estiveram lá sempre falavam dele com pena e admiração e estavam certos que ele havia ido para o céu do qual os cristãos falam.

Por três ou quatro dias antes da sua morte ele continuou cantando hinos com uma face brilhante como um anjo e repetindo: "E hora para alguns do meu lar virem." Seus cânticos podiam ser ouvidos por quase mil prisioneiros aguardando julgamento nos andares acima e abaixo da enfermaria. Ouvindo no silêncio sepulcral da prisão, eles, apesar do regulamento, rompiam em aplausos.

Na última manhã, 3 de maio de 1943, quando Kim recebeu sua comida matinal, ele a dividiu cuidadosamente em quatro partes como normalmente fazia, comeu ele próprio

duas partes e deu as outras duas partes igualmente divididas para outros dois pacientes, então voltou a deitar-se num sono final e pacífico. Ele havia cumprido somente quinze meses da sua sentença de quinze anos, na proporção de um mês por ano.

A canção entoada tantas vezes durante aqueles últimos dias parece ter sido a tradução coreana de "O Cântico da Glória":

Quando todos os meus labores e provas estiverem findos

E eu estiver seguro naquele belo porto,

Bem perto do amado Senhor que eu adoro

Através da eras será glória para mim.

Oh, isso será glória para mim! Glória para mim!

Glória para mim!

Quando, por sua graça, eu olhar na sua face,

Isso será glória, será glória para mim!

O seu último ato de compartilhar, seguido pela pacífica passagem ao sono, mostrou vivamente aos não-cristãos entre quem ele morreu o testemunho a respeito da sua esperança do céu e alegria em ver o Salvador, a respeito de quem ele havia estado cantando tanto durante os seus dias finais.

A Luta com o Comunismo

Exceto pelo incêndio de uma igreja cheia de cristãos em Suwon e outros tipos de violência relacionados com a supressão do Movimento de Independência em 1919, no qual, como vimos, um número de cristãos participaram e sofreram, os japoneses não se dedicaram voluntariamente à execução de cristãos. Entre os cinquenta ou mais que morreram sob a perseguição japonesa eu não soube de nenhum que tenha sido executado sumariamente. Os cristãos eram presos e torturados e a morte vinha como resultado da tortura, desnutrição, exposição às inclemências do tempo, doenças e fraquezas na prisão, não execução. Os martírios sob o comunismo, entretanto, foram muito diferentes.

Quanto eu perguntei ao Rev. Kim Sangdoo, que esteve por quatro anos na prisão sob os japoneses e foi uma vez preso e espancado por membros do Exército do Povo (comunistas), se havia alguma diferença entre a perseguição japonesa e a comunista, ele usou expressões que pude verificar ser verdade a partir dos casos que estudei ou ouvi a respeito. Os japoneses lidavam com os prisioneiros estritamente com base nas suas leis, enquanto a perseguição comunista era *Moojee* — sem princípios, estúpida e brutal, apesar de, na superfície, os comunistas também manterem uma fachada de guardar a lei.

Um evangelista, agora um ministro ordenado, que viveu sob os comunistas por quatro anos, diz que a oposição ao Cristianismo não era direta. De fato, segundo outro ministro da Coreia do Norte, a frequência à igreja e membresia realmente aumentaram durante os primeiros três anos de ocupação comunista. A igreja também parecia crescer em espiritualidade. Entre 1948 e 1950, na medida em que a pressão aumentava, os membros diminuía mas a vida espiritual dos cristãos parecia se aprofundar. "Se um homem lutasse por seus direitos", o evangelista acima mencionado disse, "ele frequentemente era deixado sozinho, abertamente." As palavras a serem sublinhadas nestas observações, contudo, são as palavras "direta" e "abertamente". O mesmo homem mostrou que a oposição indireta e oculta ao Cristianismo era constante e subsequentemente devastadora. Ministros podiam ser presos sob um pretexto não-religioso e então ser libertos por um ato que pareceria ser de justa benevolência. Mas dificilmente eles saíam da prisão antes de serem atacados e brutalmente assassinados por uma turba alvoroçada. Numa sociedade tão completamente controlada tais assassinatos não podiam ser interpretadas como sendo levados a efeito sob nada senão as ordens das mesmas "autoridades justas e benevolentes". Ou então, enquanto a igreja recebia teoricamente a permissão de existir (pois a constituição comunista permite a "liberdade religiosa"), os ministros eram frequentemente chamados dos seus lares pelas razões mais inocentes, como se fosse "só por um minuto", para nunca mais serem vistos ou se ter qualquer notícia deles. Exceto quando um ministro era dilacerado brutalmente por uma força física bruta e sem princípios, no geral não lhe era permitido, ao que se sabe, encontrar-se com seu real oponente. E mesmo aqui, a força bruta não era frequentemente o oponente real. Em tais desaparecimentos, os amigos não sabiam das acusações contra as pessoas. Não lhes era dada oportunidade de falar em defesa daqueles que eram levados e o destino daqueles que eram levados, ainda que incerto, tinha todas as marcas do fim certo.

Quando as forças da Nações Unidas libertaram a Coreia do Japão em 1945, os coreanos esperavam naturalmente receber uma ajuda para formar o seu próprio governo. Durante os 35 anos de ocupação japonesa, os partidos políticos não haviam sido capazes de funcionar abertamente, se é que funcionaram. Agora, cada um parecia

vir à frente com seu próprio partido político. Embora os cristãos não fossem um partido político, propriamente dito, eles eram talvez, nesse tempo de transição, tão unidos ideologicamente quanto qualquer outro grupo na sociedade, por sua fé comum. A liderança e a popularidade dos muitos cristãos também fizeram deles candidatos naturais para a liderança política. Então, também, muitos cidadãos cristãos, que não se sentiram motivados a participar nem mesmo dos mais inferiores escalões do governo abertos a eles sob os japoneses, porque tais posições sob um governo pagão envolviam conformação, agora deram um passo à frente esperançosos. Eles estavam ansiosos para ver seu país construído sobre os padrões de governo que eles tinham admirado a distância em nações cristãs. A princípio, eles pareciam ingenuamente inconscientes da incompatibilidade do seu tipo de aspiração nacional com as aspirações dos poderes comunistas a quem se havia dado uma autoridade "temporária" sobre o seu país para aceitar a rendição da Japão ao norte do paralelo 38 na Coreia e Manchúria.

Durante certo tempo, as forças de ocupação comunistas ajudaram a manter viva a ilusão coreana de que um governo, livremente escolhido pelo povo com ideais e motivos cristãos poderia ainda ser desfrutado dentro de um arcabouço político comunista. O pastor presbiteriano, Cho Mansik, conhecido pelos coreanos com um verdadeiro patriota e amante do seu país, pela escolha do povo, recebeu a permissão de encabeçar o governo sob as forças de ocupação russas. Não-cristãos afluíram para a igreja, que foi revivificada além das expectativas dos cristãos.

A igreja era mais forte na Coreia do Norte do que em qualquer outra parte do país, e os cristãos tinham ocupado muitos dos lugares de responsabilidade na sociedade, educação, saúde, negócios e indústria. Os cristãos eram, portanto, naturalmente ativos em tentar moldar os destinos do seu país "libertado". Uma testemunha disse que a responsabilidade do governo era dada principalmente a pastores, presbíteros e diáconos, pelo menos na província de Whanghai. Isso pode ser um pouco exagerado, mas aponta pelo menos para um tempo de relativa liberdade para a igreja.

Quando o comunismo internacional, tomando vantagem da autoridade militar que havia sido dada ao exército russo na Coreia do Norte, começou a estender seus propósitos de domínio mundial para a Coreia, os cristãos coreanos despertaram e se encontraram alinhados contra um inimigo implacável. A princípio eles haviam considerado o comunismo como uma expressão legítima e normal das aspirações políticas dos cidadãos cristãos. Por outro lado, pelos comunistas, o Cristianismo era interpretado como um crime político, um ato da mais vil rebelião contra o Estado, "o povo", e portanto era merecedor das mais severas punições, até mesmo a morte.

O primeiro conflito entre a igreja e os comunistas parece ter desatado na fronteira norte da Coreia no vilarejo de SinWiju. Sob a liderança de dois destacados pastores presbiterianos, Rev. Yoon Hayung e Rev. Han Kyungchik, um partido Democrata Social Cristão foi organizado em setembro de 1945, imediatamente seguindo a libertação da Coreia após a II Guerra Mundial. Comitês foram organizados por toda a área. Em 16 de novembro de 1945, quando um comitê local estava sendo organizado em Yong Am Po, os comunistas incitaram operários de uma fábrica próxima a acabar com a reunião. Na luta que se seguiu, um pastor presbiteriano foi imediatamente morto e muitos ficaram feridos. O prédio da igreja foi destruído e danos foram causados ao lar do diácono Chang Wonbong, o presidente do "local", e de outros oficiais. Poucos dias mais tarde, como resultado dos sentimentos atizados por esta sangrenta interferência comunista numa reunião política, cinco mil estudantes fizeram uma manifestação diante do quartel-general comunista do "Governo do Povo", dizendo-lhes para irem embora. Comunistas coreanos dispararam armas automáticas sobre os estudantes desarmados enquanto os russos com armas automáticas atiraram neles do ar. Cinquenta foram mortos ou feridos e oitenta, inclusive oficiais da Partido Democrata Cristão, foram

presos.

Na primavera de 1946 muitas igrejas planejaram cultos para comemorar seu primeiro "Dia de Independência" desde a libertação do Japão. 1º de março de 1919 foi o dia no qual os coreanos tornaram pública uma "Declaração de Independência". Como observamos em páginas anteriores, quinze dos 33 que assinaram aquela Declaração eram cristãos e a parte dos cristãos no Movimento de Independência ficou bem conhecida. Os comunistas não queriam perder a vantagem de propaganda do dia e planejaram suas próprias reuniões, proibindo as igrejas de terem esses cultos comemorativos.

A despeito das prisões, os cristãos foram à frente com seus planos. Manifestações espontâneas irromperam nas ruas de Pyongyang e outras cidades, as quais foram abafadas à força. Em Wiju uma turba comunista entrou numa igreja, quebrou o púlpito e arrastou o pastor pela cidade num carro de boi com placas insultuosas penduradas no seu pescoço.

Em Sansungkin, Manchúria, 48 presbíteros foram presos pelas autoridades militares russas e então libertos. Mais tarde eles foram amarrados, julgados por um "tribunal popular", evidentemente sob instigação das mesmas autoridades, e mortos. Um que havia sido espancado e deixado como morto sobreviveu e finalmente escapou para a Coréia do Sul. Os "crimes" pelos quais as pessoas eram geralmente acusadas pelos comunistas (em ordem de hediondez) eram:

- 1 Familiaridade com americanos,
- 2 Ter ocupado um cargo governamental sob o governo japonês ou República da Coréia,
- 3 Ter sido homem de posse,
- 4 Ser cristão,
- 5 Ser intelectual.

Como se pode ver, havia nuances políticas na maioria desses primeiros confrontos. Alguns cristãos, especialmente os da Igreja da Reconstrução (*Chaigun*) e da Igreja Reestabelecida (*Poku*) eram contra tal atividade política por parte dos cristãos e sentiam que os cristãos atraíam sobre si a perseguição. Mas nenhum, nem mesmo aqueles que se opuseram ao fato de os cristãos assumirem tal direção na política, negaria que os comunistas queriam trazer a igreja sob seu completo controle e para os seus próprios propósitos.

Tendo também suas nuances políticas, o primeiro confronto onde os cristãos estavam unidos foi a questão do domingo suscitada em conexão com a eleição forjada, marcada para o domingo, 3 de novembro de 1946. Uma reunião dos cinco presbitérios na Coréia do Norte foi convocada em 22 de outubro de 1946, para decidir o que fazer sobre isso. Eles fizeram a seguinte declaração em nome das "2.000 congregações e 300.000 membros de igreja":

- 1 Guardar o dia de domingo santo é da vida da igreja, assim não pode haver frequência a coisas que não sejam adoração no Dia do Senhor.
- 2 O governo e a igreja devem ser mantidos separados.
- 3 O respeito por Deus no prédio da igreja é o dever legítimo da igreja, assim, o uso do prédio da igreja para propósitos outros do que adoração é proibido.
- 4 Se acontecer de um membro ativo da igreja ingressar no campo da política, ele deve deixar seu cargo na igreja.
- 5 A igreja se posiciona pela liberdade da religião e assembleia.

As Igrejas da Reconstrução (*Chaigun*) e Reestabelecida (*Poku*), ainda que não estivessem envolvidos nessa ação, haviam já assumido estes cinco pontos, assim, exceto aqueles completamente sob o tacão comunista, os presbiterianos, pelo menos, estavam de acordo.

A reação comunista à recusa dos cristãos em votar no domingo variou em diferentes localidades. Em alguns lugares, ela foi totalmente ignorada, em outros a pressão foi severa. Muitos ministros foram presos e nada mais se ouviu deles. Presbíteros, diáconos e leigos foram presos por um, dois ou três meses e então libertos.

Em Chinnampo, o Rev. Kim Tukmo foi condenado à morte por um "tribunal do povo" por se opor às eleições no domingo e instar com sua congregação para não votar. Outro ministro, Rev. Yoo, suplicou por sua vida, usando o argumento da prudência, uma vez que tal ato causaria uma reação não favorável entre o povo e mesmo na opinião mundial. A vida de Kim foi poupada na hora mas, mais tarde, tanto ele como Yoo, que o defendeu, foram presos e não houve mais notícias deles.

Em Syenchun os cristãos se recusaram a votar no domingo mas nada foi feito acerca disso até um mês mais tarde quando os ministros foram cercados, julgados por um "tribunal do povo" e espancados. Rev. Lee Soondo, com 40 anos de idade, morreu como resultado desses espancamentos. Lee era fisicamente forte e a princípio defendeu-se da turba que o estava espancando. Os comunistas então ordenaram aos "cristãos" que o espancassem até à morte para provar sua lealdade ao governo comunista.

Em muitos lugares, os cristãos foram à igreja para as reuniões matutinas de oração em 3 de novembro antes de as urnas serem abertas e permaneceram lá, fazendo reuniões, cantando, orando, pregando, até a meia-noite quando as urnas foram fechadas. Os comunistas vieram ao Rev. Choi Choonho, pedindo-lhe para dizer à sua congregação que estaria bem se eles fossem para as urnas às onze e meia da noite depois dos cultos, mas também isso ele recusou. Nos lugares onde os cultos da igreja terminaram antes da meia-noite, as pessoas foram tomadas à força das ruas e obrigadas a votar. O Rev. Lee Chanyoung, agora em Pusan, que estava no Coréia do Norte naquela época, diz que, enquanto os membros da "Liga Cristã" e uns poucos cristãos fracos podem ter votado, ele acha que dois terços dos cristãos não participaram da votação.

Foi, de fato, a ação dos cinco presbitérios que pareceu ocasionar a formação pelos comunistas da acima mencionada "Liga Cristã" como uma contramedida.

Pang Sangsoon, um ministro presbiteriano, que havia servido como secretário particular de Kim Ilsung, foi colocado à frente dessa organização "cristã" para ser usada pelos comunistas a fim de levar a igreja a se enquadrar. Seu programa afirmava:

- 1 Nós damos absoluto apoio ao governo (comunista) da Coréia do Norte de Kim Ilsung.
- 2 Não reconhecemos a legitimidade da República Sul- Coreana da Coréia.
- 3 A igreja existe para guiar o povo.
- 4 Portanto, a igreja deveria assumir a liderança nas eleições (i.e. como conduzidas pelo governo de Kim Ilsung).

Um ministro da província de Whanghai me contou que um cristão não era efetivamente passível de ser acusado criminalmente se ele se recusasse se unir à "Liga Cristã", mas se não fizesse isso, ele seria alistado como um inimigo do governo e a vida poderia ser feita desconfortável para ele de muitas maneiras. Se possível, ele seria preso sob alguma outra alegação de oposição política ao governo.

O evangelista Kim Changwhan, nascido em 1927 na Província Norte de Pyengan,

estudou teologia no Japão e depois da libertação tornou-se o destacado líder e professor de Bíblia da Igreja da Reconstrução (*Chaegun*) em Pyongyang. Ele se opôs a alguns pontos de vista extremistas sobre "separação" mantidos por muitos na Igreja da Reconstrução. Quando o líder da "Liga Cristã" tentou conseguir sua adesão, esperando ganhar o apoio do seu prestígio, Kim o repreendeu por se submeter em ser um instrumento dos comunistas. Isto foi relatado às autoridades e Kim foi preso. Ele morreu em consequência de espancamentos em 1950. Seu corpo foi recuperado e sepultado pelos cristãos.

O evangelista Choo Youngjin, filho do Rev. Choo Kichul, um famoso mártir sob os japoneses, foi abordado por um ministro adventista do sétimo dia numa "Liga Cristã", em frente ao posto de polícia comunista e questionado por que ele havia recusado se unir à Liga. Choo replicou: "Se um leigo me perguntasse, eu diria a ele, mas você, um ministro, deveria saber. Tudo o que posso dizer a você é Arrependa-se. Os cristãos que haviam cedido à membresia da Liga foram proibidos por suas regras de se encontrar em qualquer dia, senão no domingo e na quarta, e mais tarde, somente quando conveniente ao programa comunista e para dar apoio a ele, mas Choo, que recusou reconhecer sua autoridade ou controle, manteve estudos bíblicos e conferências em sessão na maior parte do tempo. Mas, como muitos outros, em 3 de agosto de 1950, ele foi tirado do seu lar "só por um minuto" sem qualquer razão especial, e desde então, nada se ouviu dele.

Enquanto ser membro na Liga fazia alguém temporariamente imune a muitas pressões, era útil para ele somente enquanto ele fosse útil para os comunistas. As histórias do Rev. Kim Iktoo, conhecido de muitos ocidentais como o "Billy Sunday (Notável evangelista americano do início do século; N. do Editor) da Coréia", um homem conhecido por toda a igreja coreana desde os primeiros dias, é um caso ilustrativo. A fim de conseguir o apoio dos cinco presbitérios para a "Liga Cristã", Kim Iktoo foi primeiramente preso durante o frio do inverno e não lhe foi dada comida suficiente porque ele não queria se unir à Liga. Ele tinha mais de 70 anos de idade naquela época. Depois de ter sofrido por umas duas semanas, Pang, o cabeça da "Liga Cristã", simplesmente "apareceu" na prisão onde Kim estava sendo mantido e fez uma grande exibição, exigindo que lhe dissessem por que tal honorável homem estava sendo tratado de maneira tão ignominiosa. Ele levou Kim para sua casa, supriu-o de boas roupas, alimentou-o bem, então o "convenceu" de que a cooperação com os comunistas era mais sensível dos que lutar contra eles. Ele fez com que Kim concordasse em instar com os cinco presbitérios para que aprovassem a "Liga Cristã". Essa abordagem macia funcionou com o idoso ministro mas quando ele colocou a questão diante dos cinco presbitérios, não recebeu apoio. Os comissionários, entretanto, sabendo que tomar qualquer medida adversa significaria problemas para eles, dissolveram a reunião sem tomar qualquer medida. Meu informante disse que Kim compreendeu ter cometido um sério erro e retornou a Sinchun, seu vilarejo de origem, quebrantado no espírito. Contudo ele não teve forças para retirar seu nome da organização e permaneceu como cabeça nominal da "Liga Cristã" da província de Whanghai. Mas depois do desembarque do General Mac Arthur em Inchon, quando os comunistas estavam em retirada, Kim Iktoo foi fuzilado e morto pelos soldados comunistas na sua igreja.

Mas isto é avançar cronologicamente demais na história.

O PARTIDO LIBERAL CRISTÃO

Em novembro de 1947, o Rev. Kim Hwasik e o Presbítero Ko Hankyu organizaram o Partido Liberal Cristão tendo como centro o grupo do Seminário Teológico em Pyongyang. Foi na época em que a Assembleia das Nações Unidas estava planejando discutir a questão coreana. Seu propósito era trabalhar pela unificação das Coréias do

Norte e do Sul. A polícia ouviu sobre a proposta de organização deste partido e em 19 de novembro, antes que ele tivesse condições de ter uma única reunião, o Rev. Kim e 39 outros envolvidos no planejamento da organização foram presos e desde então não se teve mais notícias deles.

OUTRAS PRESSÕES SOBRE A IGREJA

Foi o Rev. Choi Choonho, um ministro que se opôs ao envolvimento dos cristãos na ação política em qualquer um dos lados, quem me contou dos vários tipos de pressão feitos contra a igreja em adição àqueles mencionados acima.

1. Cristãos, juntamente com outros, eram convocados para serviços públicos, especialmente aos domingos. Obedecer significava quebrar o dia do Senhor e a interrupção dos cultos na igreja, enquanto desobedecer era considerado oposição ao governo.
2. O povo, inclusive os cristãos, era chamado em grupo para reuniões de doutrinação quase que diariamente, mas especialmente aos domingos, com resultados similares àqueles já mencionados.
3. Os filhos dos cristãos descobriram que era difícil conseguirem matrícula nas escolas secundárias se "Cristão" estivesse escrito na sua ficha de matrícula onde a afiliação religiosa era indicada.

Se eles conseguiam ingressar na escola, as coisas eram dificultadas para eles. Eram frequentemente chamados de volta para a escola aos domingos. Meu informante disse que sua filha fora expulsa do curso primário por orar silenciosamente antes do início das aulas e três ou quatro outras crianças na sua escola dominical foram expulsas da escola ao mesmo tempo e pela mesma razão. Ele, como pastor, foi chamado ao posto policial por causa disso.

4. Os comunistas frequentemente exigiam o uso dos prédios da igreja para suas reuniões políticas e para colocar seus lemas políticos. A recusa significava perseguição para a igreja. O evangelista Choo Youngjin, cujo desaparecimento final foi mencionado acima em conexão à questão da eleição no domingo, foi um daqueles que se opôs à organização de partidos políticos anticomunistas por cristãos e, pelas mesmas razões, recusou o uso da sua igreja para assembleias comunistas. Ele foi preso por um mês por se recusar a colocar um pôster comunista na sua igreja em Chang Hyun.

A GUERRA COREANA "NORTE-SUL"

O maior número de mortos entre os cristãos aconteceu durante a mudança dos rumos da guerra "Norte-Sul" após 25 de junho de 1950.

O repentino ataque das tropas comunistas da Coreia do Norte contra a Coreia do Sul apanhou a população sul-coreana completamente de surpresa. Muitos líderes cristãos, juntamente com missionários, tanto católico-romanos quanto protestantes, foram pegos na rede das forças invasoras, antes que tivessem tempo de fugir. Havia alguns líderes "cristãos" cujas posições teológicas e sociológicas eram tais que eles supunham em vão que o seu Cristianismo poderia viver dentro do arcabouço comunista. Ainda outros sentiam que, como pastores, não ousariam deixar seus rebanhos ainda que soubesse que isso significasse morte certa. Arrebanhados com prisioneiros militares em marchas de morte, na retaguarda, eles compartilharam bastante das durezas, certamente da angústia e da incerteza. Na marcha da morte de 160 km

compartilhadas por estes civis em novembro de 1950, um repórter afirmou que morria, em média, uma pessoa a cada milha percorrida. Num dia somente, 21 pessoas foram fuziladas. Dos 738 prisioneiros americanos levados em setembro de 1950, somente 276 sobreviveram: 76 morreram fuzilados, cinco morreram por terem sido deixados expostos às inclemências do tempo, e dezesseis enfermos e feridos foram deixados num campo de prisioneiros e nunca mais foram vistos.

Dos dezoito missionários católico-romanos, cuja idade média era de 65 anos, dez, incluindo o Bispo Patrick J. Byrne morreram como resultado direto das crueldades comunistas durante ou depois da marcha da morte. Os comunistas constantemente se recusavam a permitir que os sacerdotes e ministros dirigissem cultos ou dessem assistência espiritual aos prisioneiros, violando até mesmo a Convenção de Genebra.

Em Seul, o dr. Koh do Hospital Severance, o dr. Nam Kunghyuk, ex-professor do Seminário Pyongyang, o dr. Song Changun e outros homens bem conhecidos desapareceram durante o irromper das hostilidades e nunca mais se ouviu falar deles. O Rev. Chun Insun morreu na prisão naquela ocasião. O Rev. Lee Sungui, um dos professores do Seminário Pyongyang, foi fuzilado.

A Igreja Anglicana da Missão da Coreia perdeu três missionários. O padre Charles Hunt foi arrancado da cama onde jazia doente e sobreviveu ao cativeiro somente por pouco tempo. A irmã Mary Clare morreu no cativeiro e o padre Lee desapareceu. Houve um rumor de que ele havia sido fuzilado.

Mesmo após a erupção da guerra as igrejas continuavam a se reunir mas, é claro, a pressão para apoiar o esforço da guerra comunista aumentou.

O evangelista Kim, servindo em uma congregação da Igreja Chang Hyun, a uns 20 km de Pyongyang, não só se recusou a se unir ao exército comunista como também a carregar consigo um cartão declarando a sua posição militar. Por isso ele foi preso, espancado e sufocado com um cobertor. Os cristãos recuperaram o seu corpo bastante inchado para o sepultamento. Um professor de escola dominical, Kim Sugnchoon, presente ao funeral, foi fortalecido pelo exemplo do seu testemunho e ele próprio se recusou a se unir ao exército comunista. Por isso ele foi preso. No dia anterior à entrada das tropas das Nações Unidas em Pyongyang, ele foi chamado e lhe perguntaram de novo se lutaria pelos comunistas. "Uma palavra e você viverá", disseram-lhe. Quando ele disse que não lutaria, foi preso com arame a cerca de vinte outras pessoas, inclusive diversos pastores e presbíteros. Alguns do grupo não eram cristãos. Um dos pastores foi identificado como sendo o rev. Pang Chonwon. Eles foram levados num caminhão à noite para uma trincheira de bateria antiaérea, a 9 km de Soonan, e metralhados até a morte. Um do grupo, ajudado por um homem que estava atrás dele, usando os seus dentes para afrouxar o arame, libertou-se, pulou do caminhão e escapou na escuridão para contar a história.

Foi nessa época, logo após o desembarque do General MacArthur em Inchon, que muitos cristãos, ao lado de incontáveis outros, foram massacrados a sangue frio pelo comunistas que se retiravam. Em centenas de casos, como diz o dr. Arch Campbell, aqueles que saíam do esconderijo cedo demais para encontrar as tropas conquistadoras das Nações Unidas eram sumariamente fuzilados pelos comunistas que ainda não haviam se retirado completamente.

Na costa ocidental da Coreia, no condado de Yumkwang da província Chulla-Sul, um informante declarou que de uma população de 120.000, 40.000 pessoas foram mortas. Vilarejos inteiros foram varridos pelos comunistas em retirada. Três ministros presbiterianos nesse condado, Revs. Kim Bangho, Kim Chongin e Won Changkwon estavam entre aqueles que foram mortos. Na Igreja de Yumsan, a família do Rev. Kim Bangho de oito pessoas foi morta de uma vez, com exceção de um filho. O rev. Kim

costumava dizer aos membros da sua igreja que a graça para o martírio era dada por Deus. O presbítero Huh, da mesma igreja, quando confrontado com os comunistas, instou-os a crer no Senhor Jesus Cristo e foi morto com uma lança de bambu. Sua esposa que havia sido presa e depois solta, implorou para morrer com ele e foi morta. Mais de setenta pessoas nesta única igreja foram mortos; alguns com facas, outros afogados com pedras amarradas ao pescoço. No caso de um diácono, a pedra escorregou da corda e ele conseguiu nadar para longe somente para ser morto com uma lança de bambu pelos comunistas que o esperavam quando chegou à margem.

Na igreja de Yawul, do mesmo condado, os comunistas reuniram os cristãos, inclusive as crianças da escola dominical, dentro da igreja e os mataram, cerca de oitenta pessoas ao todo.

No condado de Pongsan, província de Whanghai, a Igreja Presbiteriana de Keidong tinha cerca de 180 pessoas frequentando seus cultos regulares. Depois do desembarque de MacArthur, a "Polícia do Povo" ordenou aos cristãos que se reunissem no prédio da igreja. Meu informante, que pertencia a uma igreja próxima no mesmo condado, disse: "Ninguém pensava em desobedecer a ordem da polícia comunista." Com a exceção de três ou quatro membros e o pastor que estava fora da cidade naquela ocasião, todos se reuniram. Os comunistas colocaram fogo no prédio de madeira da igreja e ficaram do lado de fora para atirar em qualquer um que tentasse escapar. Os cristãos, evidentemente percebendo que iriam morrer de qualquer maneira, não fizeram qualquer esforço para fugir. Eles decidiram, como o narrador interpretou a sua ação, "morrer limpos". Eles uniram suas vozes em cânticos até que o prédio em chamas desabasse sobre suas cabeças e todos eles foram consumidos pelo fogo.

Três Mártires: Sohn Yangoon e seus dois filhos

Talvez o caso mais bem conhecido e mais publicado de martírio sob os comunistas tenha sido a morte do Rev. Sohn Yangoon e seus meninos, Tongin e Tongsin. Apesar dele não ter morrido sob os japoneses, seu testemunho contra a adoração xintoísta foi um dos mais destacados. Eu não incluí sua história nas capítulos anteriores porque ele não morreu até à época dos comunistas, mas é necessário falar do seu testemunho contra a adoração xintoísta para dar o quadro completo do seu martírio e dos seus filhos.

Nascido no vilarejo de Koosung, condado de Haman, na província Kyungsang do Sul em 7 de julho de 1902, ele se graduou na Escola Média em Tóquio em 1923 e então ingressou no Instituto Bíblico Kyungsang do Sul. Casou-se em 1924 e se tornou um evangelista empregado pela colônia de leprosos em 1925. Ele também fundou igrejas em Pangujin, Soosan, Namchang e Wondong. Coursou o Seminário Teológico (presbiteriano) de Pyongyang, onde se graduou em 1938. Foi como estudante de seminário que pela primeira vez teve problemas com as autoridades japonesas na área do presbitério de Kyungsang do Sul na questão dos altares. Depois da formatura ele aceitou um chamado para a igreja na "Aeyang Won," uma grande colônia de leprosos estabelecida pela Missão Presbiteriana do Sul em Yusoo, província Chulla do Sul. Esta igreja tinha mais de mil membros. Pensou-se que as autoridades não teriam muito interesse num homem ministrando a estes leprosos, marginalizados pela sociedade.

Mas Sohn Yangoon foi chamado ao posto policial quando, por causa dos seus escrúpulos, a bandeira japonesa por trás do púlpito havia sido removida em algumas reuniões especiais que ele estava dirigindo numa igreja fora da colônia. Os japoneses exigiam que os cristãos se curvassem diante da bandeira japonesa antes de cada culto de adoração. No posto de polícia, Sohn argumentou que bandeiras drapejando de uma casa ou de um navio eram como plaquetas de identificação e raciocinou que curvar-se a uma bandeira era como se curvar à plaqueta de identificação de alguém. Ele disse também que, se se curvar a uma bandeira fazia patriotas, então qualquer criminoso violento, polígamo ou bêbado poderia se tornar patriota por se curvar. A polícia decidiu libertá-lo naquela vez, somente para prendê-lo mais tarde em 1940. Depois da prisão a sua família foi despejada do presbitério, mas os membros da sua congregação de leprosos levantaram secretamente uma oferta para ajudá-los.

Sohn foi mantido na prisão de Yusoo por dez meses. Por um longo tempo, a única maneira de sua família descobrir que ele estava vivo era quando levavam roupas recém-lavadas para o cárcere e continuavam a receber sua roupa suja de volta. Finalmente, mediante pagamento em dinheiro, a família recebeu a permissão de providenciar que ele tivesse alguma alimentação especial da cozinha da prisão, mas exatamente esta concessão parece ter suscitado o rumor desanimador de que Sohn havia cedido.

Pelos boatos da cozinha, a esposa de Sohn ouviu que ele estava sendo transferido para a penitenciária em Kwangju, a capital provincial, para ser julgado. Os guardas convenientemente viraram as suas costas para que ela pudesse ter uma pequena conversa com ele enquanto estava detido na plataforma da estação, esperando o trem. Ela o fez lembrar das palavras da esposa do mártir Choo para o seu marido: "Se se curvar diante do altar, você não é meu marido", então acrescentou: "Além do mais a sua alma estará perdida." Sohn lhe assegurou que não havia cedido, mas a instou a orar por ele.

A sra. Sohn se mudou da colônia de leprosos para Kwangju com os filhos mais novos. O menino mais velho, Tongin, arrumou um emprego em Pusan, trabalhando numa fábrica, fazendo barris de madeira, mas antes de ter saído da colônia de leprosos ele dissera aos leprosos que receberia treinamento para o ministério e voltaria para servi-los no lugar do seu pai. Quando ele foi, mais tarde, recrutado pelo exército japonês para lutar contra os Estados Unidos, a sra. Sohn espalhou a família. Ela colocou o segundo menino, Tongsin, no Orfanato Sião em Pusan, e os dois mais novos, Tonghui e Tongja no Ai Rin Won (orfanato) em Kupo perto de Pusan, e então, tomando o menino mais velho, fugiu para a ilha de Namhae, onde ficaram escondidos até o fim da guerra. Quando a perseguição se intensificou, Tongsin, o segundo menino, deixou o orfanato Sião para evitar a veneração aos altares. Sem saber onde sua mãe e seu irmão estavam se escondendo, ele foi viver com seis leprosos que haviam abandonado a colônia de leprosos de Yusoo para não terem de se comprometer com a veneração aos altares. Eles haviam se organizado numa pequena comunidade numa área remota do município de Hadong no condado de Chinju. Tongsin se arriscou a contrair a doença para evitar participar da veneração aos altares e permaneceu com eles até o fim da guerra.

Nesse ínterim, Sohn foi examinado pelo promotor do tribunal de Kwangju por oito dias. No fim desse período, o promotor seguiu a prática comum de pedir-lhe para colocar a sua assinatura na minuta do exame. Sohn havia se apoiado na Palavra de Deus ao dar as suas respostas e se recusou a assinar a minuta, dizendo: "Elas são palavras de Deus e não minhas, e eu não tenho o direito de colocar a minha assinatura sob as palavras de Deus como se fossem minhas."

Ele foi julgado em novembro de 1941, condenado sob as acusações normais: "Violação da paz pública, lesa-Majestade, irreverência, dar ajuda ao inimigo; recebeu a sentença de um ano e meio. Enquanto a facção militar estava decidida a varrer qualquer oposição, as autoridades civis agiam mais cautelosamente. Eles não queriam antagonizar o povo e tentavam evitar colisões frontais a respeito da questão dos altares. Quando o ano e meio estava no fim, o promotor público, Yoda, chamou Sohn à sua presença. Ele argüiu o guarda da prisão sobre os registros de Sohn em cooperar com as autoridades da prisão. O guarda replicou que Sohn havia sido um prisioneiro modelo e que havia participado fielmente das cerimônias nos altares. Não se sabe ao certo se essa mentira foi ou não previamente colocada na boca do guarda por Yoda como um artifício para manter as aparências por meio das quais o procurador estaria em condições de dispensar Sohn e ficar livre de um caso difícil. O que quer que tenha havido entre o guarda e o procurador, Sohn negou que tivesse participado da veneração aos altares. Essa reviravolta enfureceu o promotor e em agosto de 1943 ele condenou Sohn à prisão permanente para os incorrigíveis, o que quer dizer, para aqueles que "mantinham pensamentos perigosos". Essa prisão ficava em Chungju, província de Choongchung. Ele permaneceu lá até a rendição do Japão em 15 de agosto de 1945, que lhe trouxe então libertação.

Depois da libertação Sohn retornou para o seu antigo cargo de pastor da igreja de leprosos de Ae Yang Won em Yusoo. O testemunho incomum que ele deu diante dos japoneses fez com que fosse muito solicitado como pregador por todo o país durante o período de reconstrução que aconteceu no pós-guerra. A família dispersa foi reunida novamente e os filhos foram matriculados em várias escolas, tentando recuperar a educação que haviam perdido quando tinham sido expulsos da escola primária por se recusarem a se curvar diante dos altares xintoístas.

Tongin se matriculou na Escola Normal de Soonchun e Tongsin na Escola Secundária de Soonchun. Eles progrediam bem nos seus estudos e também davam um testemunho cristão ativo entre os colegas. Como muitos estudantes coreanos, eles até mesmo sonhavam em ir mais tarde para a América para prosseguirem seus estudos.

Mas a tragédia bateu novamente à sua porta.

Na noite de 19 de setembro de 1948, comunistas do Campo de Treinamento Policial de Yusoo, vendo-se como parte de uma tropa de quinhentos soldados ordenados a navegar para a ilha de Cheju para lutar em guerrilhas comunistas, pegaram em armas num plano de nível nacional de levante comunista contra a República da Coreia. Eles fuzilaram seus oficiais coreanos e assumiram o controle do campo local, então da cidade de Yusoo, e a seguir ocuparam a cidade de Soonchun. Um reinado de terror se seguiu no qual os "inimigos do povo" (como os comunistas os viam) foram julgados diante de "tribunais do povo". O golpe estava bem organizado. Braçadeiras e faixas de cabeça, bandeiras, panfletos e posters bradando lemas comunistas pareciam brotar com o orvalho matutino de 20 de setembro. O levante prematuro numa localidade salvou o resto do país, mas naquela localidade o terror reinou. Os Vermelhos disseminaram a mentira de que Seul, Taegu, Pusan e outras cidades-chaves haviam caído nas mãos dos comunistas e que, em breve, toda a Coreia do Sul estaria livre da tirania capitalista.

Seja porque eles já estavam fartos de serem fugitivos sob os japoneses, ou porque a propaganda comunista os havia convencido da futilidade da fuga, Tongsin e Tongin decidiram não fugir, mas se prepararem para a morte, para fugir para o seio do Pai Celestial. Cedo de manhã, no dia 21, eles se levantaram e oraram juntos, banharam-se e colocaram as suas melhores roupas. Amigos da escola, sabendo do lugar de destaque que tinham mantido como cristãos aos olhos dos seus colegas de classe, vieram ao seu pensionato instando-os para que corressem, mas eles permaneceram no seu quarto.

Por volta das dez horas, uma turba de estudantes comunistas apareceu e os arrancou do seu pensionato. Eles os levaram para uma área por trás dos prédios do governo onde os corpos de outras vítimas do "tribunal do povo" jaziam espalhados. Insultaram e ameaçaram os meninos, especialmente batendo em Tongin, o mais velho. Tongsin tentou se colocar entre eles e o seu irmão; os estudantes se voltaram contra ele.

Quando os rumores do martírio dos meninos alcançou os pais, Hong, um leproso, voluntariou-se a ir para a cidade em perigo e checar as informações. Ele ficou sabendo, através do dono do pensionato, que os estudantes comunistas, depois de arrastar os meninos para fora, haviam revistado o quarto dos deles e levado seus documentos para o quartel dos Vermelhos. O proprietário também ouviu que os meninos haviam sido mortos a bala. O leproso fez uma busca e finalmente encontrou seus corpos. De uma cristã, cujo esposo também havia sido morto a bala, ele ficou sabendo que os meninos haviam instado com os captores a crer em Jesus e tinham testemunhado pacientemente para eles até que o fim chegasse. Quando Tongin mostrou que não iria negar sua fé em Jesus, Ahn Chae Sun, o líder dos estudantes comunistas, preparou-se para matá-lo com um revólver. Tongsin novamente tentou se colocar entre Ahn e seu irmão, somente para ser puxado para o lado. Tongin foi então vendado e fuzilado. Tongsin lançou-se sobre o corpo do seu irmão e ele também foi fuzilado.

Em dois dias essa revolta comunista local foi abafada e Ahn, o assassino dos dois meninos, preso. O pastor Sohn, ao ouvir que o menino havia sido preso, enviou um pastor amigo e sua própria filha para suplicar pela vida do menino, oferecendo-se para adotar o assassino dos meninos como seu próprio filho.

O coronel encarregado ficou tão impressionado com o pedido que, depois de contatar Sohn e ouvir o estranho pedido diretamente do pai, entregou-lhe o menino. Sohn recebeu a permissão dos pais de Ahn para adotá-lo e testemunhou para eles e para o menino, mais tarde matriculando-o no Instituto Bíblico Superior em Pusan. Os pais, gratos, por sua vez pediram para adotar uma das filhas de Sohn para que vivesse com eles e os ensinasse sobre Cristo, prometendo tomar providências para que ela tivesse uma boa educação.

O morte violenta dos dois filhos do famoso ministro, seguida pela sua adoção do assassino, foi um choque para todo o país. Estudantes foram emocionalmente afetados pela história dos dois meninos e se comprometeram a uma maior consagração. O pastor Sohn ficou ainda mais solicitado como mensageiro nas reuniões.

Então os comunistas se derramaram através do paralelo 38 em 25 de junho de 1950. Na medida em que avançavam mais e mais sobre a Coréia do Sul, a população fugia deles para o pequeno perímetro de 50 milhas ao redor de Pusan, limitado por Masan, Taegu e Kyungju. O rev. Sohn estava na colônia de leprosos e foi avisado para fugir, mas escolheu ficar com seu rebanho. Muitos foram presos naquele verão. Sohn não foi preso até 13 de setembro, quando então, foi levado para Yusoo. O cárcere estava tão cheio que ele foi colocado com muitos outros, anteriormente presos, num velho depósito de grãos até o famoso desembarque em Inchon de MacArthur. Antes de se retirarem em 28 de setembro, os comunistas amarraram 75 prisioneiros com cordas e os guiaram pela noite para um lugar a cerca de três milhas ao norte de Yusoo e os fuzilaram. Seus corpos foram encontrados no dia seguinte.

Seu sofrimento prévio sob os japoneses, o martírio dos seus dois filhos, seguidos por sua generosidade para com o assassino, e finalmente o seu próprio martírio nas mãos dos comunistas, fez do caso de Sohn algo realmente notável, mas muitos santos não divulgados sofreram e testemunharam tão fielmente quanto ele. O martírio de Sohn e seus dois filhos foram popularizados num livro de dois volumes escrito em coreano pelo Rev. Ahn Yongjun, *The Atomic Bomb of Love* [A Bomba Atômica do Amor]. O livro tem passado por diversas edições.

Além do Pastor Sohn, a sra. Yoon, professora de Bíblia da Primeira Igreja Presbiteriana de Yusoo, o sr. Kim Unki, presidente da Associação Cristã de Moços de Yusoo, o diácono Huh Sangyong, o diácono Kim Chaisun, todos de Yusoo, estavam entre aqueles que foram mortos. O Rev. Cho Sanghak da Igreja Dukyang e Chi Hanyung, um estudante de teologia mais velho, e dois dos seus filhos (um deles professor da escola pública em Ulchon) estavam entre os nove cristãos positivamente identificados entre os 75 que foram guiados para fora para a execução nessa ocasião.

Meu informante conhecia somente dois dos 75 que escaparam da morte. Um deles era um jovem não-cristão, preso por suas atividades políticas em conexão com o governo sul-coreano. Ele conseguiu, com a ajuda de um prisioneiro que estava atrás dele, contorcendo-se, livrar-se das cordas que o prendiam e fugiu na escuridão. Ficou muito impressionado com a conduta dos cristãos durante aqueles dias quentes de verão em confinamento naquele depósito lotado. Ele mencionou especialmente o Rev. Cho Sanghak que havia estado lá desde meados de julho. Este velho pastor havia permanecido com seu rebanho quando os comunistas invadiram, dizendo: "O que os comunistas desejariam fazer com um homem de 73 anos de idade?" O jovem disse que Cho pregou, desde o dia da sua prisão, para centenas de pessoas que passavam pelo depósito-cárcere naquele verão. Ele sempre pedia a bênção para sua comida numa voz alta e clara, lembrando em oração daqueles presos com ele. Isso foi um grande conforto para o jovem e para os outros prisioneiros. Os guardas comunistas tentaram fazê-lo calar mas, depois de uma breve pausa, ele começava a falar novamente. Os guardas esticaram sua boca com os dedos, partindo seus lábios. Mais tarde um deles golpeou-o na boca com o cabo do seu rifle, dilacerando gravemente sua boca. Cho pregou para os guardas e igualmente para os juizes do "tribunal do povo". Apesar de espancado, ele continuava a testemunhar. Ele esperava morrer e parecia não temer nada.

O outro que escapou foi um menino secundarista, o filho mais novo de Chi Hanyung, o estudante de teologia. No lugar da execução os prisioneiros eram chamados pelo nome, um pequeno grupo de cada vez. Eram ordenados a se despir e colocar sua roupa numa pilha; depois tinham de dar um passo a frente e eram fuzilados. O menino

depositou suas roupas e saiu correndo em direção às colinas. Os soldados Vermelhos atiraram nele, mas ele fugiu nu.

Quando o corpo do pastor Cho foi recuperado no dia seguinte, descobriram que ele havia sido baleado por trás na cabeça. A bala, que saiu por sua face o desfigurou a tal ponto, que ele não pôde ser reconhecido. Teve de ser identificado por meio de outros sinais.

O Rev. Han Choonmyung, agora Professor da Faculdade Yonsei em Pusan, conta de um massacre em massa de quase trezentos prisioneiros do qual ele e seis outros escaparam miraculosamente. Han servia a uma igreja próxima à cidade de Wonsan na costa oriental da Coreia. Ele havia visto as mesmas pressões trazidas sobre a igreja que haviam sido descritas em outras áreas. Nas escolas públicas, as crianças cristãs eram obrigadas a criticar a si mesmas. Eram estabelecidos "Tribunais do Povo" infantis e as crianças cristãs eram julgadas culpadas e expulsas das escolas por seus colegas. Professores cristãos que se recusavam a se unir ao partido trabalhista comunista perdiam seus empregos. Para os cristãos que não se uniam ao partido comunista era dada uma ração menor de grãos do que àqueles do partido e a cada instante eles viam suas atividades sendo bloqueadas. Quando eles percebiam que a vida era insuportável e relutantemente decidiam que teriam de deixar seus seculares lares ancestrais e partir para a Coreia do Sul, isso era interpretado como sendo um ato de traição e eles eram frequentemente presos ou exilados para os campos de trabalho forçado. Os cristãos eram às vezes presos e então soltos sob a condição de se tornarem informantes contra seus pastores e outros cristãos. Han disse que três diferentes membros da sua congregação lhe mostraram formulários que lhes haviam sido dados nos quais podiam fazer esses relatórios. Ele disse que sempre que um estranho aparecia na congregação, os diáconos cochichariam ao pastor para ser cauteloso com o que dizia no caso do estranho poder ser um espião comunista.

Em 1949, um grupo de ministros e presbíteros em Wonsan tentou estabelecer uma organização para trabalhar junto ao governo da República da Coreia no caso (de o limite) do Paralelo 38 ser removido. Isto foi descoberto e o Rev. Kwon Uibong (presidente), o presbítero Pak Changheun e um professor secundarista, Chang Chooso, foram presos e enviados para o trabalho forçado em Hamheung. Quando as tropas das Nações Unidas empurraram os comunistas para o norte esses homens foram mortos juntamente com muitos protestantes, católico-romanos e aqueles não-cristãos que eram considerados opositores do governo comunista.

O próprio Han foi preso em 30 de junho de 1950, exatamente cinco dias depois da início da guerra, com sete ou oito cristãos. Entre eles estava o Rev. Cho Huiyum e o presbítero Kim Choongsoon. Eles foram mantidos numa prisão lotada por todos os meses quentes do verão de 1950. Em outubro, depois do desembarque de MacArthur em Inchon na costa ocidental, chegou uma mensagem de que as tropas americanas haviam desembarcado na Baía de Changjun na costa oriental. Os guardas da prisão se tornaram mais vigilantes e estritos. Estima-se que havia entre setecentos e oitocentos prisioneiros no cárcere naquela época. Antes da retirada, os comunistas decidiram matar todos esses prisioneiros. No dia 7 de outubro eles começaram a amarrar pedras a eles e afogá-los de noite, mas tantos cadáveres flutuavam que eles rejeitaram este método e no seu lugar decidiram levar os prisioneiros para um túnel cavado nas colinas atrás da prisão e fuzilá-los.

Han foi tirado da sua cela por volta das sete horas da noite do dia 8. Sobre uma mesa na sala da guarda estavam caixas grandes cheias de cordas medindo duas jardas de comprimento como se tivessem sido há muito preparadas para essa contingência. Suas mãos foram amarradas por trás das suas costas e a seguir ele foi amarrado a outros três prisioneiros, ficando os quatro, um de frente para o outro. Os prisioneiros

que já estavam amarrados foram levados para fora na noite. Han pensou que eles estavam simplesmente sendo transferidos para outro local e não suspeitava que eles seriam executados. Por volta das três ou quatro da manhã do dia 9 ele e aqueles amarrados com ele foram ordenados a marchar. Os guardas estavam espaçados em intervalos ladeira acima pela trincheira que levava ao túnel. Enquanto os prisioneiros subiam aos tropeços a ladeira, os guardas gritavam para os de trás comunicando a chegada de um grupo de quatro e a seguir avisava ao guarda adiante que eles estavam passando. Somente quando Han entrou no próprio túnel foi que percebeu que estava para enfrentar uma execução.

No final do túnel ele podia ver cadáveres, amarrados em quatro, empilhados em três. Na sua frente estava um soldado comunista segurando uma vasilha de óleo na qual uma luz ardia e ao lado dele outro soldado com um rifle automático. Han ficou tão chocado ao perceber repentinamente que estava para morrer, que sentiu que praticamente não tinha tempo para orar. Ele não pediu para ter sua vida poupada, mas orou a Deus para proteger seu pai de 83 anos e seu filho de 4 anos e a pequena igreja à qual ele havia servido, e então pediu a Deus para perdoá-lo se tivesse ferido alguém com palavras duras. Os quatro foram ordenados a se ajoelharem sobre o topo da pilha tripla de cadáveres, alguns ainda se movendo em espasmos de morte. Mas Han tinha uma perna ruim e não conseguia se ajoelhar facilmente, assim ele se deitou sobre eles com suas pernas esticadas atrás dele. O soldado com o rifle automático começou pela esquerda, segurando cada pessoa pela gola e atirando por trás da cabeça. Ele podia ver o rosto do primeiro homem caindo, então a cabeça do doutor à sua esquerda pareceu explodir como uma tigela. Agora era a sua vez. Mas, naquele momento, uma cabeça entre os "mortos" a frente deles se ergueu e o homem com a luz disse: "Pegue aquela cabeça preta." O soldado ficou atrás das costas de Han e atirou no homem que havia erguido sua cabeça. Então, evidentemente, tendo esquecido que não havia atirado em Han, enquanto ao mesmo tempo a postura esticada fazia com que ele parecesse um dos mortos, ele prosseguiu e atirou no quarto homem, deixando Han vivo.

Um quinto quarteto marchou para dentro e foi feito subir sobre Han. Foi então que, Han disse, ele teve tempo para dar lugar ao medo. vendo escapado do tiro direto, ele temia que a bala para o homem acima dele pudesse atravessar e atingi-lo. Mas ele foi poupado. Aquela seção do túnel agora estava lotada. Então ele podia ouvir a marcha dos prisioneiros continuando enquanto entravam no túmulo para serem mortos a bala. Alguns, sentindo o que estavam enfrentando, entraram cantando ousadamente cânticos de batalha para fortalecer sua coragem. Por fim, ele podia ouvir mulheres sendo trazidas, chorando enquanto chegavam. Os guardas no lado de fora disseram aos de dentro para apressarem o seu trabalho. Quando todos os 305 haviam sido "despachados", ele pode ouvir os guardas preparando a colocação de dinamite para fechar a boca do túnel avisando um ao outro de brincadeira para serem cuidadosos para não serem sepultados com os mortos. Han ficou pensando como os homens podiam ser tão insensíveis a ponto de brincar num momento como esse. A explosão selou a boca do túnel, mas, pela providência de Deus, o próprio túnel não entrou em colapso, somente pequena quantidade de terra solta caiu do teto. De novo, providencialmente, dois dias mais tarde bombas de aviões americanos abriram um buraco no topo do túnel. Dois estudantes secundaristas, uma menina, um agricultor e um médico, além de Han, sobreviveram ao massacre em massa. Mesmo depois que o buraco foi aberto os sobreviventes temiam sair já que os comunistas ainda estavam espreitando a área. Um dos estudantes se aventurou a sair e nunca mais se ouviu falar dele desde então.

Finalmente as tropas das Nações Unidas chegaram. Foram encontrados nesse túnel 298 corpos. Entre eles Han identificou o ministro acima mencionado, Cho Huiyum e dois sacerdotes católico-romanos, mas não reconheceu os outros. Verdadeiramente, "mil cairão ao teu lado e dez mil à tua direita e tu não serás atingido", sem que o Pai

Celestial o queira.

É necessário acrescentar que, nas reviravoltas da guerra, quando uma área era ocupada pelas tropas da Nações Unidas, às vezes eram presbíteros e líderes de igrejas que indicavam aqueles entre a população que haviam trabalhado para os comunistas e ajudavam a apanhá-los e serem executados. Quando essa área era retomada pelos comunistas, era de se esperar que surgissem represálias contra os cristãos. Onde os cristãos foram generosos com os comunistas, quando o território mudava de mãos, havia casos de comunistas indulgentes com os cristãos. Deve ser lembrado que muitos haviam sido forçados ao campo comunista a fim de sobreviverem, mas que de maneira alguma eram comunistas de coração. Houve casos nos quais cristãos erraram em não reconhecer essa distinção, ocasionando assim má vontade contra si mesmos.

É importante que, não obstante o quão demoníaco o comunismo possa ser, não devemos esquecer que as pessoas através das quais ele opera são seres humanos, alguns dos quais podem mesmo acabar demonstrando serem sujeitos da graça eletiva de Deus e do seu poder regenerador. A Palavra de Deus nos assegura que Satanás e suas forças não prevalecerão, pois os santos o "venceram por causa do sangue do Cordeiro; e por causa da palavra do testemunho que deram; e não amaram as suas próprias vidas até à morte" (Ap 12.11).

Epílogo

Na Parte 2 deste pequeno livro, dei somente uns poucos exemplos dos sofrimentos suportados pelos cristãos coreanos. Os casos daqueles cujos sofrimentos e martírios foram registrados aqui, têm passado para uma história que retrocede 25 anos até a Guerra da Coréia e mais além. Mas, com suas raízes num começo assim e no meio de tais sofrimentos e provas, a igreja continua crescendo.

Durante o período registrado nas duas partes deste livro, a igreja protestante na Coréia tem crescido desde o primeiro crente batizado em 1886, somente há noventa anos, para os atuais 2.689.918 membros adorando ao Senhor em 1.304 igrejas por toda a Coréia do Sul. Este crescimento, em outras palavras, tem acontecido durante o tempo de vida de algumas pessoas coreanas, bem como ocidentais, que ainda estão vivas hoje.

A imprensa religiosa e até mesmo secular e o rádio falam do crescimento fenomenal e o número de igrejas na Coréia. A atenção pública tem sido atraída para este pequeno país, onde um ajuntamento cristão, há três anos, atraiu mais de um milhão de pessoas, e no ano seguinte outra concentração de cristãos atraiu um milhão e quinhentas mil pessoas, o que foi considerado por alguns como o maior ajuntamento na história da Igreja Cristã.

Desde o batismo do primeiro cristão, há noventa anos, a igreja coreana tem sobrevivido a cinco guerras. Durante esse tempo o país tem visto constantemente tropas estrangeiras no seu solo, ou tem de fato sido ocupado em parte ou no todo por nações estrangeiras e agora, finalmente, é governado por regimes políticos opostos.

Hoje o país está dividido, não pela escolha da maioria do povo coreano, mas como resultado de um acordo feito entre os líderes da China, Rússia, Grã-Bretanha e Estados Unidos em Yalta, antes do fim da II Guerra Mundial. Como resultado desse acordo, desde 1945 um governo comunista ateu tem estado governando aquela metade do país, ao norte do Paralelo 38, onde a igreja originalmente começou e cresceu na sua maior força. E a área na qual a maior parte dos incidentes registrados em ambas as partes deste livro ocorreu.

Depois que os comunistas assumiram o poder na metade norte da Coréia, milhares de cristãos naquela área, especialmente ministros cristãos, oficiais de igreja e líderes, foram mortos por eles. Durante a Guerra Coreana, quando os exércitos comunistas avançaram sobre tudo menos o perímetro de 50 milhas em Pusan, muitos cristãos na Coréia do Sul também foram mortos pelas forças comunistas.

Antes da "cortina de bambu" ter-se tornado um "muro de ferro", no fim da guerra coreana, muitos milhares de cristãos conseguiram escapar para o sul com as massas se mudando para fugir do comunismo e contribuíram para o aumento populacional fenomenal na parte sul da Coréia da qual nós tanto ouvimos hoje.

Estatísticas e informações sobre a igreja na parte norte do país, onde o reavivamento aconteceu, não estão acessíveis hoje. Mas nós sabemos que a história não acabou e não acabará até que Cristo venha. Enquanto que, numericamente, a igreja na metade sul da Coréia continue a crescer de uma maneira notável, há muitas divisões e tem havido muitos adversários. A própria abertura da Coréia para o Evangelho tem dado oportunidade para o surgimento de muitas seitas de dentro, bem como de outras vindo de fora do país, fazendo com que a igreja seja, nas palavras de um conhecido hino,

Por cismas rasgada

Por heresias atribulada

Entretanto, nós sabemos que *os santos estão vigiando!* Que a história das raízes da igreja coreana e a sua sobrevivência apesar dos sofrimentos chame a atenção do leitor para a verdade de que o Cordeiro de Deus, somente ele, tira o pecado do mundo.

Nós cremos que o Senhor tem edificado esta igreja e, por isso, as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Que esta história possa servir de encorajamento para todos aqueles que estão trabalhando na edificação do seu reino, e que este relato possa levar o povo de Deus em todo lugar a orar uns pelos outros, especialmente por aqueles que estão passando por tempos de provação.

Ora vem, Senhor Jesus.

OS AUTORES

William Blair, estabeleceu-se em Pyongyang (Coréia do Norte) em 1901 e faleceu aos 93 anos, em 1970; Bruce Hunt, filho de missionários, nascido naquela cidade em 1904, serviu na Coréia com sua esposa (filha de Blair) até 1976. Blair, na primeira parte de sua missão, esteve no centro do grande avivamento de 1907 e o considerou o ponto crítico na história da igreja cristã na Coréia. Bruce Hunt, com a mesma opinião, reeditou os escritos de seu sogro sobre o tema e acrescentou os relatos sobre o batismo de sofrimento.

O Pentecoste Coreano



William Blair & Bruce Hunt

O Pentecoste Coreano não foi resultado de uma campanha evangelística nem teve qualquer afinidade com as tendências carismáticas atuais. Foi uma ação soberana do Espírito de Deus que trouxe profunda convicção de pecado e produziu uma geração da qual se podia dizer que de fato conhecia o Senhor.



EDITORIA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Telles Júnior, 382/394 - Cambuci

CEP 01540-040 - São Paulo - SP - Tel.: (011) 270-7099

Fax: (011) 279-1255 - Cx. Postal 15.136 - CEP 01599-970

Missões/Crescimento da Igreja/Reavivamento